

FERNANDO SCHWAB FIRME

**ENCLAVES RESIDENCIAIS : MORFOLOGIA URBANA E
ORGANIZAÇÃO DA VIZINHANÇA. O CASO DO BAIRRO
PEIXOTO EM COPACABANA
VOLUME I - PESQUISA**

BELO HORIZONTE
ESCOLA DE ARQUITETURA / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2010

FERNANDO SCHWAB FIRME

**ENCLAVES RESIDENCIAIS : MORFOLOGIA URBANA E
ORGANIZAÇÃO DA VIZINHANÇA. O CASO DO BAIRRO
PEIXOTO EM COPACABANA**

VOLUME I - PESQUISA

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ambiente
Construído e Patrimônio Sustentável MACPS
GESTÃO DO PATRIMÔNIO NO AMBIENTE
CONSTRUÍDO

Tutor : Prof. Dr. Ronaldo Guimarães Gouvêa

BELO HORIZONTE
ESCOLA DE ARQUITETURA / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

F524e Firme, Fernando Schwab
Enclaves residenciais : morfologia urbana e
organização de vizinhança : o caso do Bairro
Peixoto em Copacabana / Fernando Schwab
Firme. – 2010.
v. : il.

Orientador: Ronaldo Guimarães Gouvêa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal
de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Percepção espacial. 2. Urbanização – Rio de
Janeiro (RJ). 3. Urbanização – Copacabana (Rio
de Janeiro, RJ). 4. Urbanização – Peixoto (Rio de
Janeiro, RJ). 5. Planejamento urbano – Peixoto
(Rio de Janeiro, RJ). 6. Rio de Janeiro (RJ) –
História. 7. Copacabana (Rio de Janeiro, RJ) –
História. 8. Peixoto (Rio de Janeiro, RJ) – História.
I. Gouvêa, Ronaldo Guimarães. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III.
Título.

CDD: 711.4098153

Às queridas Solange e Bianca pelo apoio e colaboração.

A Alex Carneiro e Graça Maria França pelo apoio logístico inestimável.

À Associação de Moradores do Bairro Peixoto (OASIS) pela acolhida amigável.

A Steve e Martha Pelypec pela gentil cooperação.

Meu agradecimento.

***“Copacabana, o mar eterno cantor,
ao te beijar ficou perdido de amor
E hoje vive a murmurar:
Só a ti, Copacabana, eu hei de amar”***
(João de Barro – 1948)

***“Quand au hasard des jours
Je m'en vais faire un tour
A mon ancienne adresse
Je ne reconnais plus
Ni les murs, ni les rues
Qui ont vu ma jeunesse...”***
(Charles Aznavour - La Bohème)

RESUMO

Por não ter descendentes diretos, o Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca doou em 1938 todos os terrenos de sua chácara a cinco instituições de caridade. Na escritura de doação estabeleceu a destinação exclusivamente residencial para a área e o gabarito máximo de 3 pavimentos.

A urbanização do Bairro Peixoto em Copacabana, foi um processo tardio e com vários detalhes históricos, que ajudaram a criar uma área diferenciada urbanisticamente dentro do Bairro. O Distrito Federal recorreu ao seu qualificado corpo de engenheiros e arquitetos, cabendo ao engenheiro-urbanista José de Oliveira Reis a criação do projeto PA 2990. O escopo do projeto foi criar um bairro eminentemente residencial, em traçado misto, isolado e fechado ao tráfego de passagem na última área agrícola de Copacabana, isso em plenos anos 40 do séc XX.

O objeto do trabalho é o estabelecimento de relação entre as características físicas da área residencial e a consolidação dos laços de vizinhança por pesquisa qualitativa da percepção dos moradores, com amostragem por área, por grupo etário dominante e análise morfológica.

O parcelamento interiorizado e tangencial às vias coletoras parece ter sido uma medida acertada para a formação inicial desse núcleo de afabilidade e boa convivência. Entretanto, essa concepção recebeu golpe mortal com a escolha do transporte individual pela sociedade e as administrações como principal modo de deslocamento. O Bairro foi cortado ao meio pela Rua Figueiredo de Magalhães e se descaracterizou, tornando-se local de passagem, o que permite entrever um alerta em relação a comunidades desse tipo, onde a hierarquia viária não deveria ser alterada sob pena de fragmentação irreparável. O bairro se reduziu à metade a partir de 1953.

Parece ter sido colocado em segundo plano o valor cultural da paisagem urbana criada pela Comissão do Plano da Cidade e de seu entorno imediato.

O acesso a Botafogo nessa região, secundário dentro do sistema viário, recebeu investimentos que estimularam o transporte individual e mudaram a hierarquia viária do bairro, introduzindo uma via arterial numa área destinada à interiorização e à acessibilidade, repetindo os paradigmas do planejamento e *design* urbanos do século XX. (ROBERT MOSES x New York)¹

¹ SENNETT, R. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental.. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ABSTRACT

Since “Comendador” Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca did not have any descendants, in 1938 he donated all of his farm land plots to five charities. The donation deeds limited any future construction in that area to be up to three floors high and exclusively for residential purposes.

The Bairro Peixoto urbanization, in the Copacabana district, was a late process along with many historical details which contributed to the forging of a differentiated built up area inside that district. The Distrito Federal resorted to its qualified engineers and architects team. The creation of project PA 2990 was up to the town planning engineer José de Oliveira Reis. The project scope was to create a solely residential district, in a mixed sketch, isolated and closed to thru traffic in the last agricultural Copacabana land plot, in the middle of the 40's in the 20th century.

The purpose of this work is to establish, by means of a qualitative survey among residents, with sampling segmented by area, by age group and morphological analysis, any relationships between that residential area physical characteristics and the consolidation of neighborhood bonds.

The inner plotting which is tangent to the collection of roads seems to have been a right approach for the initial make up of this friendliness and good living together nucleus. However, this concept received a death blow, as individual transportation was chosen by society and the municipality as the main mode of moving around. The Bairro was split in the middle by Rua Figueiredo de Magalhães and it lost its character, becoming a pass thru, which provides an alert for communities like this, where the roads hierarchy should not have been altered under penalty of irreparable fragmentation.

It seems that the cultural value of the urban landscape created by the City Planning Commission and its immediate surroundings took the back seat.

This region access to the Botafogo district, which was secondary in the road system, received investments which stimulated the individual transportation and changed the district road hierarchy, introducing an arterial road in an area intended for internalization and accessibility, replicating the urban planning and design paradigms of the 20th century (ROBERT MOSES x New York).

LISTA DE FIGURAS

FIG 1	ENCLAVE DO BAIRRO PEIXOTO (COPACABANA - RJ).....	27
FIG 2	MACIÇO DA SERRA DA TIJUCA.....	32
FIG 3	MACIÇOS E BAIXADAS DO RIO DE JANEIRO.....	33
FIG 4	BICA DE SÃO CRISTOVÃO PELO IMPERADOR (1817).....	34
FIG 5	OROGRAFIA DE COPACABANA.....	37
FIG 6	MODELAGEM DO SÍTIO ORIGINAL DE COPACABANA.....	38
FIG 7	CAMINHO DE NOSSA SENHORA.....	40
FIG 8	IGREJINHA E N. SENHORA DE COPACABANA.....	40
FIG 9	IGREJA DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA.....	41
FIG 10	A FAZENDA DA LAGOA.....	41
FIG 11	A RUA DO HOSPÍCIO É ATUAL R.BUENOS AIRES NO CENTRO DA CIDADE.....	45
FIG 12	PROPRIEDADES DA EMPRESA DE CONSTRUÇÕES CIVIS.....	45
FIG 13	ALEXANDRE WAGNER.....	46
FIG 14	PRIMEIRAS VIAS PROJETADAS EM COPACABANA (1894). ABERTURA DO TÚNEL DA RUA REAL GRANDEZA	47
FIG 15	(T.VELHO - 1892).....	50
FIG 16	Dr. JOSÉ CUPERTINO COELHO CINTRA, “PAI DE COPACABANA”.....	51
FIG 17	TÚNEL ENG, COELHO CINTRA (1904).....	52
FIG 18	ANÚNCIO DE CONSTRUÇÕES LIVRES EM COPACABANA / IPANEMA.....	53
FIG 19	HOTEL COPACABANA PALACE (1923).....	54
FIG 20	LIDO - CORAÇÃO DE COPACABANA.....	56
FIG 21	ATERRO PARA CONSTRUÇÃO DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO.....	58
FIG 22	ANTIGO TERMINAL COM RAMPA PARA HIDROAVIÇÕES... RAMPA E HANGAR DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO	58
FIG 23	RAMPA E HANGAR DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO	59
FIG 24	RAMPA E HANGAR DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO	59
FIG 25	ESTAÇÃO DE HIDROS DE ATÍLIO CORREIA LANA.....	60
FIG 26	POSTER DO FILME DE 1933.....	61
FIG 27	A ATRIZ DOLORES DEL RIO (1933).....	61
FIG 28	“MODERNO” DC-3 DA PAN AMERICAN DIANTE DO TERMINAL.....	62
FIG 29	PA 2990 DE 14 DE JUNHO DE 1938.....	64
FIG 30	PA 3281 DE 28 DE NOVEMBRO DE 1939.....	65
FIG 31	PA 3850 DE 13 DE MAIO DE 1943.....	65
FIG 32	ANTIGA PRAÇA SANTA LEOCÁDIA - CINEMA ROXY.....	66
FIG 33	BAIRRO PEIXOTO AINDA COM HORTAS, BAMBUZAL E A CASA DO COMENDADOR.....	69
FIG 34	CHÁCARA PEIXOTO - (1937).....	69
FIG 35	BAIRRO PEIXOTO - (1940).....	70
FIG 36	A RUA FIGUEIREDO DE MAGALHÃES AINDA EM PROJETO.....	71
FIG 37	PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT - ANOS 40.....	72

FIG 38	PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT - ANOS 40.....	72
FIG 39	PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT - ATUAL.....	73
FIG 40	IDOSOS NA PRAÇA.....	74
FIG 41	IDOSOS NA PRAÇA.....	74
FIG 42	NAMORO NA PRAÇA.....	75
FIG 43	TÚNEL VELHO DUPLICADO EM LARGURA.....	77
FIG 44	EXTRATOS DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO RIO DE JANEIRO ,ANO III Nº 46 E Nº 247.....	79
FIG 45	IDEM.....	80
FIG 46	IDEM.....	81
FIG 47	IDEM.....	82
FIG 48	BAIRRO PEIXOTO - TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS.....	83
FIG 49	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	87
FIG 50	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	87
FIG 51	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches e grupo IV).....	88
FIG 52	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	88
FIG 53	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo I).....	89
FIG 54	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	89
FIG 55	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	90
FIG 56	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	90
FIG 57	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	91
FIG 58	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	91
FIG 59	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	92
FIG 60	ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL (grupo I).....	92
FIG 61	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	93
FIG 62	CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches).....	94
FIG 63	IMÓVEL NÃO TUTELADO IMITANDO grupo I.....	94
FIG 64	UMA ESCALA AMEAÇADA A PRESERVAR (grupo II - pastiche).....	95
FIG 65	UMA ESCALA AMEAÇADA A PRESERVAR (grupo IV).....	95
FIG 66	CEDENDO TERRENO PAULATINAMENTE (grupo IV).....	96
FIG 67	CEDENDO TERRENO PAULATINAMENTE (grupo II).....	96
FIG 68	ESTACIONAMENTO GRATUITO DA PRAÇA E ENTORNO É ATRAENTE.....	97
FIG 69	O PROCESSO DE SUBSTITUIÇÃO COM A DEMOLIÇÃO PROSEGUE.....	97
FIG 70	SETORES HOMOGÊNEOS DO BAIRRO PEIXOTO.....	98
FIG 71	SETORES HOMOGÊNEOS DO BAIRRO PEIXOTO.....	99
FIG 72	SETORES HOMOGÊNEOS DO BAIRRO PEIXOTO.....	99
FIG 73	INÍCIO DO SHOPPING CIDADE COPACABANA - DEMOLIÇÃO DE CASAS.....	102
FIG 74	MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA.....	115
FIG 75	“MADAME”.....	123
FIG 76	TIROTEIO COM A POLÍCIA DEIXA MORTOS, NA LADEIRA DOS TABAJARAS.....	124
FIG 77	DIA DA CRIANÇA NA PRAÇA.....	126

LISTA DE QUADROS E TABELAS

GRÁFICO 1	CRONOGRAMA DE TRABALHO.....	106
TABELA 1	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DE COPACABANA POR FAIXAS ETÁRIAS - CENSO IBGE 2000.....	110
TABELA 2	RESIDENTES ADULTOS (18 - 80 ANOS OU MAIS) POR SETORES CENSITÁRIOS DO BAIRRO PEIXOTO - COPACABANA - CENSO 2000.....	112
QUADRO 1	FAIXAS ETÁRIAS.....	114
QUADRO 2	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA NA ÁREA, SEGUNDO RESIDÊNCIA.....	114
QUADRO 3	QUALIDADES DO BAIRRO PEIXOTO SEGUNDO OS MORADORES.....	116
QUADRO 4	DEFEITOS DO BAIRRO SEGUNDOS OS MORADORES.....	117
QUADRO 5	TEMPO DE RESIDÊNCIA.....	118
QUADRO 6	INTENÇÃO DE DEIXAR A ÁREA.....	118
QUADRO 7	ENCONTRA TUDO O QUE PRECISA?.....	118
QUADRO 8	ELEMENTOS DE CONSOLIDAÇÃO DA VIZINHANÇA - MODA.....	119
QUADRO 9	TRÂNSITO TANGENCIAL E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA / CONTAGEM DE VEÍCULOS POR HORA - BAIRRO PEIXOTO / 9:00 hs.....	120
QUADRO 10	RELACIONAMENTO ENTRE VIZINHOS.....	120
QUADRO 11	CATEGORIAS PROFISSIONAIS NA AMOSTRA ENTREVISTADA.....	121
QUADRO 12	LOCAIS DE ENCONTRO PREDOMINANTES.....	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	JUSTIFICATIVA.....	14
3	METODOLOGIA.....	16
3.1	TÉCNICAS DE PESQUISA.....	19
3.2	VARIÁVEIS INVESTIGADAS.....	20
3.3	OBJETO DE ESTUDO.....	21
4	GLOSSÁRIO.....	22
5	ESTUDO DE CASO.....	26
6	PREMISSA.....	28
7	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	29
7.1	OROGRAFIA GERAL DO RIO DE JANEIRO.....	32
7.2	ANTECEDENTES.....	39
7.3	CAMINHOS PARA COPACABANA.....	43
8	FORMAÇÃO DO BAIRRO PEIXOTO.....	63
8.1	A COMUNIDADE SE ORGANIZA.....	76
8.2	MORFOLOGIA URBANA DO PEIXOTO.....	83
9	O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DE COPACABANA.....	100
10	AMOSTRAGEM SIGNIFICATIVA.....	104
10.1	CRONOGRAMA DE TRABALHO.....	106
10.2	FORMULÁRIO DE PESQUISA.....	107
10.3	TABULAÇÃO DE FORMULÁRIOS - BAIRRO PEIXOTO.....	110
10.4	ANÁLISE DA TABULAÇÃO.....	122
10.5	CONCLUSÃO.....	130
11	ANEXO 1 - MAPAS DOS 39 SETORES CENSITÁRIOS DO BAIRRO PEIXOTO.....	133
12	ANEXO 2 - LEI QUE CRIA A APA DO BAIRRO PEIXOTO E REGULAMENTAÇÃO.....	155
13	REFERÊNCIAS.....	159

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a morfologia urbana e a organização de vizinhança, se estabelecida, poderia ser o caminho para orientar novos parcelamentos urbanos onde as interações sociais entre os grupos primários, formados por afinidade, pudessem ser facilitadas. [...]“A cidade mais humana caracterizada pela desaceleração dos fluxos e acessível a todos, seria uma estrutura mais lenta onde o movimento das coisas estaria subordinado ao movimento das pessoas. Os ensaios nessa direção seriam práticas de desenho urbano desejáveis.” (DUARTE, 2006)

O objeto do trabalho é o estabelecimento de relação entre as características físicas de uma área residencial e a consolidação dos laços de vizinhança por pesquisa qualitativa com amostragem por área e por grupo etário dominante e análise morfológica, tendo como estudo de caso o Bairro Peixoto em Copacabana, Rio de Janeiro (RJ).

A dissertação de mestrado de Gilberto Velho (UFRJ, 1970) utilizou abordagem antropológica na investigação de fenômeno urbano pela primeira vez entre nós :

“[...]lembro-me nitidamente de que, quando estava para sair do Grajaú, anunciava orgulhosamente para a professora e os colegas de escola primária que ia morar em Copacabana. Havia no ar uma certa admiração e, achava eu, inveja. Havia um certo ar “aristocrático” em torno do bairro que me privilegiava.” (VELHO,1970. A Utopia Urbana.)

“[...] posso não ter dinheiro, mas se um dia tiver, tudo está aqui pertinho.” (palavras de um morador, in VELHO,1970. A Utopia Urbana.)

As técnicas de marketing vendem a Barra da Tijuca hoje como o novo Eldorado, onde os “erros” de Copacabana não voltarão a ser repetidos. Isso se reflete nos nomes dos primeiros condomínios lançados : “Novo Leblon” e “Nova Ipanema”.

Os conceitos de mancha urbana, pedaço, trajeto e pórtico, desenvolvidos pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo – NAU/USP, relacionam territórios físicos e redes de relações, criando códigos capazes de separar, ordenar e classificar o

espaço urbano. (MAGNANI,1982.) O urbanista grego Konstantin Doxiadis identificou nos anos 60 sete comunidades ou “pedaços” que se superpõem em Copacabana : o Leme, o Lido, os postos 3, 4, 5,6 e o Bairro Peixoto. Esses recortes colocam lado a lado o grande e o pequeno burguês, as classes médias e as favelas.

2 JUSTIFICATIVA

Entre os elementos que participam da forma das cidades, as ruas são o suporte por excelência da circulação urbana. Há um ordenamento entre os elementos estruturantes da morfologia urbana : o lote, a quadra e a rua. O lote marca o limite do terreno individual, onde se edifica; a quadra é a agregação de vários lotes e as ruas, delimitando as quadras e provendo acesso aos lotes edificados representa o espaço público. O tecido urbano é a articulação de todos esses elementos morfológicos associados às práticas cotidianas dos usuários e moradores.

As ruas são também o elemento de ligação entre as quadras nas várias escalas da cidade formando a rede viária. Seu movimento compreende os passantes, os moradores e usuários permanentes como comerciantes e comerciários formando também uma rede de relações com vários níveis de profundidade, que vão do cumprimento à ajuda mútua e à vigilância. Essa condição de vizinhança exige também concessões como a tolerância e certa perda de privacidade para que certos conflitos sejam superados e se atinja um certo equilíbrio onde todos se sintam seguros e convidados a participar da vida do *pedaço* com sentimento de posse ou pertencimento à centralidade que define o bairro.(SANTOS,1988)

Ao contrário dos condomínios fechados ou de acesso controlado, verdadeiras vilas sem saída que copiam o modelo dos subúrbios americanos, os assentamentos em enclave, apresentam várias saídas e entradas de trânsito local e sentido único de circulação, permitindo o livre percurso interno. A interligação das vias locais com outras vias da vizinhança é que fica limitada por lotes particulares, equipamentos comunitários ou acidentes geográficos (*fixation lines*). Assim, apesar de apresentar a mesma

configuração morfológica estruturante da cidade, suas vias são mais utilizadas pelos moradores e usuários permanentes.

Essa baixa permeabilidade deriva do traçado em árvore cujos ramos não atingem a periferia das glebas na maioria dos casos, limitando-se essas vias a um pequeno número de acessos sem a necessidade de muros de vedação. Existe uma certa semelhança com as vilas residenciais de meados do séc.XX, com densificação do miolo das quadras, hoje uma opção de moradia muito procurada em função da segurança que oferecem, exceto pela ausência de acesso controlado.

Revisitando uma dessas vilas na Tijuca, o Bairro Gratidão – Rua Gen. Espírito Santo Cardoso 350 - com cerca de 30 casas geminadas, encontrei, no ano 2000, o acesso controlado por porteiro eletrônico e várias pessoas interessadas na aquisição ou aluguel de casas. A justificativa seria a segurança relativa para as crianças e o relacionamento fácil num condomínio onde todos se encontram e conhecem.

Lembrei-me de uma temporada em que morara na vizinhança do Bairro Peixoto, em Copacabana, onde a atmosfera era a mesma, porém sem a necessidade do acesso controlado e das grades. Percebi ser uma qualidade notável daquele local e que poderia ter uma explicação na visão de seus moradores, capaz de orientar ocupações semelhantes em outras localidades.

3 METODOLOGIA

O Método do Estudo de Caso é uma das maneiras mais comuns de se fazer estudos de natureza qualitativa em ciências sociais aplicadas.

A abordagem qualitativa tem sido freqüentemente utilizada em estudos voltados para a compreensão da vida humana em grupos, em campos como sociologia, antropologia, psicologia, dentre outros das ciências sociais. Os preconceitos existentes em relação ao Método do Estudo de Caso são externalizados em afirmativas como:

- os dados podem ser facilmente distorcidos ao bel prazer do pesquisador, para ilustrar questões de maneira mais efetiva;
- os estudos de caso não fornecem base para generalizações científicas.

São questões que podem estar presentes em outros métodos de investigação científica e não são inerentes ao Método do Estudo de Caso.

No Método do Estudo de Caso a ênfase está na compreensão, fundamentada basicamente no conhecimento tácito que tem uma forte ligação com intencionalidade, a ampliação da experiência. O caso é uma unidade de análise, que pode ser um indivíduo, o papel desempenhado por um indivíduo ou uma organização, um pequeno grupo, uma comunidade ou até mesmo uma nação. Todos esses tipos de caso são unidades sociais. O Bairro Peixoto em Copacabana é um grupo peculiar, assim como outros enclaves semelhantes, que conservam características peculiares de convivência sem o recurso da “fortificação” de suas fronteiras. Sua escolha foi inteiramente subjetiva e em função de sua reputação como “lugar”, reconhecida por toda a cidade. “Entende-se por LUGAR um espaço físico que adquire conotações afetivas para aquela sociedade, através da inter-relação homem/meio ambiente.” (GOYA, 1996, p.87)

O Método do Estudo de Caso é bastante amplo, pois permite que o fenômeno seja estudado com base em situações contemporâneas, que estejam acontecendo, ou em situações passadas, que já ocorreram e que sejam importantes para a compreensão das questões de pesquisa colocadas.

O método de estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo. Estudos de campo são investigações de fenômenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do pesquisador. Seu objetivo é compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito dos aspectos característicos do fenômeno observado.

Embora os métodos de coleta de dados mais comuns em um estudo de caso sejam a observação e as entrevistas, nenhum método pode ser descartado. Os métodos de coleta de informações são escolhidos de acordo com a tarefa a ser cumprida.

O estudo de caso é particularmente apropriado para pesquisadores individuais, pois dá a oportunidade para que um aspecto de um problema seja estudado em profundidade dentro de um período de tempo limitado.

Todas as teorias se baseiam inicialmente em um caso ou objeto particular. O estudo detalhado desse caso ou objeto originará uma ou mais teorias que podem ser validadas por outros objetos ou casos.

O bairro de Santa Teresa, a vizinhança do Clube Mackenzie em Belo Horizonte, o Leme e a Urca tem características semelhantes e poderiam se constituir em outros estudos de caso capazes de confirmar uma premissa a respeito das vantagens desse tipo de parcelamento para a consolidação dos laços de vizinhança. [...]“Se em dadas condições, um determinado fenômeno, sempre que pesquisado, se repetiu, é de se admitir que em futuras verificações o mesmo suceda.” (POPPER,1993)

Os estudos de caso são um tipo de estudos muito particulares e que para serem eficientes devem ter o seu objeto de estudo bem definido, o caso escolhido deve ser representativo do problema ou fenômeno a estudar, os materiais e dados devem ser recolhidos com precaução, a sua linguagem deve ser homogênea e clara e as conclusões produzidas devem ser bem explícitas e representarem informações novas.

Nosso horizonte de pesquisa não nos permitiu fazer uma análise comparativa de várias localidades para chegar a uma generalização mais consistente, o que não impede que futuramente essa tarefa possa ser complementada com o acréscimo de novos casos de enclaves residenciais.

3.1 TÉCNICAS DE PESQUISA

- Formulários de campo com amostragem aleatória simples por área, e por grupo (adultos de 20 a 60 anos e mais), que constituem 82,5% da população de Copacabana. (IBGE, Censo 2000) para investigar a percepção dos moradores em relação à consolidação da vizinhança.
- Observação direta com medição de fluxos viários e mapeamento de morfologia urbana. (CONZEN,1968)
- Pesquisa documental sobre formação e evolução do bairro de Copacabana e do enclave do Bairro Peixoto, ajustamento da população local verificada no Censo de 2000, por projeção, ao ano de 2008, através da taxa de crescimento geométrico do bairro de Copacabana.
- Análise das informações e percepções apresentadas nas entrevistas.

3.2 VARIÁVEIS INVESTIGADAS

- Elementos de Consolidação de Vizinhança.
- Volume de Trânsito interno e externo.
- Locais facilitadores de contatos interpessoais.
- Festividades e comemorações tradicionais locais.
- Outros eventos coletivos locais.
- Limites do “pedaço”.(MAGNANI,1982)
- Ocupações dos entrevistados.
- Tempo de Permanência.
- Faixas etárias.
- Locais de residência. (Ruas)

3.3 OBJETO DE ESTUDO

Morfologia Urbana e Organização de Vizinhança

Assim como vizinhanças (des)organizadas e a morfologia urbanas podem contribuir para o avanço da criminalidade (ROCHA, PAIVA, PEREIRA, 2007), os mesmos condicionantes quando equilibrados poderiam favorecer relações de vizinhança afáveis e duradouras.

Para a maioria dos profissionais em psicologia, a percepção diz respeito ao processo através do qual os objetos, pessoas, situações ou acontecimentos reais se tornam conscientes.

Para a multiplicidade de estímulos, o ser humano não é um receptor passivo. O ser humano seleciona e discrimina os estímulos de tal modo que os mesmos possam ser interpretados de diferentes modos, por diferentes sujeitos. A percepção do mundo exterior é algo que se vai construindo através do processo de comunicação interpessoal, apesar de se tratar de um processo interno. Ela desenvolve-se em função do contexto sócio-cultural em que se vive. O comportamento de cada um, forma-se em função da imagem que adquire do mundo, em função da experiência, das pessoas e das coisas percebidas, em suma, em função da percepção que se faz da realidade.

O grupo residente adulto tem capacidade de responder às necessidades dos indivíduos, mas um só grupo não satisfaz a estas necessidades. Daí o indivíduo necessitar pertencer a vários grupos. O grupo comporta-se como tal enquanto se mantém. A influência, quer em qualidade quer em intensidade, dos vários membros do grupo vai delinear a forma como o grupo se comporta. [...]”A percepção define-se como o processo de organizar e de interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos.” (DAVIDOFF, Linda, 1983)

4 GLOSSÁRIO

- AFÁVEL : Aprazível, agradável. Fácil e cortês nas relações .
- COESÃO : Harmonia, concordância, união.
- COESÃO DE GRUPO : É o grau em que seus membros se sentem com ele identificados. Grupo coesivo é aquele ao qual os membros individuais sentem pertencer. Quanto mais coesivo o grupo, maior a pressão sobre os membros para a comunicação. (KLINEBERG,1963)
- COMUNITÁRIO : Respeitante à comunidade, considerada quer como estrutura fundamental da sociedade, quer como tipo ou forma específica de agrupamento.
- CONTEXTUALIZAÇÃO : De forma geral, é o ato de vincular o conhecimento à sua origem e à sua aplicação. A contextualização também pode ser entendida como um tipo de interdisciplinaridade, na medida em que aponta para o tratamento de certos conteúdos como contexto de outros. Saber contextualizar é primordial na construção da arquitetura da informação e é, conceitualmente, uma tarefa parecida à roteirização de um texto.
- COSMOPOLITA : Liberto de qualquer tipo de preconceito nacional, étnico, sexual ou religioso. Que aceita as diferenças.
- ENCLAVE : Terreno ou território encravado noutro, de características diferentes. Em geografia, um enclave é um território totalmente cercado por um território estrangeiro. No nosso caso o termo se aplica por se tratar de um tecido urbano diferenciado cercado por áreas de maior densidade e limites topográficos naturais.

- *FIXATION LINES* : Diz-se em Morfologia Urbana de certos controles ao crescimento de uma cidade que estruturam seu desenho urbano : muralhas, canais, montanhas, rios, lagoas, morros.
- GRUPO : Número de pessoas cuja comunicação recíproca se realiza direta e frequentemente. (HOMANS,1967)
- GRUPOS PRIMÁRIOS : São os caracterizados por associação e cooperação íntima e direta (COOLEY,1909).
- LIMITES : Elementos lineares que são fronteiras entre duas fases ou zonas. São pontos de referência laterais. (LYNCH,1960)
- MÉTODO : A palavra método vem do grego *methodos*, (caminho para chegar a um fim). O método científico é um conjunto de regras básicas para desenvolver uma experiência a fim de produzir novo conhecimento, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes.
- NÓS : Pontos estratégicos da cidade onde o observador pode penetrar. São o foco ou resumo de um bairro, seu centro de polarização. (LYNCH,1960)
- OROGRAFIA : Em geografia, chama-se orografia ao estudo das nuances do relevo de uma região.
- PEDAÇO : O primeiro contexto onde se pode perceber a relação entre uma forma de sociabilidade e determinada delimitação do espaço urbano é o bairro. A categoria “pedaço” é um recorte intermediário que diferencia o “fora de casa” do resto do mundo exterior. Sua delimitação pode ser estabelecida a partir do discurso e da prática concreta dos personagens diretamente envolvidos nessa rede de relações. Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos códigos

diferenciam as pessoas da sociedade mais ampla do bairro (mancha) e da própria zona ou da cidade. As fronteiras entre essas várias escalas seriam os “pórticos” e os percursos que ligam as manchas seriam os trajetos dentro da metrópole. O Bairro Peixoto seria um “pedaço” da mancha de Copacabana cujos “pórticos” seriam estabelecidos por seus moradores em seus vários “trajetos” pela Zona Sul e pela cidade do Rio de Janeiro.

- **PERCEPÇÃO** : A percepção diz respeito ao processo através do qual os objetos, pessoas, situações ou acontecimentos reais se tornam conscientes.
- **PLACEMARKETING** : Prática adotada pela indústria da construção civil na venda de novos lugares urbanos. *Marketing* é o conjunto de estratégias e ações que provêem o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor.
- **PSICOGEOGRAFIA** : Estudos dos efeitos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos.
- **PSICOLOGIA SOCIAL** : É a área da Psicologia que procura estudar a interação do indivíduo influenciado por outros indivíduos. Estudo das "manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação". (RODRIGUES N.,1939)
- **RESTINGA** : No Brasil, chama-se restinga a um terreno arenoso e salino, próximo ao mar e coberto de plantas herbáceas características.
- **SER SOCIAL** : O homem como ser social, um ser de relações sociais, está em permanente movimento. Estamos sempre nos transformando, apesar de aparentemente nos mantermos iguais. Isso porque nosso mundo interno se

alimenta dos conteúdos que vêm do mundo externo e, como nossa relação com esse mundo externo não cessa, estamos sempre como que fazendo a "digestão" desses alimentos e, portanto, sempre em movimento, em processo de transformação. (KLINEBERG,1960)

- **SESMARIA** : A coroa portuguesa concedeu extensas doações de terra chamadas *sesmarias*, durante o período colonial; foi o único meio de obtenção de terras e seu título de propriedade durante todo o período colonial.
- **SOCIAL FACILITATION** : Tendência dos indivíduos apresentarem melhor desempenho em tarefas simples, que dominam bem, na presença de outras pessoas do que sozinhas. O efeito é devido mais ao fenômeno da competição do que à simples presença do outro. (É termo de pouca aceitação) (TRIPLETT,1898)
- **TIPO** : É um objeto a partir do qual podem ser concebidas obras totalmente diferentes entre si. Suas características são imprecisas. (Quatremère de Quincy, séc XVIII)
- **TOPOLOGIA** : É o estudo e a descrição minuciosos de uma superfície.
- **UNIDADE DE VIZINHANÇA** : Em 1923, Clarence Perry, inspirado em Ebenezer Howard, conceituava a Unidade de Vizinhaça onde os equipamentos urbanos deveriam estar próximos das habitações e estas não deveriam ser cortadas por vias de trânsito de passagem, mas apenas tangenciadas por elas, preservando a vida comunitária e dando segurança às crianças e pedestres.

5 ESTUDO DE CASO

O Bairro Peixoto, área remanescente da urbanização de Copacabana no início do séc.XX, foi uma chácara habitada por famílias portuguesas que trabalhavam como meeiras do Comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca que criava gado de leite e vendia forragem para animais na esquina das ruas do Barrozo (Siqueira Campos) e Tonelero.

A urbanização de Copacabana, iniciada com a abertura do túnel Alaor Prata em 1892 e da ligação de Botafogo com as terras de Alexandre Wagner, parceladas e com infraestrutura desde o início do séc.XX, deixou como enclave essa área doada a cinco instituições beneficentes em 1938, por falta de descendentes diretos.

Parcelada por iniciativa dessas instituições, teve uso residencial registrado em cartório pelo antigo proprietário e transformou-se num “oásis” em meio ao veloz desenvolvimento e densificação do entorno a partir dos anos 20.

Caracterizado pela organização de seus moradores, foi transformado em Área de Preservação Ambiental através da lei municipal nº1390, regulamentada através do Decreto n.º 9.226 de 1990, que estabeleceu parâmetros de proteção cultural para o bairro.

[...]“Quando uma história, um sinal ou um significado vêm ligar-se a um objeto, aumenta o seu valor enquanto marco.” (LYNCH, 1997, p.90)

Consagrado como local residencial privilegiado por toda a cidade, o Bairro Peixoto tornou-se um marco referencial de Copacabana (*landmark*), apesar de contrariar a definição de Lynch de que tais elementos de imagem urbana não pudessem ser penetrados pelo observador. É um elemento intermediário entre o “nó” representado pela praça fechada, o foco do bairro, o ponto de encontro e o símbolo de equilíbrio que o caracteriza como lugar.

ENCLAVE DO BAIRRO PEIXOTO – COPACABANA – RIO DE JANEIRO (RJ)

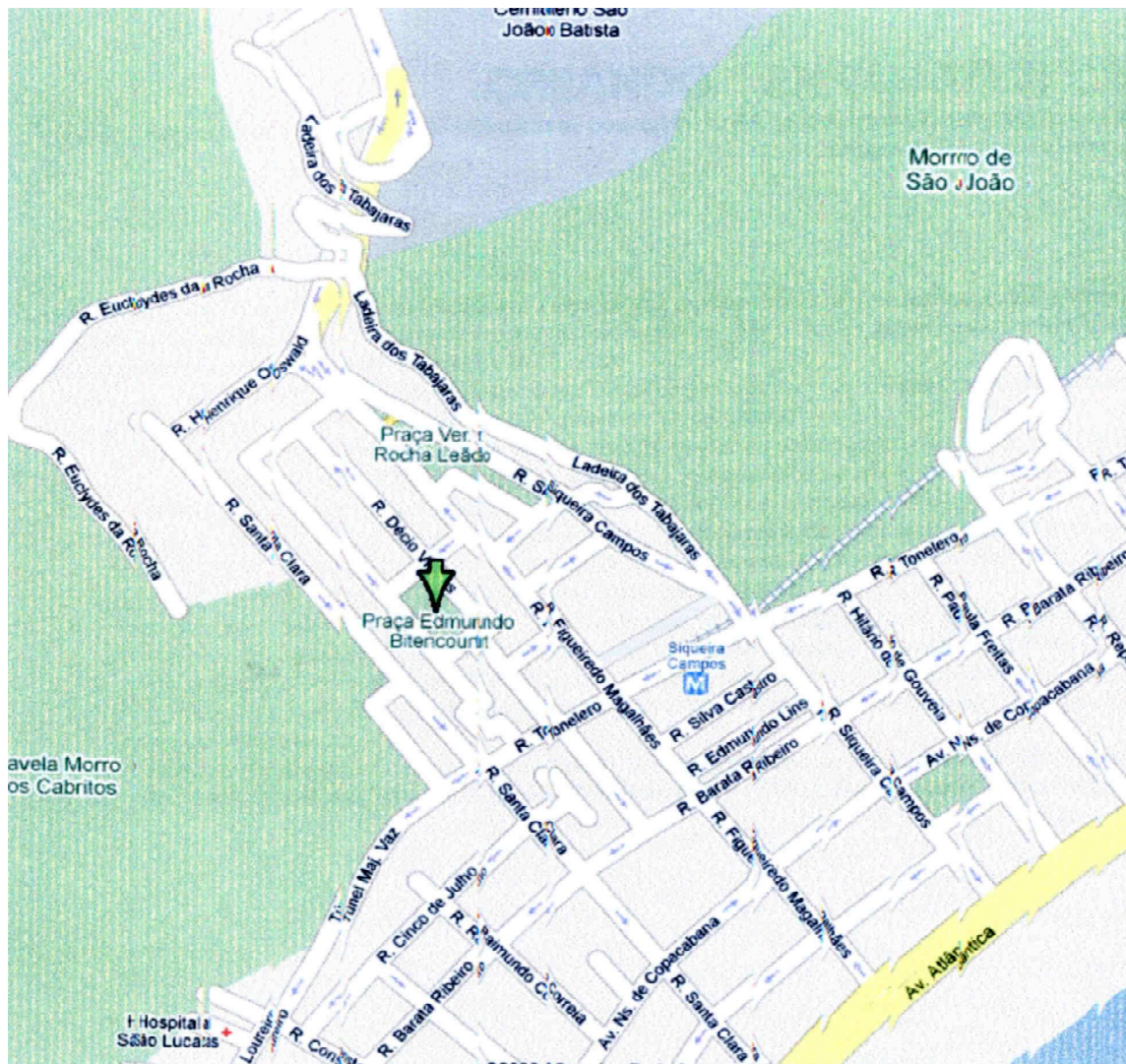


FIGURA 1 - Fonte: Google Maps

6 PREMISSA

Pode haver ligação entre a morfologia urbana de uma área residencial e a organização da vizinhança. Procura-se uma diretriz provável partindo de fatos particulares conhecidos, utilizando raciocínio indutivo e o Método de Estudo de Caso.

A rua como espaço público é um espaço para ser vivenciado, para “ver” e para “ser visto”. O indivíduo deve assumir na rua, comportamentos impostos por um padrão determinado pela sociedade e deve representar seu papel segundo sua função social.

Neste espaço, nenhum fato é suspeito e ao mesmo tempo, todos são suspeitos, o que gera, ainda que inconscientemente, uma posição de defesa, por vezes, meio agressiva em relação ao que é do outro, ou se falamos de espaços, em relação ao público. Na medida em que há vários grupos que utilizam um espaço, há em certas situações uma concorrência pelo uso do espaço, o que torna necessária a existência de certos limites ou regras de utilização. São acordos permanentemente em construção e acontecem, a partir deste conjunto de relações sociais.

Mesmo com os conflitos que as relações sociais podem propiciar, pode-se perceber, então, que a rua é um espaço vital no conjunto social, sendo ela, mais que uma via ou um caminho de circulação. Ela aparece neste contexto, quando há integração social, como extensão do convívio doméstico e familiar para grande família social.

O conceito sociológico de vizinhança em seu entendimento clássico é uma área onde os habitantes se conhecem pessoalmente, têm hábito de se visitar, ou de trocar objetos, serviços e de fazer de vez em quando coisas em comum. Na escala do Peixoto podemos encontrar ainda hoje esse nível de relação. Sem esse espírito “cosmopolita” teria sido mais difícil abordar pessoas desconhecidas nas ruas para pesquisar sua percepção sobre a área.

7 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os jesuítas faziam parte de uma ordem religiosa católica chamada Companhia de Jesus. Criados com o objetivo de disseminar a fé católica pelo mundo, os padres jesuítas eram subordinados a um regime de privações que os preparavam para viver em locais distantes e se adaptar às mais adversas condições. No Brasil, eles chegaram em 1549 com o objetivo de cristianizar as populações indígenas do território colonial.

Incumbidos dessa missão, promoveram a criação das missões, onde organizavam as populações indígenas em torno de um regime que combinava trabalho e religiosidade. Ao submeterem as populações aos conjuntos de valores da Europa, minavam toda a diversidade cultural das populações nativas do território. Além disso, submetiam os mesmos a uma rotina de trabalho que despertava a cobiça dos bandeirantes, que praticavam a venda de escravos indígenas.

Ao mesmo tempo em que atuavam junto aos nativos, os jesuítas foram responsáveis pela fundação das primeiras instituições de ensino do Brasil Colonial. Os principais centros de exploração colonial contavam com colégios administrados dentro da colônia. Dessa forma, todo acesso ao conhecimento laico da época era controlado pela Igreja. A ação da Igreja na educação foi de grande importância para compreensão de dois traços da nossa cultura:

- o grande respaldo dado às escolas comandadas por denominações religiosas.
- a predominância da fé católica em nosso país.

Além de contar com o apoio financeiro da Igreja, os jesuítas também utilizavam da mão-de-obra indígena no desenvolvimento de atividades agrícolas. Isso fez com que a Companhia de Jesus acumulasse um expressivo montante de bens no Brasil. Fazendas de gado, olarias e engenhos eram administradas pela ordem. Ao longo da colonização, os

conflitos com os bandeirantes e a posterior redefinição das diretrizes coloniais portuguesas deram fim à presença dos jesuítas no Brasil.

Os jesuítas não admitiam perder as terras por eles cultivadas. O conflito de interesses abriu espaço para o início das Guerras Guaraníticas na região dos Sete Povos das Missões. Os espanhóis e portugueses, contando com melhores condições, venceram os índios e jesuítas no conflito que se deflagrou entre 1754 e 1760.

Depois do incidente o Marques de Pombal ordenou a saída dos jesuítas do Brasil. Tal ação fazia parte de um conjunto de medidas que visavam ampliar o controle da Coroa Portuguesa sobre suas posses. Em 1759, portanto, os jesuítas foram expulsos do Brasil fazendo com que fosse então instituída a educação pública estatal e suas terras passassem ao domínio da Coroa ou fossem leiloadas.

A história da presença dos padres e irmãos jesuítas no Rio de Janeiro se confunde com a própria história da cidade. Com a expulsão dos franceses em 1567, a cidade se transfere para a região do Morro do Castelo. É lá que, naquele mesmo ano, é fundado o Colégio dos Jesuítas, tendo o Padre Manoel da Nóbrega como primeiro reitor. Surge em 1576 o Engenho D'El Rey, onde hoje se localiza o Jardim Botânico.

A Companhia de Jesus foi restaurada em 1814, mas os padres jesuítas não mais reassumiriam o Colégio no Morro do Castelo, sendo este transformado em repartição militar. Mais tarde, por ocasião da grande Feira Internacional de 1922, o Colégio e todo o Morro do Castelo foram obrigados a ceder lugar ao "progresso": o morro foi desmontado e a igreja e o antigo prédio do Colégio demolidos, abrindo espaço para o acelerado crescimento urbano da cidade.

As fazendas dos jesuítas eram tão importantes para o governo colonial que suas terras não foram logo postas em leilão, após a expropriação, tendo sido incorporadas ao patrimônio oficial por D. João VI, após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808. Os jesuítas, apoiados financeiramente pela Igreja Católica e através de Sesmarias e Doações, acumularam expressivo montante de bens : fazendas de gado, de café, olarias e engenhos de açúcar. A grande maioria dos bairros do Rio de Janeiro resultou do desmembramento dos engenhos em chácaras e destas em lotes destinados a camadas mais populares, numa fase posterior de ocupação. Seu primeiro engenho, na Fazenda de São Francisco Xavier, conhecido como Engenho Velho situava-se em São Cristóvão. O Engenho Novo (Sesmaria de Iguaçu) ocupava o Grande Méier, Catumbi, Tijuca, Benfica e parte de São Cristóvão. O Engenho Del-Rey, em parceria com o governador da Capitania Cristóvão de Barros, ocupava o Jardim Botânico, a Lagoa de Sacopenapã, Copacabana e Leme.

7.1 OROGRAFIA GERAL DO RIO DE JANEIRO

Em topografia, a topologia refere-se ao estudo das formas exteriores do terreno e a orografia ao estudo das nuances do relevo de uma região.

MACIÇO DA SERRA DA TIJUCA



FIGURA 2 - Fonte : Google Maps

A cidade do Rio de Janeiro possui dois domínios fisiográficos principais: o relevo montanhoso representado pelos maciços da Pedra Branca, da Tijuca e Gericinó e as zonas de baixadas circundantes denominadas localmente de Santa Cruz, Jacarepaguá e Fluminense. Na faixa litorânea, os cordões de restingas individualizam formações lagunares de pequena profundidade (2,5m), destacando-se as lagoas de Jacarepaguá, Tijuca, Camorim e Rodrigo de Freitas. Cerca de 11% da área total das lagoas cariocas estavam ocupados por manguezais.

MACIÇOS E BAIXADAS DO RIO DE JANEIRO

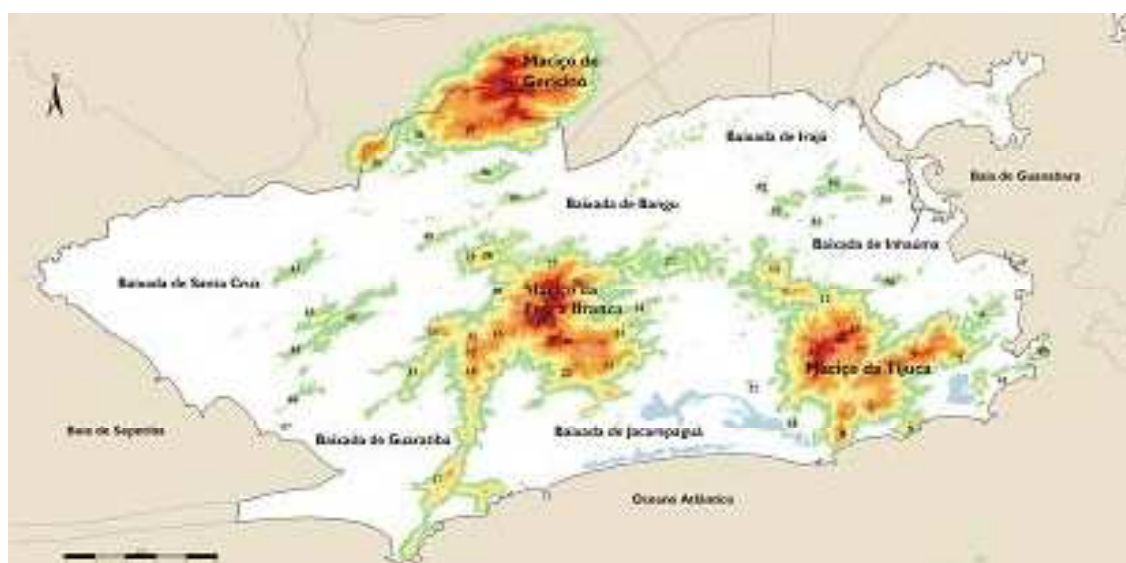


FIGURA 3 - Fonte : Google Maps

A Serra da Tijuca é a principal *Fixation Line* da cidade do Rio de Janeiro. Serra da Carioca é o nome que se dá à serra do estado do Rio de Janeiro, que constitui o extremo oriental da Serra da Tijuca. Tem uma extensão de 18 km desde o centro da cidade do Rio de Janeiro até o pico da Gávea. Atinge a altitude máxima de 900 metros no Bico do Papagaio.

Os Jesuítas instalaram na parte mais próxima à cidade o seu primeiro engenho de cana-de-açúcar (Engenho Velho), que devido à construção de uma Ermida dedicada a São Francisco Xavier, passou a denominar-se de Fazenda de São Francisco Xavier. Posteriormente entre 1572 e 1583, a Sesmaria foi desmembrada e surgiram mais dois engenhos que foram denominados de: Fazenda de São Cristóvão e Fazenda do Engenho Novo, e o primitivo engenho passou a se chamar: São Francisco Xavier do Engenho Velho.

Tijuca, era de início a serra, a floresta e o pico. O nome que significa líquido podre, lama, atoleiro e lameiro, se aplicaria mais à região do outro lado da Serra, na Baixada de Jacarepaguá, que era de fato alagadiça e cheia de lama.

No entanto, muito antes do bairro já se faziam passeios à Serra da Tijuca, desde o século XVIII, iniciando-se na Rua Matacavalos, atual Rua Riachuelo, passando pela Estrada de Mata-Porcos, hoje Rua Frei Caneca e continuando até o Bairro de Mata-Porcos (Estácio), onde o caminho se bifurcava no local que atualmente é o Largo do Estácio: um seguia para a direita conduzindo a São Cristóvão, era o Caminho da Bica; o outro seguia para a esquerda,

BICA DE SÃO CRISTÓVÃO CONSTRUÍDA PELO IMPERADOR (1817)



FIGURA 4 - Fonte:<http://www.sorioantigo.blogspot.com/>

pelo Caminho do Engenho Velho, hoje Rua Haddock Lobo, passava pela Igreja de São Francisco Xavier e seguia pelo Caminho do Andaraí Pequeno, mais ou menos por onde hoje fica a Rua Conde de Bonfim, que levava ao Andaraí Pequeno (Tijuca).

Os Jesuítas nunca pretenderam dividir suas propriedades, embora nelas existissem inúmeras chácaras exploradas por particulares que se instalavam nas terras em troca de um pagamento anual, produzindo renda para a Companhia de Jesus. Com a expulsão dos Jesuítas do território brasileiro, em 1759, a estrutura territorial da região se transformou; todos os bens dos Jesuítas foram incorporados ao Fisco Real e seus sítios e chácaras postos à venda, fragmentando a região em diversas propriedades rurais. O clima ameno da floresta exercia verdadeiro fascínio sobre os europeus e atraía para lá uma colônia de nobres, principalmente franceses, que se dedicaram à plantação de café, transformando a região no Bairro da Tijuca.

A conjuntura econômica a partir de 1840, com a cultura cafeeira do Vale do Paraíba, que trouxe para o Porto do Rio de Janeiro o café e parte da riqueza por ele gerada, fez com que a cidade se expandisse em todas as direções, surgindo novos bairros na Zona Sul como: Glória, Catete, Flamengo, Laranjeiras e Botafogo e na Zona Norte: Catumbi, Rio Comprido, Estácio e a Tijuca. Durante os anos 30, 40 e 50, do Século XX a Tijuca deixou de ser local de residência das classes mais abastadas, que passaram a ocupar a orla marítima, para ser ocupada por uma classe média formada de funcionários públicos, militares, comerciantes e profissionais liberais de bom poder aquisitivo.

A principal *Fixation Line* da cidade, que se desenvolve aproximadamente no sentido leste-oeste, dividia a capital em Zona Norte e Zona Sul.

O primeiro nome da Praia e da Enseada de Botafogo foi *Le Lac*, denominação dada pelos franceses. Em 1641, passou a chamar-se Botafogo, depois que nela foi residir João Souza Pereira Botafogo, dono de uma fazenda que se estendia da praia até a Quinta de São Clemente. Até o século XIX, o meio para se chegar ao bairro era através de lanchas e de ônibus a tração animal. As lanchas atracavam em três locais, sendo o mais importante o próximo à Rua São Clemente, nesta época a ligação entre a praia e a Lagoa Rodrigo de Freitas, e chamado Caminho da Lagoa.

No século XIX, o bairro passou a apresentar inúmeras chácaras e se tornou o preferido dos estrangeiros, principalmente dos ingleses. Foi o pioneiro na implantação de redes de esgotos sanitários na cidade. Botafogo era incontestavelmente o bairro mais procurado pela aristocracia e por todos os que possuíam fortuna. O estilo de vida dos mais abastados passara a associar uma noção de modernidade à posse de mansões em frente às magníficas enseadas da Zona Sul.

O desenvolvimento da zona sul foi causado pela chegada da corte portuguesa no século XIX, quando a população da cidade passou de sessenta mil para quinhentos mil habitantes. A corte preferiu seguir rumo norte, em direção à Floresta da Tijuca, enquanto o corpo diplomático e os ingleses preferiram a Zona Sul, onde só havia vilas de pescadores.

OROGRAFIA DE COPACABANA



FIGURA 5 - Fonte : Google Maps

A orografia de Copacabana caracteriza-se pela delimitação da restinga por uma linha de morros que se inicia no Leme com o morro de mesmo nome e prossegue com os morros do Urubu, da Babilônia e do Chapéu Mangueira, Morro de São João, Morro da Saudade, Morro dos Cabritos e Morro do Cantagalo. Essa linha separa Copacabana de Botafogo e da Lagoa Rodrigo de Freitas.

MODELAGEM DO SÍTIO ORIGINAL DE COPACABANA



FIGURA 6 - Fonte : Inst.Mun.de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

Uma segunda *Fixation Line* do Rio, formada pelos morros do Leme, do Urubu, da Babilônia, de São João, da Saudade, dos Cabritos e do Cantagalo, separava Botafogo e Humaitá da restinga e das praias do Leme e de Copacabana. Durante muitos anos, as terras arenosas e de vegetação baixa de Copacabana permaneceram desabitadas, devido às dificuldades de acesso por via terrestre. Somente iam até lá os que se dispusessem a enfrentar uma longa jornada através das trilhas sinuosas, para cavaleiros, rasgadas entre os morros que separavam o lugar de Botafogo : as ladeiras do Barrozo e do Caminho dos Tamoios (Ladeira do Leme), atravessando grotas do Morro de São João até as atuais Rua Siqueira Campos e Praça Cardeal Arcoverde.

7.2 ANTECEDENTES

No séc. XVII, toda a área de restinga e areal que daria origem a Copacabana e que compreendia o Leme e todas as praias até a Lagoa Rodrigo de Freitas e sua vizinhança, foi cedida a vários fidalgos da Corte e servia de pasto para o gado do Engenho de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, estando dividida em chácaras de atividade agrícola. A área do Leme, bem maior do que a atual, se estendia do Morro do Urubu até a Pedra de Inhangá, que assinalava o início da praia de Copacabana. Tinha o nome de Sacopenapã, que significaria “o caminho dos socós” na língua dos Tamoios.

[...]A restinga hoje ocupada pelos bairros de Ipanema e Leblon já era habitada desde anos remotos. Com efeito, há provas que os primeiros agrupamentos indígenas assentaram naquela região por volta do século XVI. Um mapa francês de 1558 situa duas aldeias tamoias naquelas plagas, uma em Ypanema (aldeia “Jaboracyã”) e outra no Leblon (aldeia “Kariané”). Ambas sobreviveram aos primeiros anos da cidade, mas foram eliminadas em 1575 pelo “Governador da Parte Sul do Brasil”, Antônio de Salema, natural de Alcácer do Sal. Desejoso daquelas terras, Salema, em seu mandato de três anos (1575-1578) mandou colocar roupas de doentes de varíola nas matas da região, eliminando os índios por contágio. Na parte onde hoje está o Jardim Botânico, mandou erigir um engenho de cana, ao qual denominou “D`El Rei”. O engenho não deu certo de início e em 1584 foi sugerida sua venda. Os primeiros proprietários das praias da zona sul carioca, fora os índios tamoios, foram poucos portugueses. Em 1603, Antônio Pacheco Calheiros obteve *enfiteuse* de terras que iam do engenho de Diogo de Amorim Soares (Lagoa) até a “costa brava” (Leblon), correndo até a Gávea (Vidigal). Em 1606, Afonso Fernandes obteve carta de sesmaria da Câmara que lhe dava o aforamento de “300 braças começadas a medir do Pão de Açúcar ao longo do mar salgado para a Praia de João de Souza (Botafogo) e para o sertão, costa brava, tudo o que houvesse”. Eram todos os terrenos de marinha do Leme ao atual Leblon, incluindo-se aí, é claro, a futura Ypanema. Pagava por tudo isso foro de 1000 réis. (BELLO, José Luiz : Cronologia do Rio de Janeiro.RJ,2004)

O nome de Copacabana seria de origem boliviana, de onde seria derivado o culto a Nossa Senhora de Copacabana, península do Lago Titicaca. Mercadores de prata teriam trazido uma imagem da virgem, instalada numa ermida de pescadores na Pedra do Harpoador.

Diz a lenda que o bispo D. Antônio do Desterro, atingido por uma tempestade nas proximidades do litoral do Rio de Janeiro, fizera a promessa de erguer, se salvo do naufrágio, uma igreja no local da pequena e arruinada ermida. Teria nascido assim a igreja de Copacabana, cujo nome denominaria toda a praia, no local onde seria erguido mais tarde o Forte de Copacabana. Por quase dois séculos dominou a região, atraindo romarias por uma trilha chamada de Caminho de Nossa Senhora de Copacabana.

CAMINHO DE NOSSA SENHORA



FIGURA 7 - Fonte: Eduardo Camões, aquarela 1888 - Roberto Tumminelli/fotolog

IGREJINHA DE N.S. DE COPACABANA

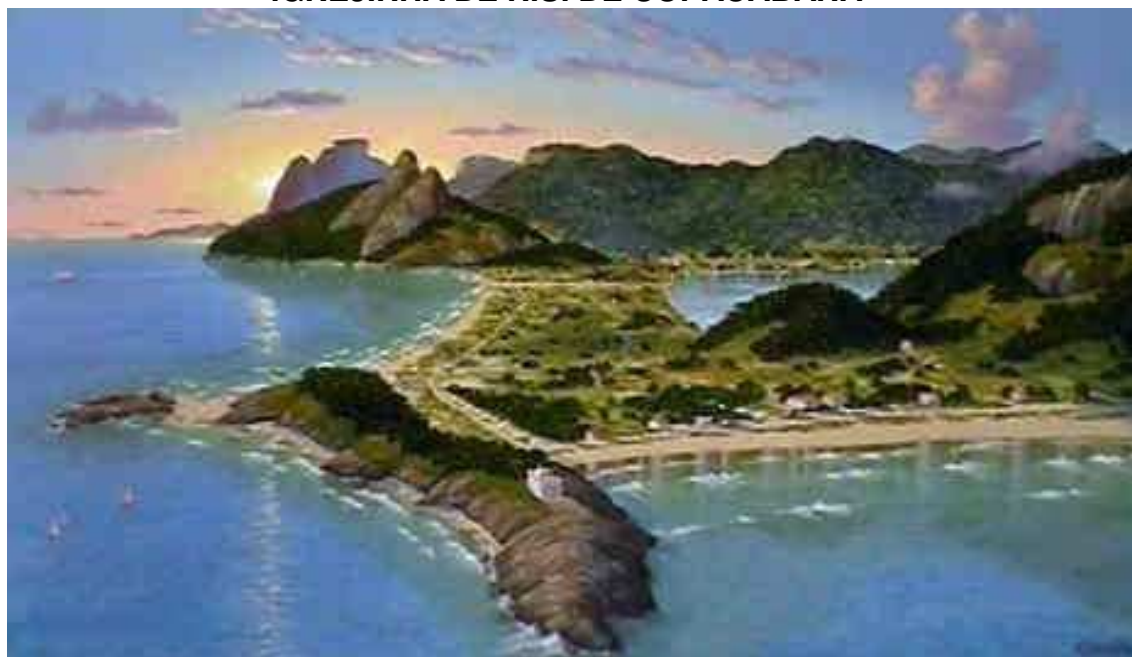


FIGURA 8 - Fonte: Eduardo Camões, aquarela 1880 - Roberto Tumminelli/fotolog

Os terrenos pouco férteis tornavam as terras de pouco valor e a falta de acessos dificultava o escoamento da produção e a chegada dos insumos. Cactos, cajueiros,

pitangueiras e plantações de abacaxis interrompidos por cabanas e hortas de pescadores e escravos fugidos dominavam a imensa restinga de areias muito brancas. A natureza se manteve intocada até a segunda metade do séc.XIX.



FIGURA 9 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

A FAZENDA DA LAGOA

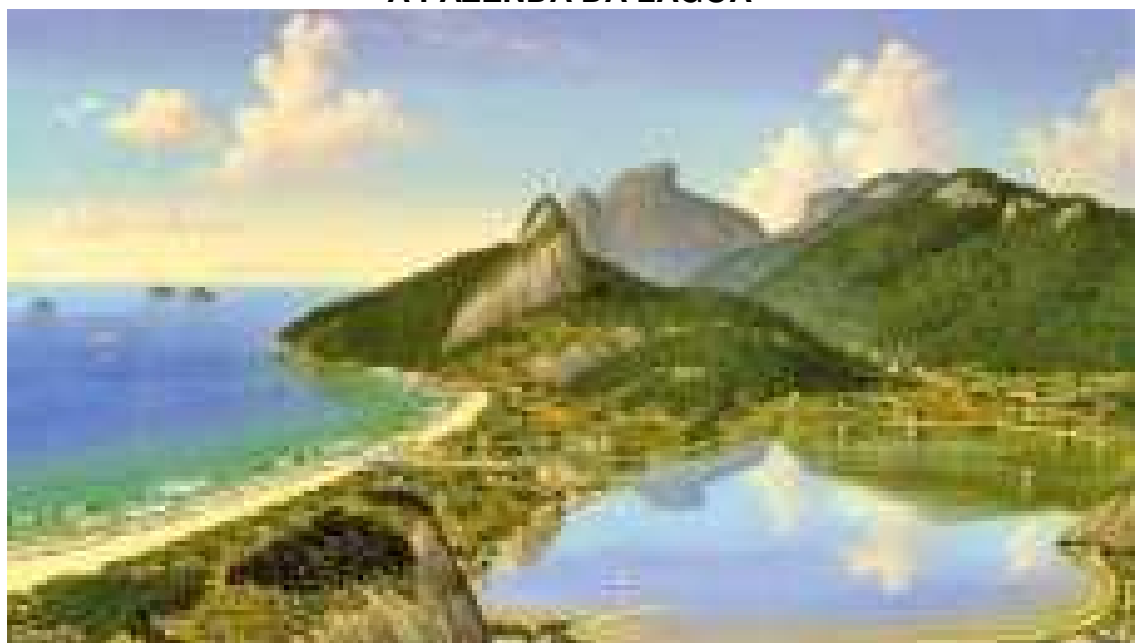


FIGURA 10 - Fonte: aquarela de Edouard Hildebrandt 1880 - Roberto Tumminelli/fotolog

[...]Toda a orla marítima da zona sul possuía então o nome de “Fazenda de Copacabana”, e foi adquirida em 1808 por Da. Aldonsa da Silva Rosa, uma chacareira. Da. Aldonsa não ficou muito tempo com ela, tendo-a revendido em 1810 ao português Manoel dos Santos Passos, que, ao morrer, a legou em testamento para seu sobrinho Antônio da Costa Passos, ficando com ela até

1819. Antônio, assim como seu tio, legou as terras em testamento para seu filho, João da Costa Passos. João era, em 1827, administrador da Capela de Nossa Senhora de Copacabana, na Ponta da Igrejinha, erguida antes de 1746 (provavelmente em 1732) e depois demolida. João não ficou, entretanto, muito tempo com suas terras de Ypanema, vendendo-as em 1820 para Inácio da Silva Melo. Inácio, ao morrer em 1843, deixou tudo para dois sobrinhos, Francisco da Silva Melo e Francisco Nascimento de Almeida Gonzaga e eles logo depois venderam tudo em 1844 para Bernardino José Ribeiro. (BELLO, José Luiz : Cronologia do Rio de Janeiro. RJ, 2004.)

Um ano depois foi vendida toda a terra ao francês Charles Le Blond que instalou no final da praia sua fazenda e empresa de pesca de baleias “Aliança”.

O óleo de cachalote era usado como aglomerante na construção civil em expansão e também como combustível para iluminação pública, atividade estimulada por D. Pedro II nas ruas do Rio de Janeiro. A pesca fazia-se não só de barcas baleeiras, apelidadas de “Alabamas”, como também do alto das pedras da praia, que por este motivo apelidou-se “Harpoador”.

Vale aqui ressaltar que até então toda a praia era conhecida desde o século XVIII como “Copacabana” ou “Praia Grande de Fora”. O nome indígena “Ypanema” (literalmente “água ruim”, em tupi), fora tirado de uma das propriedades do Conde de Modesto Leal em Minas Gerais.

[...]Em 1851, Irineu Evangelista de Souza, Barão e depois Visconde de Mauá (1813-1889), iniciou as obras para poder proceder à iluminação a gás no Rio de Janeiro, com os primeiros postes na rua Direita, atual Primeiro de Março. Em 25 de março de 1854 foi inaugurado este serviço, atingindo outros bairros além do Centro. Com isso, caiu o negócio da pesca de baleias no Rio, tendo Charles Le Blond vendido suas terras da “Fazenda Copacabana” em 1857 ao tabelião e empresário Francisco José Fialho (1820 -1885), que adquiriu a parte que ia da atual rua Barão de Ipanema, em Copacabana, até o pico dos Dois Irmãos. Fialho, envolvido em vários negócios (dentre eles a restauração do “Passeio Público”), vendeu suas terras em 1878, divididas em dois grandes lotes. (BELLO, José Luiz : Cronologia do Rio de Janeiro. RJ, 2004.)

O primeiro lote, correspondente ao Leblon, foi dividido em três chácaras vendidas a particulares, sendo um deles o português José de Guimarães Seixas.

O segundo lote, maior, ia desde a Rua Barão de Ipanema atual até o canal do Jardim de Alah, compreendendo desde o posto V em Copacabana até o bairro de Ipanema e foi

comprado pelo fazendeiro José Antônio Moreira Filho, Barão de Ypanema. Este, em homenagem a seu pai criou ali a Villa Ypanema, um novo bairro.

7.3 CAMINHOS PARA COPACABANA

Conta a tradição que por volta de 1858 duas baleias teriam aparecido na praia de Copacabana, atraindo grande número de curiosos em coches, a cavalo e mesmo a pé. A aventura teria durado alguns dias, com algumas pessoas acampando em barracas e descobrindo as belezas locais, apesar das baleias já não se encontrarem lá.

A lenda pode encerrar algum conteúdo verdadeiro, já que a Ponta do Harpoador era um local de caça às baleias e o francês Charles Le Blond, possuía uma instalação de beneficiamento de óleo de baleia em suas terras, mais tarde chamadas de Leblon.

Desde os primeiros anos do século XVIII, as terras de Copacabana eram desmembradas em chácaras de variadas dimensões. Em 1779 Copacabana foi integrada ao sistema defensivo da cidade, para evitar a entrada de piratas, com a edificação de fortificações no Reduto do Leme (Forte do Vigia) onde já existiam as baterias do Inhangá e do Reduto de Copa-Cabana, junto à Ponta da Igrejinha. Em 1855, nascia a ladeira do Barrozo, atual Ladeira dos Tabajaras e seu prolongamento a Rua Siqueira Campos.

José Martins Barrozo, proprietário de terras em Copacabana, mandou construir uma estrada de meia rodagem, onde pudessem transitar carruagens e cavaleiros em direção à praia, ligação que começava na Rua Real Grandeza, em Botafogo, subindo a ravina entre os morros de São João e da Saudade. Alguns anos depois, o Dr. José de Figueiredo Magalhães iniciou um serviço de diligências para Copacabana, saindo da Rua São Clemente para a Rua Real Grandeza, em Botafogo, subindo a ladeira do Barrozo, até a praia. Já havia uma casa de saúde, com hotel anexo, em 1878, que o Dr. Figueiredo de

Magalhães mandara construir para atender seus pacientes. Cirurgião-chefe do Hospital da Beneficência Portuguesa, acreditava muito no futuro de Copacabana.

Morador de uma chácara no bairro, desde o começo da década de 80, do século XIX, passou a apregoar os benefícios terapêuticos dos bons ares e mares da tranqüila Copacabana a seus pacientes, a exemplo do que fazia na Europa a Societé des Bains de Mer, em Nice e Mônaco.

Muitos proprietários e companhias de empreendimentos anteviam as possibilidades do bairro e apostavam nelas lançando loteamentos informais. Foi o progressivo entrelaçar desses loteamentos que deu o aspecto geometricamente ordenado às suas ruas.

Os primeiros grandes proprietários de terras da região foram : o Barão de Ypanema, José Antônio Moreira Filho – construtor da Villa Ypanema (1894) - José Luís Saião Guimarães Caipora, Conrado Niemeyer, Constante Ramos, José Martins Barrozo, Alexandre Wagner, Charles Le Blond , o tabelião Francisco José Fialho e a Empreza de Construções Civis que abriram a maioria dos primeiros logradouros, como as ruas de N.S. de Copacabana (Caminho de Nossa Senhora), Barata Ribeiro, Tonelero, Sousa Lima, Sá Ferreira, Almirante Gonçalves, Bolívar, Barão de Ypanema, Pompeu Loureiro, Leopoldo Miguez, Domingos Ferreira, Constante Ramos, Dias da Rocha, Cinco de Júlio (antiga Hermezília - neta de Constante Ramos), Siqueira Campos, Praça Floriano Peixoto (General Osório), Praça Coronel Valadares (N.S. da Paz), Av. Vieira Souto, Alberto de Campos, Farne de Amoedo, Prudente de Moraes, Nascimento Silva, Montenegro (Vinícius de Moraes), Quatro de Dezembro, Vinte de Novembro (Visconde de Pirajá), Dezesesseis de Novembro, Vinte e Oito de Agosto.

O processo de urbanização se iniciou pelo Leme e pela Ponta da Igrejinha (Posto Seis) e foi se consolidando pelo reconhecimento dos loteamentos informais, abertos pelos proprietários e pela Intendência (Prefeitura).

Não havia por parte da Prefeitura exigências para a construção dos imóveis, deixando os novos proprietários livres para ocupar o território. Por isso Copacabana é tida como um bom exemplo da transformação da cidade em objeto de lucro a partir de fins do séc. XIX.

A RUA DO HOSPÍCIO É A ATUAL RUA BUENOS AIRES NO CENTRO DA CIDADE



FIGURA 11 - Fonte : História dos Bairros: Copacabana PUR-UFRJ

PROPRIEDADES DA EMPRESA DE CONSTRUÇÕES CIVIS DO LEME ATÉ A PRAÇA MALVINO REIS, TERMINAL DA PRIMEIRA LINHA DE BONDES PARA COPACABANA.

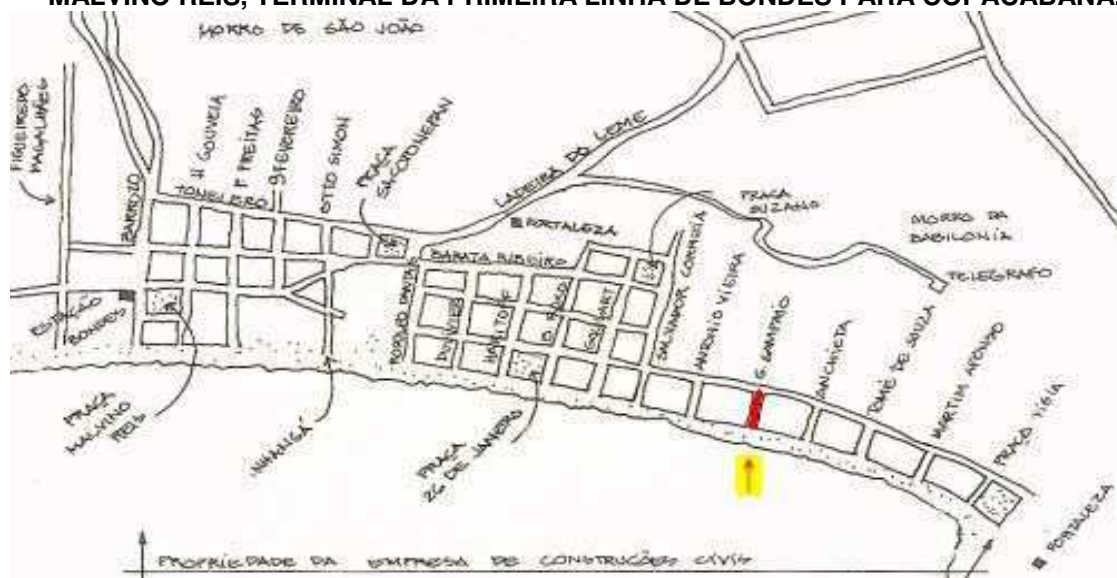


FIGURA 12 - Fonte : História dos Bairros: Copacabana PUR-UFRJ

Alexandre Wagner adquiriu em 1873 as chácaras do Leme, do Sobral e do Boticário, pertencentes ao Comendador João Cornélio dos Santos e à família Suzano, posteriormente adquiridas pela Empresa de Construções Cíveis de seus genros Otto Simon e Theodoro Duvivier, além de Antônio de Paula Freitas, e Torquato Tapajós. Também a chacara do Fialho, na Ponta da Igrejinha, foi adquirida por Wagner no fim do séc.XIX.

Wagner e seus genros tinham sido concessionários em momentos diferentes para a implantação do serviço de carris em Copacabana, já que percebiam sua importância para a comercialização de terrenos desde o sucesso do sistema em Botafogo e Cosme Velho. Suas licenças, porém, caducaram antes que o serviço fosse implantado. “Regiões que ficavam desertas, por falta de acesso logo se valorizaram e foram ocupadas. Bairros dominados por extensas chácaras, como Botafogo, logo foram repovoados. Em breve, não se vendia mais terreno algum na cidade sem antes o comprador fazer a pergunta: “...o bonde passa lá?” (OS BONDES FIZERAM COPACABANA)

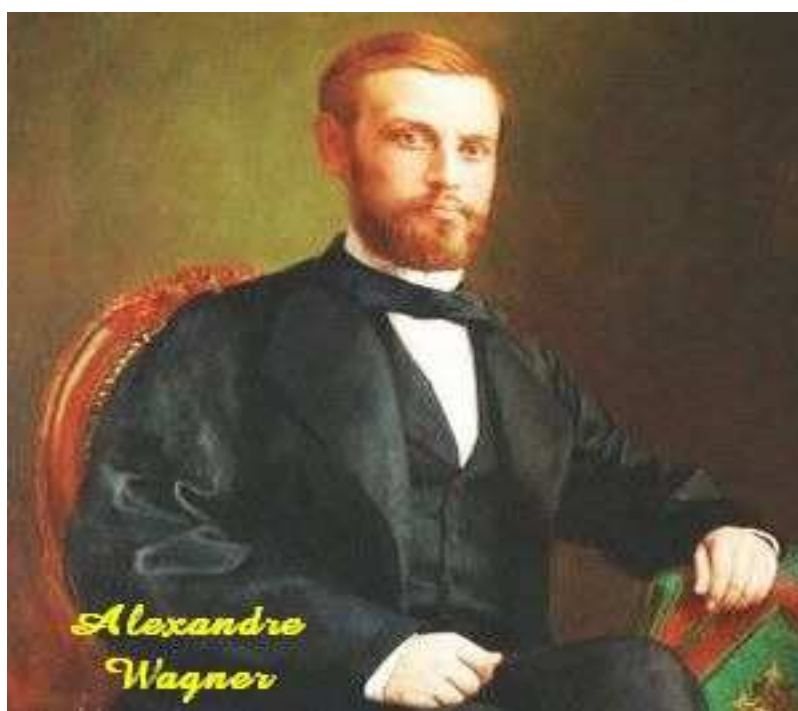


FIGURA 13 - Fonte : Luiz Darcy (Saudades do Rio)

O empresário alemão Alexandre Wagner, adquirira a concessão para implantação de bondes dos herdeiros do Conde de Lages, mordomo dos Príncipes Conde e Condessa D'Eu e estava comprando todos os terrenos disponíveis em Copacabana, do Leme até a “Pedra do Inhangá”, com a finalidade de parcelamento para venda futura.

PRIMEIRAS VIAS PROJETADAS EM COPACABANA - 1894

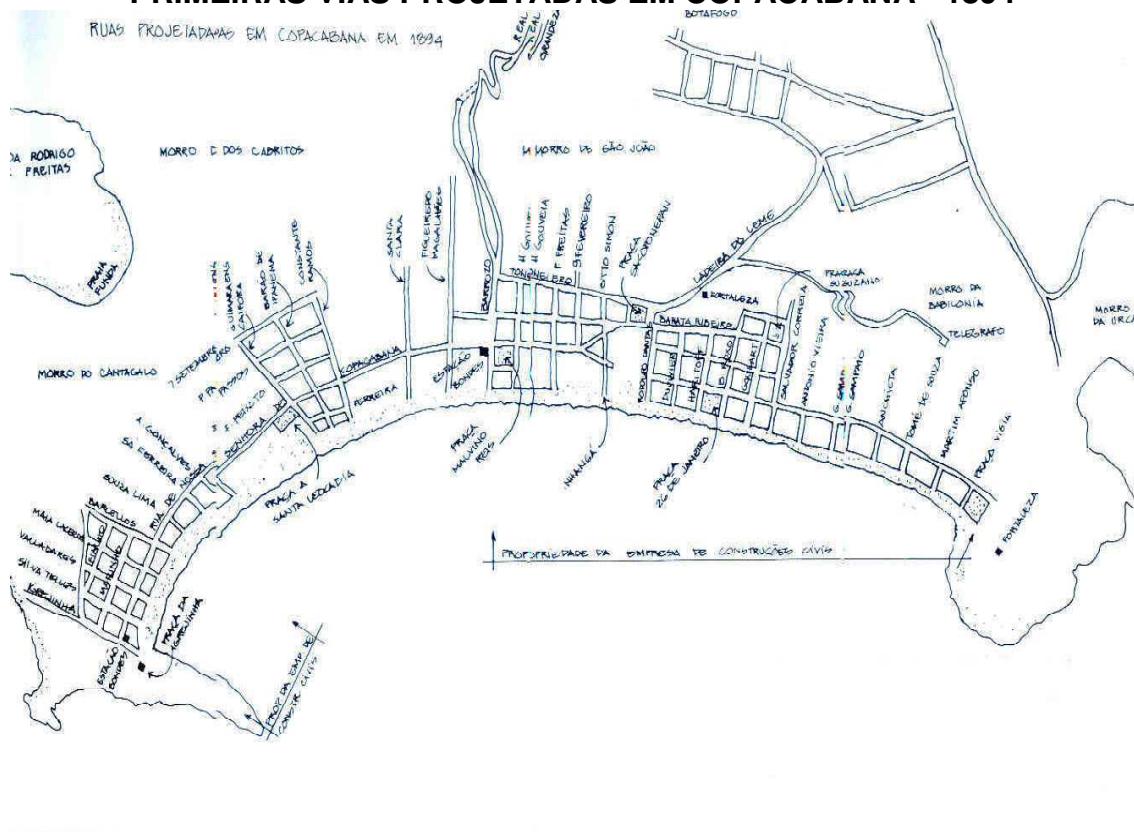


FIGURA 14 - Fonte : História dos Bairros: Copacabana PUR-UFRJ

A malha viária básica, apesar de já projetada, não apresentava praticamente nenhuma ocupação. Mais de metade da área pertencia à Empresa de Construções Cívicas: Leme e Ponta da Igreja. Entre as duas áreas foram abertas ruas informais pelos diversos proprietários, que seriam futuramente reconhecidas pelo poder público.

O período que se estende de 1870 a 1902, representa para o Rio de Janeiro a primeira fase da expansão da malha urbana e um fator decisivo para isso, foram os bondes e os trens que possibilitaram tal feito. A primeira concessão a favor dos bondes de tração

animal foi outorgada à *Botanical Garden Railroad Company*, que posteriormente viria a se chamar Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico, uma empresa americana que obteve sucesso e levou à criação de empresas similares.

Com a instalação de bondes, os bairros que ficavam perto dos eixos ferroviários, de portos e do centro da cidade tinham uma procura maior para a instalação de indústrias e habitações. Nessa mesma época surge uma ideologia que vigora até hoje, a ideologia de que o estilo de vida moderno seria a residência à beira mar, que contribuiu para o surgimento de Copacabana, já que a Companhia do Jardim Botânico pretendia estender suas linhas até lá, na época um local distante do centro da cidade, um areal entre mar e morros onde se despejava o lixo.

A Companhia do Jardim Botânico era uma empresa formada através de uma aliança de interesses centrados na valorização fundiária e imobiliária. Os acionistas dessa empresa eram proprietários de terras em Copacabana, como o Barão de Ypanema e vários bancos entre os quais o Luso-Brasileiro, uma verdadeira elite local. Fica clara a vontade de transformar um local de difícil acesso como Copacabana, em um local de veraneio e residência. “A Cia. Jardim Botânico, aliada a interesses de empresários imobiliários, monta uma estratégia publicitária para vender Copacabana como uma opção "moderna", como um novo estilo de vida.” (CRONOLOGIA DOS BONDES NO RIO DE JANEIRO)

Placemarketing é uma prática adotada pela indústria da construção na venda de novos lugares urbanos. A urbanidade que se vende seria a condição pela qual o novo ambiente urbano ofereceria a seus cidadãos uma variedade de modos de vida, de oportunidades, escolhas, trocas, interações e intercâmbios.

As pessoas se sentem melhor em certos espaços percebidos como detentores de qualidades. Essas qualidades fazem com que sejam percebidos como “lugares” diferenciados dentro do espaço maior que é a cidade. Essa percepção dos usuários se desenvolve a partir de estímulos ambientais e da interação entre as pessoas. Essa notoriedade propagada pelas narrativas de muitos acaba por gerar uma “reputação” ou fama para um lugar reconhecidamente gratificante.

A Companhia solicita ao então Intendente da Capital da República, Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura, permissão para alongar os trilhos, propondo para isso perfurar um túnel no Morro de São João, que viria a se tornar o conhecido Túnel Velho.

ABERTURA DO TÚNEL DA RUA REAL GRANDEZA (T. VELHO) – 1892

FIGURA 15 - Fonte : A História de Copacabana 1

A renovação do contrato de concessão da CFCJB (1890) e a sua subsequente associação com o grupo de empresários da recém constituída Empreza de Construções Civis (1891), resulta então na perfuração do Túnel Velho no final da Rua Real Grandeza, em

Botafogo, pelo engenheiro José de Cupertino Coelho Cintra, considerado "o Pai de Copacabana". É essa parceria que viabiliza a instalação dos trilhos e possibilita a chegada dos primeiros bondes, de tração animal, até a estação da Praça Malvino Reis, atual Serzedelo Correia.

DR. JOSÉ DE CUPERTINO COELHO CINTRA, "PAI DE COPACABANA"



FIGURA 16 - Fonte : Regina M. Coelho Cintra

[...]“Engenheiro inovador, nasceu em Pernambuco a 18 de setembro de 1843. Bacharelou-se em matemáticas e ciências físicas e naturais, em 1865, pela Escola Central, hoje Faculdade Nacional de Engenharia.” (OS BONDES FIZERAM COPACABANA)

O bonde ia até a estação Malvino Reis e foi um grande avanço para a efetiva ocupação do bairro. Dois anos depois, o Prefeito Coronel Henrique Valadares inaugurou dois novos ramais, Leme e Igrejinha (atual Posto VI), sendo as novas linhas inauguradas a 15 de abril de 1894. Onze dias depois, era lançado ao público o novo loteamento do bairro do Leme, com várias ruas já demarcadas. O distrito de Copacabana foi então criado.

Em 1903, bondes já movidos a eletricidade circulam por todo o novo bairro, da Igrejinha ao Leme. Em 1904 foi aberto o Túnel Engenheiro Coelho Cintra, que ficou conhecido como o Túnel Novo e que ligava Botafogo à Rua Salvador Correia, hoje Avenida Princesa Isabel.

TÚNEL ENG. COELHO CINTRA – 1904



FIGURA 17 - Fonte : Luiz Darcy (Saudades do Rio)

Nesse mesmo ano, o prefeito Pereira Passos inicia as obras de construção da Avenida Atlântica, que até então não passava de fundo de quintal das casas da Rua Nossa Senhora de Copacabana. A Avenida atravessava toda a orla ao longo dos Bairros do Leme e de Copacabana e foi aberta em 1906, como parte da urbanização da cidade, mas era bastante rústica, com apenas seis metros de largura. Os proprietários cederam parcelas de seus

terrenos para a abertura da nova via, cientes da valorização que isso poderia proporcionar a seus loteamentos. Em 1915 foi assinado pelo prefeito Rivadávia da Cunha, o decreto determinando a separação de Copacabana do distrito da Gávea, apesar de sua criação como bairro já ter sido efetuada em 1892.

ANÚNCIO DE CONSTRUÇÕES LIVRES EM COPACABANA/IPANEMA

Vendem-se terrenos em lotes ou em metros quadrados, á vista ou a prazo, sem juros, sendo a escriptura passada logo que a compra seja liquidada

—X—X—X—

Pozzo na primeira prestação e direito de traspasso na terceira prestação

As edificações pódem ser feitas sem licença da Intendencia Municipal, só respeltando o alinhamento

Bonds da Companhia Ferro Carril Jardim Botânico

Trata-se com o **DR. MOREIRA FILHO**

Rua Senador Vergueiro, 110
ou Rua General Camara, 30

TERRENOS EM IPANEMA E COPACABANA

FIGURA 18 - Fonte : História dos Bairros: Copacabana PUR-UFRJ

O Barão de Ypanema anuncia pela imprensa as vantagens de se construir sem licença em Copacabana e Ipanema, já que a Intendência abria mão de qualquer regulamentação das obras para estimular a ocupação da orla marítima (Decreto nº 223, de 22 de fevereiro de 1896, que vigorou até 1905). O adensamento progressivo foi assegurado pela instalação de serviços de infra-estrutura urbana pelos proprietários de terras, pela Empresa de Construções Civas, pela Prefeitura e pela Companhia Jardim Botânico, ao mesmo tempo em que divulgavam Copacabana em jornais, revistas da época, cartões postais e nos

cupons de passagens. A instalação dos serviços básicos era rápida pelo fato de a maioria das ruas não estar calçada e pela característica arenosa dos terrenos.

Para evitar a construção de moradias precárias, o decreto que permitia a liberdade de construção foi logo revogado e substituído por outro que isentava as construções de taxas e emolumentos, desde que respeitassem a regulamentação para edificações. Alguns trechos do bairro começavam a se transformar em áreas de moradia da elite carioca, tomando o lugar até então ocupado por Botafogo.

A Rua Nossa Senhora de Copacabana que era interrompida pela Pedra de Inhangá, teve suas duas partes interligadas, ganhando o bairro duas vias longitudinais importantes. Em 1919, o prefeito Paulo de Frontin duplicou a Avenida Atlântica e instalou sua iluminação pública, em detrimento de outras partes da cidade.

HOTEL COPACABANA PALACE – 1923 (Joseph Gire - architecte)



FIGURA 19 - Fonte: Luiz D' / fotolog

A área onde se instalaria o hotel Copacabana Palace em 1923, baseado nos hotéis Negresco e Carlton de Nice e Cannes, fora alvo de questões judiciais acerca de sua propriedade e valorizou-se rapidamente quando estas se encerraram, tornando-se ponto de afluência da alta sociedade e do turismo cariocas. O hotel serviu de tema para o musical "*Flying Down to Rio*" (1933), em que Fred Astaire e Ginger Rogers dançam juntos pela primeira vez, a "Carioca". Embora ambientado no hotel, o filme foi inteiramente rodado nos Estados Unidos da América, em estúdios com cenários pintados do Rio de Janeiro e na praia de Malibu, para tomadas de exterior. O sucesso do filme tornou o hotel conhecido mundialmente.

Nos quarteirões próximos, até a Praça do Lido, foram estabelecidos lotes mais largos e menos profundos, proibindo-se a instalação de casas comerciais. Aí se instalaram prédios de apartamentos que se destacavam do resto do bairro pelo fino acabamento e dimensões de suas unidades. Raciocinava-se que a elite carioca só trocaria seus palacetes em Botafogo para morar em apartamentos, se esses fossem de altíssimo padrão. Foi chamado de "O Coração de Copacabana," símbolo do moderno e elegante. No início dos anos 30 Copacabana já era um bairro consolidado, onde palacetes ocupavam a Avenida Atlântica e com malha viária totalmente estabelecida. A tecnologia do concreto armado, introduzida com a construção do edifício de "A Noite" na Praça Mauá e do prédio Martinelli em São Paulo, apesar de ainda não normatizada, permitia a realização de edifícios de grande altura.

LIDO - CORAÇÃO DE COPACABANA

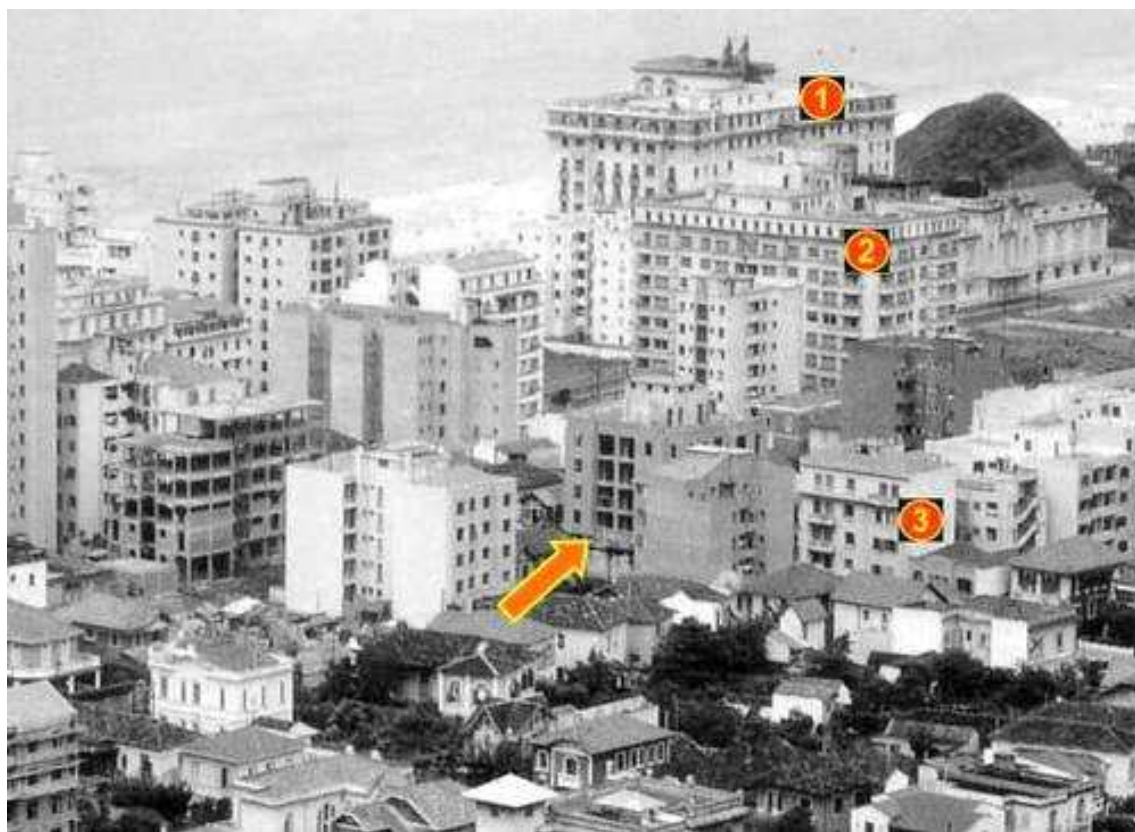


FIGURA 20 - Fonte: Luiz D" / fotolog

1. HOTEL COPACABANA PALACE

2. EDIFÍCIO GUAHY

3. EDIFÍCIO ITAÓCA

No final dos anos 30 foram parceladas algumas grandes propriedades remanescentes como o Bairro Peixoto e abertas vias como o corte do morro do Cantagalo (antigo “Caminho do Caniço”), as ruas Assis Brasil e Prof. Gastão Bahiana, ocupando-se os últimos espaços do bairro.

Contribuiu fortemente também para a consolidação do bairro a condição de Capital Federal e de principal portão de entrada do turismo internacional, que a partir dos anos trinta abandonava gradualmente os navios e passava a utilizar a aviação comercial que se

consolidava, apesar das escalas numerosas. As atrações internacionais que se apresentavam nos cassinos à noite, viajavam de navio e se apresentavam durante o dia nas emissoras de rádio de Assis Chateaubriand, que tinha um contrato nesse sentido com Joaquim Rolla, o proprietário dos cassinos. Com o início da II Guerra, as viagens marítimas se tornaram perigosas pela presença de submarinos alemães na costa do Brasil, fazendo com que as viagens aéreas tomassem impulso.

As obras de construção do aeroporto do Rio de Janeiro começaram em 1934, em terreno cedido pela Prefeitura do Distrito Federal ao Ministério da Viação e Obras Públicas e pela execução de enrocamento e aterro de 370.000m² na Ponta do Calabouço. A primeira estação de passageiros para hidro-aviões foi construída pela Pan American Airways System em 1936 e a nova Estação de Hidros, marco da arquitetura modernista brasileira, foi inaugurada em 1938.

Com nome de “Cidade de São Paulo” estampado na fuselagem, decolou do Campo de Congonhas um Junkers Ju 52, trimotor, de fabricação alemã, com sua lotação de 17 passageiros completa, rumo ao Distrito Federal. No mesmo horário, 08:40h, partia o avião batizado de “Cidade do Rio de Janeiro” um aparelho também lotado, rumo à capital paulista. Duas horas mais tarde, no tempo previsto, com boas condições meteorológicas, as aeronaves aterrissaram. Foi a inauguração do novo terminal, apesar de ambas as aeronaves quase se acidentarem na chegada, uma quase caindo ao mar e a outra se chocando contra carroças em Congonhas.

ATERRO PARA CONSTRUÇÃO DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO



FIGURA 21 - Fonte: III COMAR, Col. Marcelo Almirante

ANTIGO TERMINAL COM RAMPA PARA HIDROAVIÕES



FIGURA 22 - Fonte: III COMAR, Col. Marcelo Almirante

RAMPA E HANGAR DO AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO



FIGURA 23 - Fonte: III COMAR, Col. Marcelo Almirante



FIGURA 24 - Fonte: III COMAR, Col. Marcelo Almirante

ESTAÇÃO DE HIDROS DE ATÍLIO CORREIA LIMA



FIGURA 25 - Fonte: INCAER

Os antigos hidroaviões da Pan American e da Condor Syndicat, além de outras companhias, foram pouco a pouco substituídos nas rotas internacionais por aviões maiores, dotados de rodas, que precisavam de pistas em terra para pouso e decolagem. Os antigos “hidros” Sikorsky ou Junkers Ju-52, cederam lugar aos Douglas DC-3 e DC-4 e Constellations da Lockheed. A “estação de hidros”, ao lado do terminal, inaugurada em 1938 e projetada pelo célebre arquiteto brasileiro Atílio C. Lima, foi um dos primeiros prédios conceitualmente modernos construídos no Brasil. Quando Orson Welles chegou ao Brasil em 1942, dentro da Política de Boa Vizinhança que vigorou durante a 2ª. Guerra Mundial, o fez num reluzente DC-3 (1935), após viagem de 7 dias a partir de New York. Os hidroaviões ainda operaram regularmente até 1942. O musical de 1933 “Flying Down to Rio” mostrava os protagonistas (Gene Raymond e Dolores Del Rio) chegando em hidroavião.

POSTER DO FILME DE 1933



FIGURA 26 - Fonte : RKO RADIO PICTURES

A ATRIZ DOLORES DEL RIO (1933)



FIGURA 27 - Fonte: RKO RADIO PICTURES

“MODERNO” DC-3 DA PAN AMERICAN DIANTE DO TERMINAL

FIGURA 28 - Fonte: III COMAR, Col. Marcelo Almirante

8 FORMAÇÃO DO BAIRRO PEIXOTO

Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca, chegou ao Brasil em 1875. Alguns anos depois, começava a comprar terras na região (1903). Em pouco tempo, acabou formando uma chácara, com lagoas, bambuzal, árvores frutíferas e até gado. Na esquina das ruas Tonelero e Siqueira Campos, hoje movimentada, ele montava uma barraquinha e vendia leite. O comendador português, proprietário de muitas terras em Copacabana, foi um dos pioneiros do bairro e doador de terras necessárias à transformação das ruas Pereira Passos e Barata Ribeiro numa só. A chácara do comendador Peixoto, localizada na Rua Tonelero 316, era muito grande e havia muitas famílias portuguesas que se dedicavam à horticultura como meeiras.

Por não ter descendentes diretos, o Comendador Peixoto doou em 1938 todos os terrenos de sua chácara a cinco instituições de caridade: A Associação Asilo São Luís para a Velhice Desamparada, Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, Casa dos Expostos e Hospital Nossa Senhora das Dores. A escritura de doação foi assinada em 15 de junho de 1938.

A área remanescente do Bairro Peixoto ainda parece um oásis, entre as Ruas Figueiredo de Magalhães e Santa Clara. Os principais fatores que fizeram da área um reduto bucólico, no meio da frenética Copacabana, residem na pouca existência de comércio e numa exigência feita, na década de 30, pelo comendador Felisberto Peixoto, que impôs um limite de três pavimentos para a construção de edifícios, no local.

A urbanização do Bairro Peixoto em Copacabana, foi um processo tardio e com vários detalhes históricos, que ajudaram a criar uma área diferenciada urbanisticamente dentro do Bairro de Copacabana. O Projeto de Alinhamento que criou o Bairro Peixoto atual foi o 3850 de 13/05/1943, que modificara parcialmente o projeto de número 3281 de

28/11/1939, que por sua vez substituíra o PA 2990 da Comissão de Elaboração do Plano da Cidade, de 14 de junho de 1938. O projeto inicial (3281), continha proposições das instituições de caridade detentoras dos terrenos e designava a maior parte dos lotes à construção de prédios residenciais de 2 pavimentos (quadras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10) e os lotes com frente para a rua Siqueira Campos (quadras 6, 8, 11, 13, 14) permitindo a construção de prédios comerciais. A quadra 12 seria destinada à Companhia Telefônica. Todos os projetos continham a praça do bairro, cuja ausência é muitas vezes indicada como a causa das alterações e substituições dos estudos iniciais. A Caixa de Socorros D. Pedro V. solicitara à Prefeitura o loteamento das terras doadas em Copacabana, tendo o engenheiro José de Oliveira Reis projetado as ruas Henrique Oswald, Maestro Francisco Braga, Décio Vilares e Praça Edmundo Bittencourt.

PA 2990 DE 14 DE JUNHO DE 1938

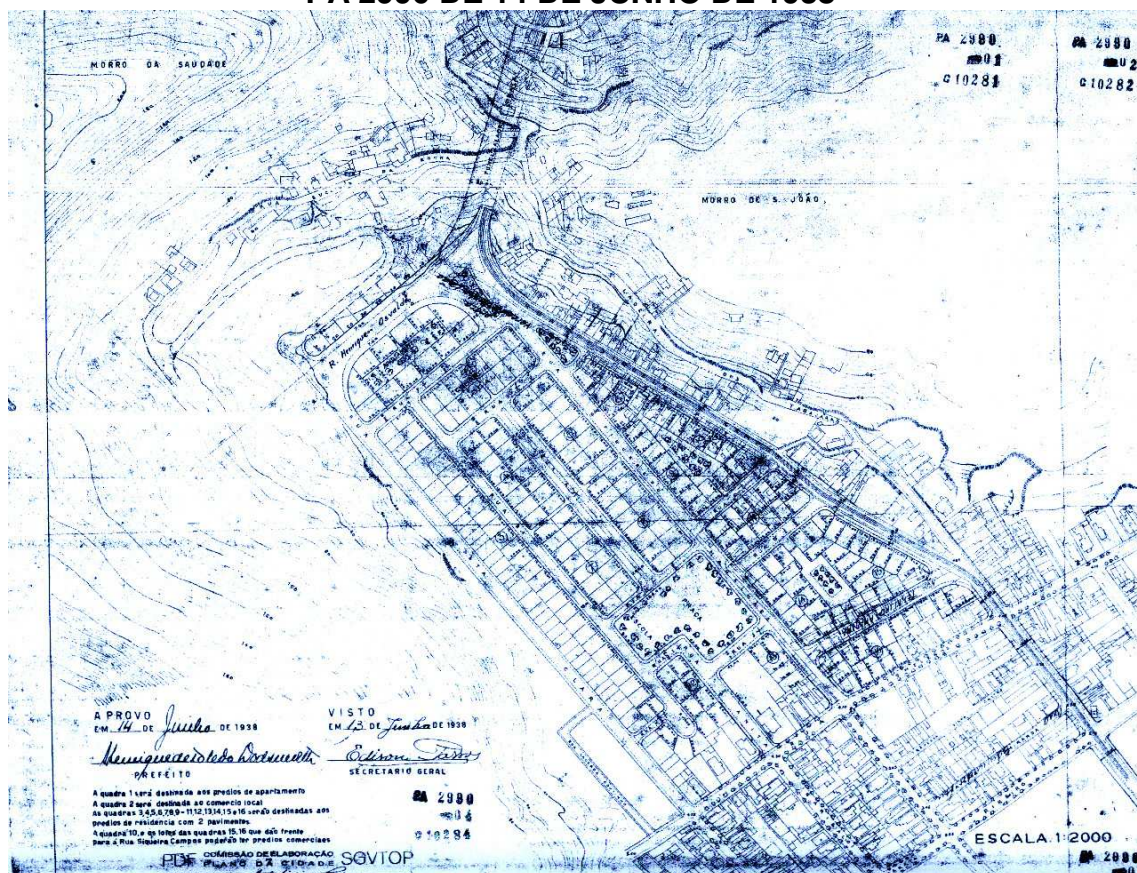


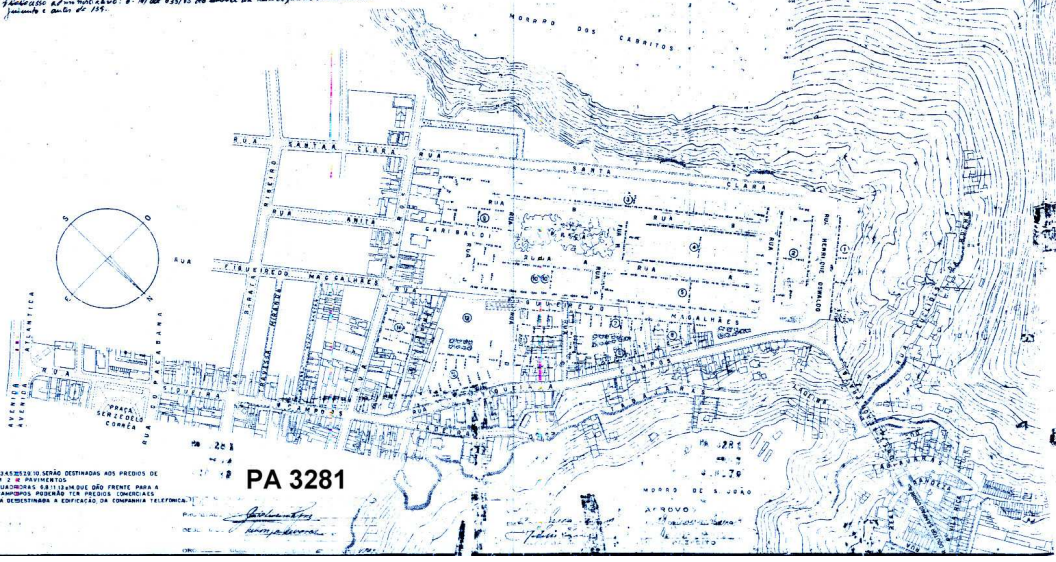
FIGURA 29 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

PA 3281 DE 28 DE NOVEMBRO DE 1939

URBANIIZAÇÃO DA ZONA, COMPREENDIDA ENTRE AS RUAS
STA. CLARA, SIQUEIRA CAIMPOS E TONELEROS (COPACABANA)

ESCALA = 1 : 2000

*Opção nº 19, Out 99, Municipal de Terras e Urbanismo, para a loteação
de terrenos situados na cidade de 1939, de acordo com o plano de 1939.
O plano nº 19, de 1939, aprovado em 1939, de acordo com o plano de 1939,
foi alterado pelo plano nº 19, de 1939, de acordo com o plano de 1939,
em 1939, de acordo com o plano de 1939.*



PA 3281

FIGURA 30 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

PA 3850 DE 13 DE MAIO DE 1943

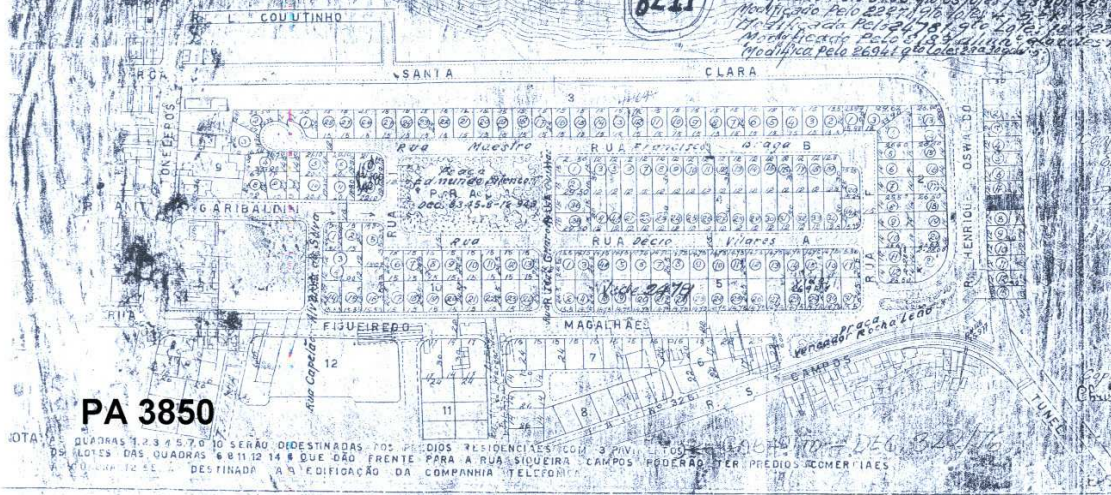
PROJETO DE URBANIIZAÇÃO DA ZONA, COMPREENDIDA ENTRE AS RUAS
SIQUEIRA CAMPOS E TONELEROS

MODIFICA PARCIALMENTE O PROJETO APROVADO Nº 3281

*Os lotes 10 e 11 da quadra do Cinco serão 30 e 31
Circunscritos entre V. Figueiredo e R. Siqueira Campos
e R. Siqueira Campos, poderão ser vendidos
Modificado Pelo 16337 sobre os lotes 30 e 31
Modificado em Parte Pelo 15056
Modificado Pelo 33938 e 16 Lotes 7 e 8 R. Mastro
Francisco
Modificado Pelo 16337 sobre os lotes 30 e 31
Modificado em Parte Pelo 15056*

*Modificado em Parte Pelo 15056
Modificado Pelo 17200
Modificado Pelo 13030
Modificado Pelo 13030
Modificado Pelo 13030
Modificado em Parte Pelo 15056
Modificado em Parte Pelo 15056
Modificado em Parte Pelo 15056
Modificado Pelo 15056
Modificado Pelo 15056
Modificado Pelo 15056
Modificado Pelo 15056
Modificado Pelo 15056
Modificado Pelo 15056*

3850
8241



PA 3850

NOTA: AS QUADRAS 1, 2, 3 E 5 DO PROJETO DE TERRAS E URBANISMO Nº 3281, DE 1939, NÃO SERÃO DESTINADAS PARA FINS RESIDENCIAIS COM 3 PAVILHÕES POR QUADRA E 12 UNIDADES POR QUADRA DESTINADA A EDIFICAÇÃO DA COMPANHIA TELEFÔNICA

FIGURA 31 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

José Luiz Guimarães Caipora, um dos grandes proprietários de terras de Copacabana, cederá à Prefeitura terrenos na esquina das ruas Guimarães Caipora e Nossa Senhora de Copacabana para a construção da Praça Barão de Santa Leocádia em troca do abatimento nas passagens da Companhia do Jardim Botânico para transporte de materiais de construção e para incentivar a venda de lotes. Com a abertura da Avenida Atlântica a praça valorizou-se e foi negociada para construção de prédios comerciais. O desaparecimento dessa praça é apontado como a possível causa da exigência de novo espaço livre de uso público no parcelamento do Bairro Peixoto.

A Rua Lacerda Coutinho, urbanizada anos antes em terras da família Constante Ramos, até hoje se mantém praticamente ocupada só por residências unifamiliares.

ANTIGA PRAÇA SANTA LEOCÁDIA – CINEMA ROXY



FIGURA 32 - Fonte : História dos Bairros. Copacabana PUR-UFRJ

O Distrito Federal recorreu ao seu qualificado corpo de engenheiros e arquitetos, cabendo ao engenheiro José de Oliveira Reis a criação do projeto PA 2990. Participaram do trabalho também os arquitetos Néelson Muniz Nevarez e Armando Stamile e o engenheiro Ângelo Nicolau Maria Crosato, esse acompanhando o projeto em nome das instituições de caridade. O escopo do projeto sendo criar um bairro eminentemente residencial, isolado e fechado ao tráfego de passagem, foi a razão de ruas descentralizadas, do cul-de-sac da Rua Maestro Francisco Braga para essa não se comunicar com a Rua Tonelero e da comunicação com a Rua Santa Clara através de servidão pública somente para pedestres (a hoje Travessa Moacyr Deriquem), localizada em forma de galeria sob dois prédios.

No espírito do projeto somente a Rua Siqueira Campos poderia ter estabelecimentos comerciais o que foi sendo modificado durante as décadas, principalmente no fim dos anos 50, quando pequenos estabelecimentos foram autorizados a funcionar dentro da área, provocando precedentes para a instalação de clínicas médicas, academias de ginástica e até mesmo de um gigantesco hospital geral (Copa D'Or) que sobrecarrega enormemente toda a infra-estrutura urbana em volta, além de atrair muitos veículos.

O que muitos poucos sabem é que a área ocupada hoje pelo Bairro Peixoto, no trecho situado entre a Rua Tonelero, as Ruas Figueiredo de Magalhães e Santa Clara; Rua Henrique Oswald até a vertente do Morro dos Cabritos; todo o lado par da Rua Santa Clara e lado ímpar da Rua Siqueira Campos, continuamente até a Rua Ministro Alfredo Valadão e a partir daí de forma irregular até novamente voltar à Rua Tonelero, era a última área agrícola de Copacabana, isso em plenos anos 40 do séc XX.

A Chácara do Comendador Peixoto, homem de finanças, foi resultado do contínuo desmembramento da Fazenda da Lagoa que ocupava praticamente toda a parte oceânica

da Zona Sul, iniciada com a chegada da família real. As glebas foram sendo divididas continuamente durante todo o séc. XIX, até chegarem a chácaras.

A Chácara do Comendador Peixoto era o resultado de uma nova concentração de terras, muitas vezes com fins de urbanização e loteamento como fez a Empresa de Construções Civis no trecho do Leme e Posto III e o Barão de Ypanema a partir do Posto V. A propriedade era o conjunto de outras 3 obtidas por Peixoto nos anos de 1903 até 1929.

Curiosamente, não iniciou o loteamento da região nos anos 10 como todos os seus vizinhos fizeram; a propriedade de Peixoto continuou agrícola, com plantação de capim para animais de tração, estábulos com vacas leiteiras, hortas de verduras e folhas, pomares e um enorme renque de bambus indo praticamente de ponta a ponta da propriedade, mais ou menos onde está hoje a Rua Décio Vilares. A propriedade ainda possuía um lago onde hoje é a esquina das Ruas Figueiredo de Magalhães e Ministro Alfredo Valadão e um enorme charco, onde hoje se situa parte da praça Edmundo Bittencourt e trechos das Ruas Maestro Francisco Braga, Ten. Marones de Gusmão e Figueiredo de Magalhães. Manteve Peixoto sua propriedade até 1938 quando fez a doação e começaram os estudos para a criação da área hoje conhecida como Bairro Peixoto.

BAIRRO PEIXOTO AINDA COM HORTAS, BAMBUZAL E A CASA DO COMENDADOR PEIXOTO À DIREITA – ANOS 30



FIGURA 33 - Fonte : JBAN/fotolog
Na altura do nº 316 da rua Tonelero, o Comendador Peixoto abriu uma via de acesso à sua casa, que se tornaria o prolongamento da atual rua Anita Garibaldi, onde se realiza semanalmente a feira-livre do bairro estendendo-se até à Praça Edmundo Bittencourt.

CHÁCARA PEIXOTO – 1937

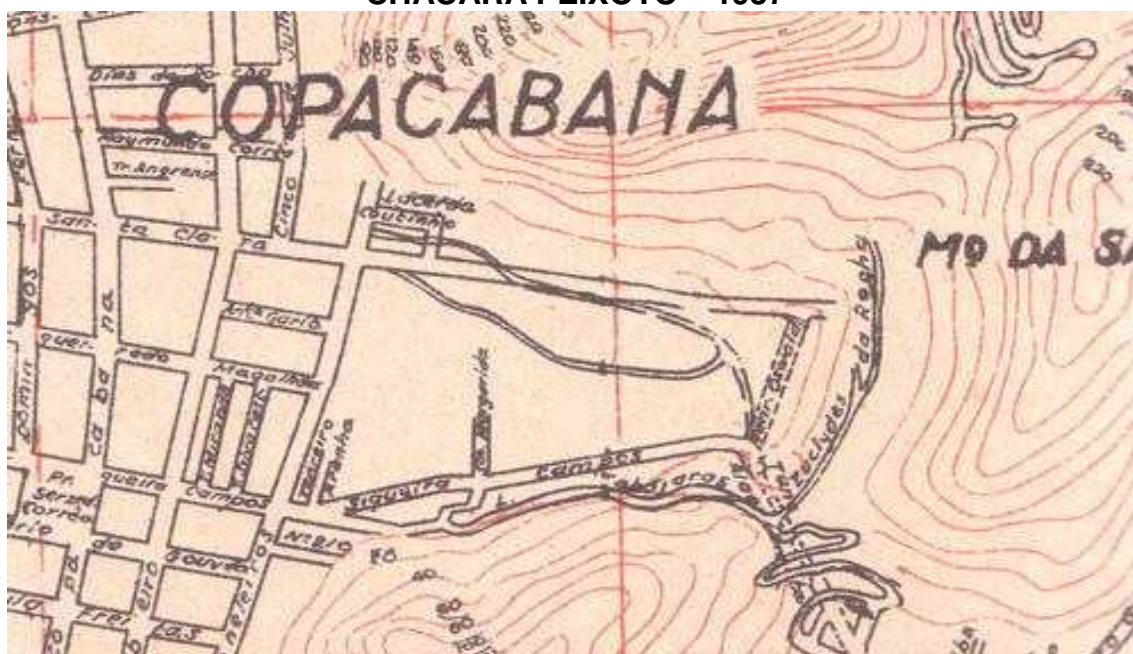


FIGURA 34 - Fonte : serqueira.com/mapasantigos

BAIRRO PEIXOTO - 1940



FIGURA 35 - Fonte : serqueira.com/mapasantigos

Não obstante, anos antes, em 1926 e 1931, pedaços das terras do comendador tinham sido arruadas e ganho Projetos de Alinhamento, como o trecho superior da Rua Santa Clara, que fazia fronteira com os terrenos da família Constante Ramos e a Rua Henrique Oswald, aberta dentro da propriedade de Peixoto como ligação da Rua Santa Clara com o Túnel Velho (1892), de grande largura e sendo curiosamente chamada à época de avenida.

Na realidade o Bairro Peixoto foi composto de 3 PA's distintos : os externos da rua Santa Clara e Siqueira Campos e o interno, o mais famoso, de número 3850 de 1943, que deu origem à praça Edmundo Bittencourt e às ruas de entorno; inclusive ao prolongamento da Rua Figueiredo de Magalhães e à futura Praça Vereador Rocha Leão.

A RUA FIGUEIREDO DE MAGALHÃES AINDA EM PROJETO

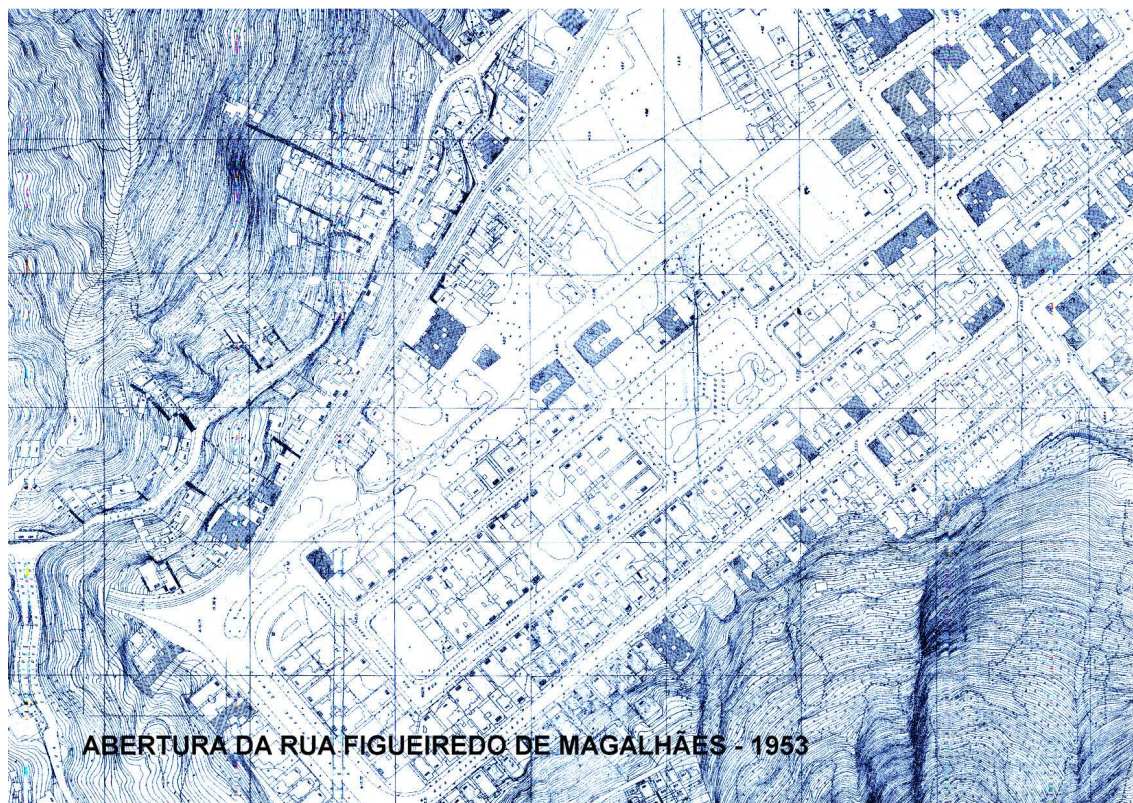


FIGURA 36 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

O Comendador Peixoto ao doar seus terrenos estipulou uma cláusula estabelecendo que todas as edificações não poderiam ter mais de 3 andares. Apenas um ano depois as distorções começaram, aumentando os gabaritos das ruas externas e em 1952 permitindo mais um andar nas internas. Lotes eram apregoados com gabarito maior “por se localizarem na esquina da Rua Figueiredo de Magalhães, para isso liberada por ser futura ligação com outros bairros, via Túnel Velho”. Já se prenunciava a eleição da fluidez como principal objetivo do planejamento, em oposição à concepção original da área. O acesso viário a Botafogo, secundário dentro do sistema viário, recebeu investimentos que estimularam o transporte individual e mudaram a hierarquia viária do bairro, introduzindo uma via arterial numa área destinada à interiorização e à acessibilidade.

Possivelmente o caráter histórico da ligação, responsável pelo nascimento do bairro de Copacabana, pela extensão das linhas de bondes no fim do séc.XIX, tenha influenciado essa decisão de planejamento, num nítido equívoco de gestão do patrimônio.

Na rua Santa Clara foram realizadas obras de terraplenagem e elevação do piso para a instalação das galerias que conduzem além das águas pluviais, um dos cursos d'água que desciam a encosta do Morro da Saudade e alimentavam o lago.

PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT – ANOS 40



FIGURA 37 - Fonte: JBAN/fotolog

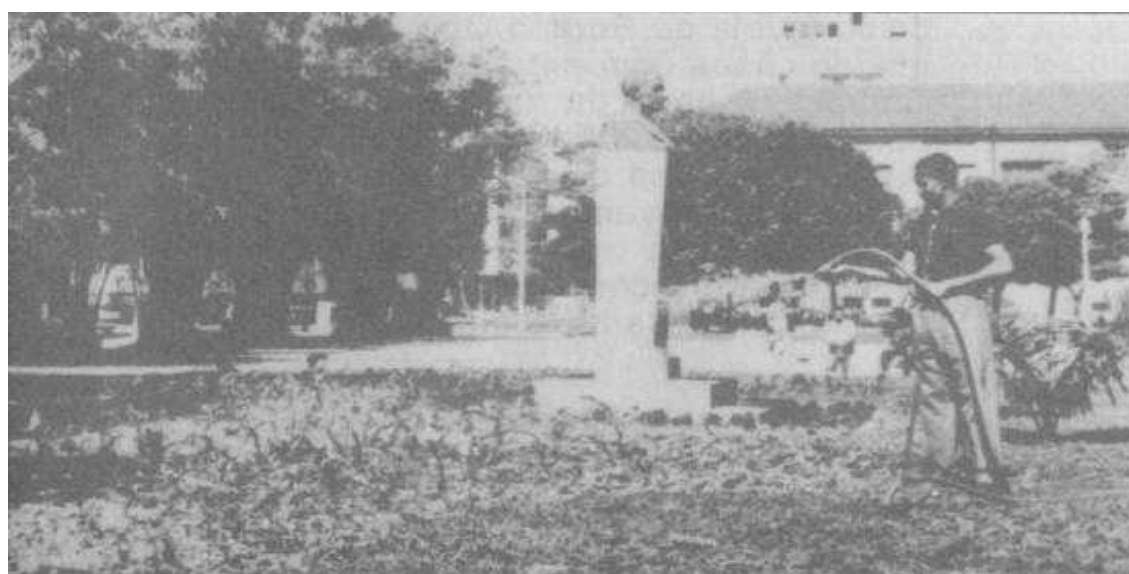


FIGURA 38 - Fonte: JBAN/fotolog

PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT – ATUAL



FIGURA 39 - Fonte: Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

Caso a Rua Figueiredo de Magalhães tivesse recebido um cul-de-sac junto à praça Vereador Rocha Leão, a exemplo da Rua Maestro Francisco Braga, estaria preservado o caráter local do parcelamento por muitos anos.

Em 1944, porém, a rua já tivera seu gabarito elevado para 12 pavimentos, denotando o triunfo dos interesses imobiliários e da fluidez sobre a acessibilidade e o caráter local. No mesmo ano, a Junta Administrativa do Bairro (da qual fazia parte o próprio Comendador Peixoto) assinou uma escritura de venda de lotes a *Rutte Bau*, admitindo a seguinte ressalva :

[...]” se porém, futuramente houver a Prefeitura Municipal permitido a construção de maior nº de pavimentos, ficará suspensa a presente cláusula (de limitação de gabarito),

podendo a outorgada requerer o cancelamento da certidão do Registro de Imóveis.”
(ESCRITURA DE COMPRA E VENDA,1944. AIZEN, Mário, 1992)

Com base nesse precedente o juiz Oscar Tenório, em 31 de março de 1952, autorizou o cancelamento, quando houvesse pedido para tal, da cláusula restritiva de 3 pavimentos. Daí em diante as licenças para obras passaram a ser concedidas de acordo com a legislação vigente. (AIZEN, Mário, 1992)

IDOSOS NA PRAÇA



FIGURA 40 - Fonte:OASIS (Sociedade dos Amigos do Bairro Peixoto)



FIGURA 41 - Fonte : OASIS

NAMORO NA PRAÇA



Figura 42 - Fonte:OASIS (Sociedade dos Amigos do Bairro Peixoto)²

² Ilustração meramente simbólica. Não se refere especificamente à Praça Edmundo Bittencourt. Trata-se de fotograma de filme enviado pela OASIS

8.1 A COMUNIDADE SE ORGANIZA

No início da década de 1960, o governo do então estado da Guanabara pretendeu implantar uma escola pública na Praça Edmundo Bittencourt, coração do Bairro Peixoto. Mobilizados em torno do projeto, os moradores criaram, em 21 de janeiro de 1962, a Sociedade dos Amigos do Bairro Peixoto.

Nos anos 1980 os moradores procuraram reativar a antiga Sociedade de Amigos e, em assembléia geral, a transformaram na Associação de Moradores e Amigos do Bairro Peixoto. Em novembro de 1981, a Associação lança a “Campanha do Gabarito”. De acordo com o Regulamento de Zoneamento, garagem, cobertura e pilotis não eram considerados como pavimentos, permitindo edificações mais altas. Em 1987, nova batalha contra a descaracterização do Bairro. Na época, a linha do Metrô Botafogo-General Osório previa a construção da estação Bairro Peixoto com acesso pela praça Edmundo Bittencourt. Em novembro de 1987, a AMA BAIRO PEIXOTO pleiteou junto ao Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Prefeitura o status de Área de Proteção Ambiental com o objetivo de preservar os elementos característicos da paisagem urbana local.

Em maio de 1989, a Câmara Municipal, sancionou a Lei n.º 1.390, regulamentada em 13 de março de 1990 através do Decreto n.º 9.226, que criou a Área de Proteção Ambiental (APA) do Bairro Peixoto. Novas construções não poderiam ultrapassar 15 metros, “considerados todos os elementos construtivos”.

Em 1973 a Rua Figueiredo de Magalhães ficara com a mão invertida, por causa das obras de duplicação do Túnel Velho. Nessa época a Rua Santa Clara também teve a sua mão invertida, ficando sem comunicação com o Túnel. Na década de 20, o túnel já fora

duplicado em largura pelo prefeito Alaor Prata, ganhando feições Neo-Coloniais, só sendo novamente duplicado, com a construção da galeria inferior, no governo Negrão de Lima.

A formação desse “binário” **Figueiredo de Magalhães / Siqueira Campos**, ligando Botafogo a Copacabana por duas galerias de mão única, dividiu o Bairro Peixoto ao meio caracterizando duas regiões de usos predominantemente diferentes. A partir de então a área residencial passou a ser limitada pela Rua Figueiredo de Magalhães, predominando o uso misto, comercial e a verticalização no restante do Bairro.

TÚNEL VELHO DUPLICADO EM LARGURA

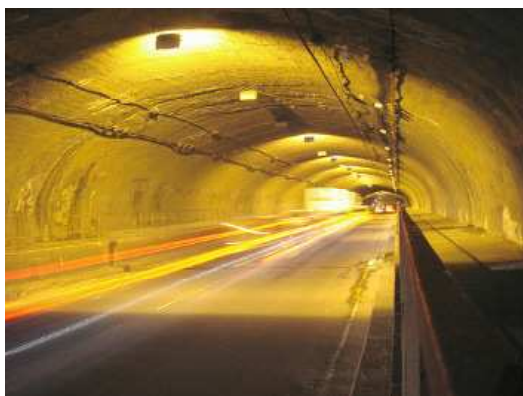


FIGURA 43 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ

Apesar dos desvios, o Bairro conseguiu manter, numa certa medida, sua ambiência e o uso residencial predominante entre as ruas Santa Clara e Figueiredo de Magalhães por 50 anos, porque ao capital imobiliário interessavam mais os terrenos próximos à praia e às vias preferenciais e de comércio.

Hoje, até a sinalização viária indica o Bairro Peixoto limitado pela Rua Figueiredo de Magalhães, que originalmente estaria no seu interior, mas tornou-se uma via de maior

hierarquia com a construção da galeria inferior do Túnel Alaor Prata no início dos anos 70.

Moradores abordados recentemente (nesse ponto da Figueiredo de Magalhães) a respeito dos limites do Bairro Peixoto, confirmaram a versão de que esse se limitaria às quatro ruas em torno da Praça Edmundo Bittencourt e não às treze ruas, duas travessas e duas praças originais. Conscientes da boa reputação do local, perguntaram se eu estaria à procura de apartamento para comprar ou alugar (como acontecera na minha visita à Vila Gratidão na Tijuca, na origem do trabalho). O estabelecimento tardio da APA do Bairro Peixoto (1989), somente tutelou 94 prédios nessa mesma área interna citada pelos moradores, quando a fragmentação já estava estabelecida. Isso demonstra que na consciência popular e da administração o Bairro realmente “encolheu” desde sua concepção e realização.

EXTRATOS DO DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, Ano III, nº46 e nº247

D.O. RIO

Ano III. nº 46 – Rio de Janeiro – Quarta-feira, 24 de maio de 1989.

LEI Nº 1390 DE 12 DE MAIO DE 1989

CRIA A ÁREA DE PROTEÇÃO DO AMBIENTAL DO BAIRRO PEIXOTO, EM COPACABANA, V REGIÃO ADMINISTRATIVA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Autor: Vereador MAURÍCIO AZEDO

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, faço saber que a Câmara do Município do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. – Fica criada a Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto, em Copacabana, V Região Administrativa, integrada pelos seguintes logradouros:

- I. Praça Edmundo Bittencourt;
- II. Rua Décio Vilares;
- III. Rua Maestro Francisco Braga;
- IV. Rua Anita Garibaldi, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e a Praça Edmundo Bittencourt;
- V. Rua Santa Clara, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e a Rua Henrique Oswald;
- VI. Rua Figueiredo Magalhães, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e o emboque da pista inferior do Túnel Alaor Prata;
- VII. Rua Siqueira Campos, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e o emboque da pista superior do Túnel Alaor Prata;
- VIII. Rua Tonelero, lado par, no trecho compreendido entre as ruas Siqueira Campos e Santa Clara;
- IX. Rua Henrique Oswald;
- X. Rua Tenente Marones de Gusmão;
- XI. Rua Capelão Alvares da Silva;
- XII. Rua Soseph Bloch
- XIII. Rua Lacerda Coutinho;
- XIV. Praça Vereador Rocha Leão;
- XV. Rua Tenreiro Aranha;
- XVI. Ladeira dos Tabajaras;
- XVII. Travessa Santa Margarida.

Art. 2º. – Na Área de Proteção Ambiental ora instituída, as novas edificações não poderão ultrapassar a altura de 15 (quinze) metros, considerados todos os elementos constitutivos

Art. 3º. – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

D.O. RIO**Ano III. n° 247 – Rio de Janeiro – Quarta-feira, 14 de março de 1990.**

Decreto n° 9226 DE 13 DE Março de 1990.

REGULAMENTA a Lei n° 1390, de 12 de maio de 1989 que criou a **ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO BAIRRO PEIXOTO**, em Copacabana, V Região Administrativa, e dá outras providências.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais tendo em vista o que consta do processo n° 12/27 49/87, e

CONSIDERANDO a necessidade de regulamentar a Lei n° 1390, de 12 de maio de 1989, que criou a Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto;

CONSIDERANDO que o Bairro Peixoto constitui-se em um projeto de ocupação de espaço urbano peculiar no Bairro de Copacabana;

CONSIDERANDO a necessidade de estabelecer parâmetros para a proteção do patrimônio cultural da área em questão;

CONSIDERANDO os estudos desenvolvidos pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes;

DECRETA.

Art. 1º. – Para efeito de proteção cultural da Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto, em Copacabana, V Região Administrativa, Lei n° 1390, de 12 de maio de 1989, ficam sob a tutela do Departamento Geral de Patrimônio Cultural as edificações relacionadas no Anexo I deste Decreto, divididas em dois grupos.

Art. 2º - As edificações que integram os grupos mencionados no artigo anterior deverão obedecer aos seguintes parâmetros:

GRUPO I

Nas edificações deste grupo, qualquer obra de modificação ou acréscimo deverá ser previamente aprovada pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural. Ficam proibidas as demolições e obras que venham descaracterizar fachadas, coberturas e quaisquer outros elementos decorativos relevantes;

GRUPO II

As demolições, construções e quaisquer obras a serem efetuadas nas edificações deste grupo deverão ser previamente aprovadas pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes.

Art. 3º - Em caso de pintura e quaisquer outros reparos, para os quais normalmente não é exigida a apresentação de projeto, será obrigatória a apresentação de fotografia no tamanho mínimo de 9 cm X 12 cm, com o esquema de alteração pretendidas.

Art. 4º - Em caso de demolição não licenciada ou de sinistro, poderá o Departamento Geral de Patrimônio Cultural estabelecer a obrigatoriedade de reconstrução da edificação, mantidas as suas características originais. Em caso de obras ilegais, inclusive acréscimos, o órgão poderá também exigir a reconstituição do imóvel.

Art. 5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1990 – 426º ano da Fundação da Cidade.

MARCELO ALENCAR
ARANALDO DE ASSIS MOURTHÉ
GERARDO MAJELLA MELLO MOURÃO

Anexo I

GRUPO I

Rua Anita Garibaldi,
105, 90

Rua Décio Vilares,

157, 169, 203, 217, 229, 241, 253, 289, 301, 323, 335,
52, 96, 110, 140, 154, 184, 194, 210, 228, 286, 316, 330, 346

Praça Edmundo Bittencourt,
16

Rua Henrique Oswald,

87, 131, 145, 173, 179

Rua Maestro Francisco Braga,

175, 181, 205, 223, 235, 247, 265, 283, 331, 353, 509, 533

76, 90, 116, 124, 140, 170, 184, 200, 216, 230, 246, 260, 276, 290, 336, 350,
396, 420, 442, 460, 486, 502, 516, 532, 546, 590,

Rua Santa Clara

413,

Rua Tenente Marones de Gusmão,
23, 85

GRUPO II

Rua Anita Garibaldi,
91, 101

Rua Décio Vilares,
191
6, 36, 60, 80, 300, 360

Rua Henrique Oswald,
115, 155,

Rua Maestro Francisco Braga
187, 295, 307, 319, 537, 585

64, 156, 366, 380, 410, 570.

8.2 MORFOLOGIA URBANA DO PEIXOTO



FIGURA 48 - Fonte : OÁSIS (Sociedade dos Amigos do Bairro Peixoto)

A população e a Associação de Moradores acham que a lei está sendo desrespeitada quando vêem demolições e altos prédios sendo erguidos num dos lados de ruas enquanto do outro ainda permanecem as ocupações tradicionais. Mas são brechas na legislação que o mercado sabe aproveitar antes que se apague a “reputação” do bairro, forte argumento de venda, verdadeira “galinha dos ovos de ouro” que já dura muitas décadas.

Na verdade o Bairro Peixoto converteu-se no presente num grande estacionamento para o Metrô, o Hospital Copa D’Or e seus habitantes. Talvez seja um horizonte considerável para esse tipo de parcelamento numa região tão conturbada e especulada quanto Copacabana, onde os interesses em jogo são todos legítimos, apesar de antagônicos.

Os estudos de Morfologia Urbana dividiram a paisagem urbana em três aspectos : o *plano da cidade* (ruas, lotes, quadras), o *tecido edificado*, e o *uso do solo*.

A Escola Inglesa de morfologia urbana está centrada no trabalho de M.R.G. Conzen, que desenvolveu uma técnica chamada “análise de planos de cidades”, cujos aspectos básicos são:

- A planta urbana
- Os padrões de construção
- Os padrões de uso do solo

A planta urbana encerra três tipos de elementos :

- Ruas e seu arranjo num sistema viário.
- Parcelamentos e sua agregação em quarteirões.
- Edifícios e sua influência na forma dos quarteirões.

No Bairro Peixoto, o plano inicial pretendeu criar um tecido residencial bastante homogêneo, com residências unifamiliares e prédios de baixa altura de uso exclusivamente residencial, destinando apenas a Rua Siqueira Campos como eixo de comércio possível, já que se tratava do principal acesso a Copacabana.

Com o passar dos anos a superfície da terra foi configurada e reconfigurada por mudanças na legislação e pelo mecanismo de substituição de ocupações próprio do mercado e muito ativo em Copacabana. As questões ligadas às mudanças pelos construtores de formas características de um período para outras, só despertaram curiosidade de uns anos para cá, principalmente na abordagem da Escola Italiana de

Caniggia³ que focou sua atenção num “processo tipológico” onde os novos edifícios são vistos como um produto de aprendizagem e adaptação de tipos anteriores onde numerosas decisões separadas se combinam para criar regularidades no território.

O primeiro grupo tipológico (**GRUPO I**) é formado pelas casas que têm influência dos chamados estilos Neocolonial e “Normando”, construídas do final da década de 1940 e início dos anos 1950. Quase todas as ocupações desse tipo já foram reconstruídas e adaptadas para pequenos prédios de até três pavimentos, pastiches do segundo grupo tipológico.

A seguir, aparecem os edifícios com apartamentos no pavimento térreo, com características do Neocolonial Brasileiro e Hispânico e contemporâneos dos grupos de casas. (**GRUPO II**)

O terceiro modelo são os edifícios que mantêm o apartamento térreo já com uma linguagem arquitetônica denominada moderna, que estava ocorrendo em Copacabana na segunda metade da década de 1950. (**GRUPO III**)

O quarto grupo (**GRUPO IV**) observado no Bairro Peixoto são os prédios que possuem pilotis no térreo e apresentam a incidência do estilo moderno na sua forma arquitetônica e nos materiais de revestimento como pastilhas e painéis em mosaico na portaria.

São do período final da década de 1950 para o início da década de 1960. Na qualificação destas linguagens arquitetônicas, foram levados em consideração, para a preservação dos prédios, os valores individual, de conjunto e de ambiência. Tais valores

³ A Escola Italiana de Morfologia de Giancarlo Caniggia propõe a leitura morfológica a partir do objeto, seu tipo, seu uso e as mudanças ocorridas ao longo da história, sendo portanto expressão cultural.

definiram os critérios que nortearam a legislação voltada para a preservação e que instituiu a Área de Proteção Ambiental.

O decreto que regulamenta a APA do Bairro Peixoto só enumera as edificações características dos Grupos I e II, quase todas atualmente reconstruídas dentro de uma pequena volumetria que ainda preserva a ambiência geral. Esse instrumento introduziu a tutela das edificações características do bairro, sendo ***Bem Tutelado*** aquele que, situado em Área de Proteção Ambiental (APA), pode ser modificado ou demolido, estando a nova edificação sujeita à compatibilização com os imóveis tombados e preservados. (provavelmente quanto à volumetria).

Preservando os interesses do mercado imobiliário até um certo ponto, mas impedindo os grandes prédios com embasamento e pilotis de acesso numa certa área. Essa brecha tem sido utilizada exaustivamente pelos proprietários, que preferem possuir vários apartamentos isentos de IPTU a uma casa unifamiliar na mesma condição.

As fotos e seguir mostram uma série de edificações unifamiliares convertidas em pequenos prédios de três pavimentos que procuram simular os imóveis do Tipo II, no que chamei de “**pastiche**” desse tipo.

Pouquíssimas casas unifamiliares foram poupadas nesse processo de substituição que uniformizou a volumetria dentro de um padrão compatível de baixa densidade.

Muitos desses imóveis estão sendo comprados paulatinamente por empresas por valores bem acima do mercado, com a finalidade de serem transformados em escritórios, o que torna irrecusáveis certas propostas de aquisição, expulsando antigos moradores. Queixas nesse sentido foram expostas durante as entrevistas com os moradores. Muitas vezes os apartamentos vão sendo comprados um a um até que todo o imóvel caia nas mãos do interessado, repetindo o processo conhecido de “composição de terrenos”, utilizado para

obtenção de grandes coeficientes de aproveitamento resultante da associação de lotes.

Vamos agora conduzir um giro fotográfico pelos grupos tipológicos das edificações.

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiche)



FIGURA 49 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiche)



FIGURA 50 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiche e grupo IV)FIGURA 51 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread**CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiche)**FIGURA 52 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo I)FIGURA 53 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread**CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiche)**FIGURA 54 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiches)FIGURA 55 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthreadFIGURA 56 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread



FIGURA 57 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiches)



FIGURA 58 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II - pastiches)



FIGURA 59 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

Vários prédios já foram adaptados ao uso comercial numa resposta natural às demandas do mercado, geralmente para pousadas, hotéis, escolas e creches.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL (grupo I)



FIGURA 60 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

O estabelecimento de um regime de estacionamento rotativo com selos especiais para moradores sem garagens, poderia retirar parte dos usuários do metrô, do hospital geral e do comércio durante o horário diurno, liberando as ruas para os pedestres.

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiche)



FIGURA 61 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CONSTRUÇÕES TUTELADAS (grupo II – pastiches)FIGURA 62 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread**IMÓVEL NÃO TUTELADO IMITANDO GRUPO I**FIGURA 63 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

UMA ESCALA AMEAÇADA A PRESERVAR (grupo II – pastiche e grupo IV)FIGURA 64 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthreadFIGURA 65 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

CEDENDO TERRENO PAULATINAMENTE...(grupos IV e II)FIGURA 66 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthreadFIGURA 67 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

ESTACIONAMENTO GRATUITO DA PRAÇA E ENTORNO É ATRAENTEFIGURA 68 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread**O PROCESSO DE SUBSTITUIÇÃO COM A DEMOLIÇÃO PROSEGUE...**FIGURA 69 - Fonte : Vini2 www.skyscrapercity.com/showthread

Os padrões iniciais de uso do solo no Bairro Peixoto estabeleciam apenas um setor homogêneo de uso residencial com uma faixa de uso comercial ao longo da Rua Siqueira Campos, ligação com o bairro de Botafogo.



SETORES HOMOGÊNEOS DO BAIRRO PEIXOTO

- ÁREA ORIGINAL DO BAIRRO PEIXOTO (TOTALMENTE RESIDENCIAL)
- SETOR COMERCIAL PROJETADO NA RUA SIQUEIRA CAMPOS
- ÁREA DE USO MISTO PRODUZIDA PELA SEGMENTAÇÃO DO PEIXOTO

FIGURA 70 - Fonte : : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ, tratada pelo autor.

Antes da construção da galeria inferior do Túnel Alaor Prata em 1970, os fluxos em direção a Copacabana e Botafogo eram tangenciais ao Bairro e ainda predominava o uso residencial apesar do gabarito de 12 pavimentos para a Rua Figueiredo de Magalhães. Subia-se a Siqueira Campos para ir a Botafogo e voltava-se pela Figueiredo de Magalhães ou pela Santa Clara.



FIGURA 71 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ, tratada pelo autor.

A zona amarela de uso misto consolidou-se depois da inauguração da galeria inferior do túnel, quando a Rua Figueiredo de Magalhães passou a ter sentido único de direção para Botafogo e a Rua Siqueira Campos sentido único para Copacabana. Houve segmentação do Peixoto pela via de alta capacidade.



FIGURA 72 - Fonte : Inst. Mun. de Urbanismo Pereira Passos PMRJ, tratada pelo autor.

9. O PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO DE COPACABANA

Em 1909 já era anunciado no Leme o metro quadrado mais caro do país, em terrenos ocupados por palacetes e residências elegantes como as de Guilhermina Guinle e Lineu de Paula Machado, agora construídos de frente para o mar, na Avenida Atlântica duplicada e iluminada em 1919, e não mais voltados para a Rua Nossa Senhora de Copacabana.

O deslocamento de parte da aristocracia para Copacabana originou uma demanda por criadagem, instalada nos morros em casas improvisadas, as primeiras favelas do bairro, no Morro da Babilônia e do Cantagalo.

Verifica-se o início do processo de verticalização do bairro com a construção dos primeiros blocos de apartamentos, os festejos do Centenário da Independência, o sucesso social da Praça do Lido e seu elegante restaurante, o Hotel Copacabana Palace da família Guinle e o Cassino da Urca. Copacabana que surgira como bairro residencial e manteve essa característica até cerca de 1940, passou a ser tratada como grande área de lazer, apesar da presença de hotéis-balneários, pensões e bares-restaurantes na região datar de cerca de 1900.

No entanto, foi o Copacabana Palace que iniciou a fase dos grandes hotéis, trazendo um ar cosmopolita e internacional para o bairro. A partir de 1930, com a propagação do uso do concreto armado, começou o processo de verticalização radical da Glória, Flamengo e de Copacabana.

Foi fixada pelo decreto nº 6000 a limitação da altura das edificações em 50 metros e um mínimo de dois pavimentos, surgindo prédios entre quatro e dez andares na vizinhança do Copacabana Palace, com características do estilo *Art-Déco*. Inaugura-se o Cassino Atlântico em 1934. Mais adiante o zoneamento estabeleceu um gabarito máximo de 14

pavimentos com limite de profundidade das construções conforme a largura das quadras, para a formação de áreas coletivas internas.

No fim da 2ª.Guerra iniciou-se o processo de substituição dos imóveis da ocupação inicial por edifícios maiores e o aparecimento dos apartamentos de dimensões mínimas, chamados de *conjugados*, das coberturas com 20% (depois 50%) da área do pavimento inferior, das garagens subterrâneas e dos pilotis abertos. Com o aumento expressivo da densidade populacional (que chegaria a 700h/Ha), foi estabelecida uma cota de 60m² de terreno por unidade habitacional para tentar conter a tendência justamente na época de maior concentração de usos no bairro que se tornara a orla marítima mais famosa do mundo.

O decreto nº 3800 liberou o gabarito dos prédios afastados das divisas na Avenida Atlântica, acumulando carros nas ruas de Copacabana por falta de locais de estacionamento, o que ocasionou o aparecimento de embasamentos de vários pavimentos destinados às garagens, muitas vezes igualando o nº de pavimentos-tipo até que se estabelecesse 10,60m metros como limite de altura desses embasamentos. (depois passando a 12,00m)

O incentivo à indústria do Turismo, entretanto, regulamentou o apart-hotel com infraestrutura hoteleira e liberou o gabarito dos hotéis.

No Bairro Peixoto e no Lido, considerados patrimônio cultural da cidade e ocupação peculiar do espaço em Copacabana, foi estabelecido um gabarito diferenciado com o aparecimento das Áreas de Proteção Ambiental, determinando altura máxima de 15 metros para as novas edificações.

Já saturada e supervalorizada, Copacabana experimentou a tendência ao desaparecimento das escolas particulares para sua transformação em condomínios verticais. A

municipalidade replicou com a construção de escolas públicas nas praças, prejudicando a proporção de espaços livres de uso público disponíveis. No Bairro Peixoto tal medida foi contida por mobilização da Associação de Moradores, a primeira de Copacabana, que conseguiu transformar a área em Área de Proteção Ambiental criada por lei. (1989)

Na década de 60 já era possível nascer e morrer em Copacabana sem nunca ter saído de lá, a não ser a passeio. Tinha se transformado num sub-centro da cidade. O primeiro Super-Shopping Center do país, intitulado **Cidade Copacabana**, foi uma iniciativa prematura que fracassou no Bairro Peixoto (Rua Figueiredo de Magalhães - 1957), com mais de 50.000 m², transformando-se num complexo de comércio e serviços em geral, dois teatros, uma igreja e amplo estacionamento de aluguel, conhecido como Shopping dos Antiquários. Tais iniciativas exigiam grandes terrenos que não existiam mais no bairro.

INÍCIO DO SHOPPING CIDADE COPACABANA – DEMOLIÇÃO DE CASAS



FIGURA 73 - Fonte : JBAN / fotolog

Cem anos depois do início de sua urbanização o bairro sofreu verdadeira explosão imobiliária. Novos decretos foram flexibilizando a construção de mais pavimentos em prédios afastados das divisas.

A partir de 1975 (dec.nº52) o nº de pavimentos de garagem podia igualar novamente o de pavimentos-tipo.

A altura máxima de 15 metros das novas edificações no Bairro Peixoto limita-se a um dos lados das ruas periféricas, como a Santa Clara, onde está sendo finalizado um condomínio com pilotis de acesso, embasamento de cinco andares e nove pavimentos-tipo de apartamentos. O Condomínio Mirante de Copacabana, na encosta do Morro da Saudade, já apresentava seis blocos de 12 pavimentos. As forças do mercado parecem irresistíveis e se refletem na legislação de uso e ocupação do solo.

Assim como morar em Copacabana um dia significou adjetivar-se e conquistar um *status* na multidão, o mesmo processo se repete na zona Oeste (Barra da Tijuca), onde o simbólico parece ter mais aceitação que o real, numa busca por novas maneiras de viver e pensar. Tudo alimentado pela publicidade e propaganda que são elementos decisivos numa sociedade baseada no consumo dirigido, por sua vez estreitamente ligado ao pleno emprego e ao crescimento da economia.

As necessidades criadas pela publicidade são nitidamente antagônicas aos anseios de crescimento sustentável que se anunciam como intenções utópicas cujos caminhos precisam ainda ser encontrados, mas não recebem os mesmos investimentos maciços das forças que contribuem para o consumo descartável. Hoje já não se consertam eletrodomésticos e muitos eletroeletrônicos, que são jogados no lixo por falta de alternativa. Trocam-se placas de circuitos integrados completas ao invés de um componente defeituoso que custaria centavos.

10. AMOSTRAGEM SIGNIFICATIVA

Em um universo com N elementos, uma boa amostra, sob o ponto de vista estatístico, não pode ter um número muito inferior a \sqrt{N} elementos. Quanto maior o universo a ser pesquisado, menor a proporção da amostra necessária. Inversamente, se o universo a ser pesquisado é pequeno, pode ser necessária uma amostra muito grande, sob o ponto de vista percentual. Portanto, o critério estatístico de utilizar amostra de aproximadamente \sqrt{N} é válido quando se quer responder a questões relativas ao universo de N elementos como um todo.

A parcela populacional selecionada como nosso universo de pesquisa foi a faixa de população adulta entre 20 e 60 anos ou mais, predominante no bairro de Copacabana (82,77%) apurada no Censo 2000, e sua projeção para o ano de 2008. Nossa análise se faz numa amostra aleatória sistemática, colhendo depoimentos dentro dessa faixa etária representativa, na área do Bairro Peixoto.

Todas as entrevistas foram realizadas no período da manhã, quando a população mais idosa pratica caminhadas e os mais jovens saem para o trabalho. O universo foi determinado pelo exame dos 39 setores censitários que compõem a área. Não foram consideradas as áreas de invasão periféricas que surgiram em períodos mais recentes, mas a área compreendida entre os limites externos representados pelas ruas Santa Clara, Tonelero, Ladeira dos Tabajaras e Henrique Oswald e que configuram os alinhamentos originais do Peixoto.

Os dados coletados foram convertidos em tabelas para análise e conclusão. Houve certa dificuldade na sua coleta pelo clima de desconfiança reinante entre a população em relação a estranhos, em face do clima de insegurança reinante na cidade e das chuvas

persistentes de verão. Todas as entrevistas foram realizadas no trecho ainda residencial do bairro.

Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. (JOÃO DO RIO - A Alma Encantadora das Ruas.)

10.1 CRONOGRAMA DE TRABALHO .

ENCLAVES RESIDENCIAIS: MORFOLOGIA URBANA E ORGANIZAÇÃO DE VIZINHANÇA
O caso do Bairro Peixoto em Copacabana (RJ)

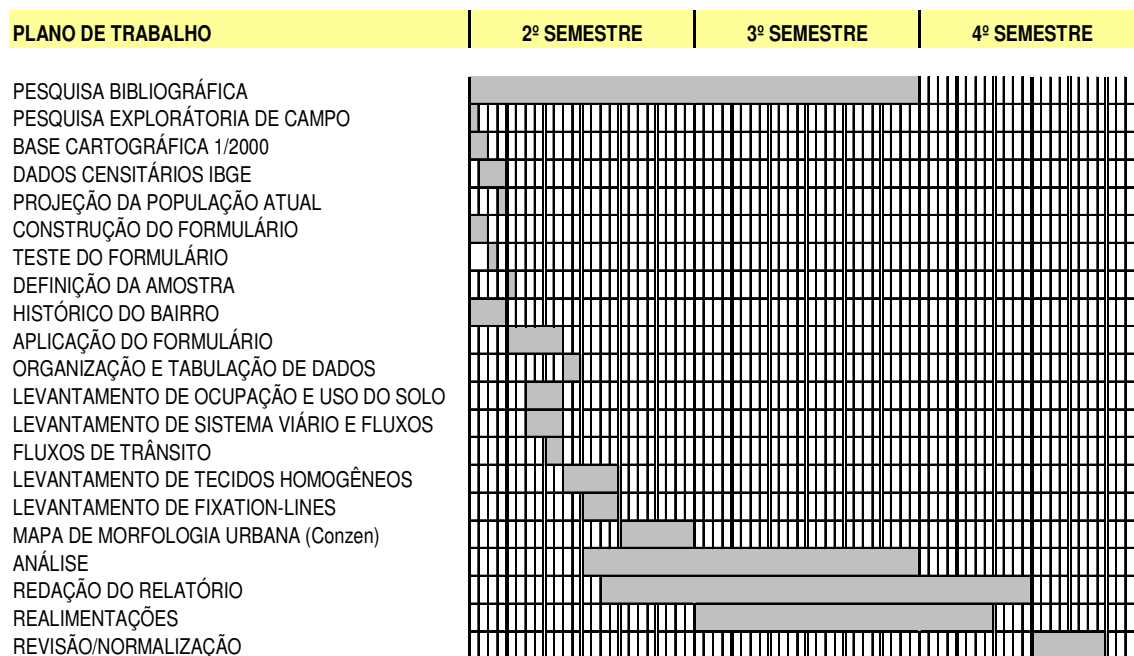


GRÁFICO 1 - Do autor

Os semestres citados no Cronograma se referem aos anos-calendário de 2008 / 2009, sendo o primeiro semestre de conceituação e fundamentação em Conservação de Bens Culturais, Tecnologia do Ambiente Construído, Gestão do Território e Seminários de Integração.

Os três semestres posteriores se referem respectivamente a 2008-1, 2009-1 e 2009-2, quando as etapas de levantamentos, organização, tabulação e análise foram realizadas.

Períodos chuvosos causaram várias realimentações no processo por prejudicarem a aplicação dos questionários de campo.

10.2 FORMULÁRIO DE PESQUISA

PÁGINA 01

FORMULÁRIO DE CAMPO - BAIRRO PEIXOTO - COPACABANA / RJ

- 1 Sua faixa etária:
- | | |
|-----------|--------------------------|
| 20 - 30 | <input type="checkbox"/> |
| 31 - 40 | <input type="checkbox"/> |
| 41 - 60 | <input type="checkbox"/> |
| 60 e mais | <input type="checkbox"/> |
- 2 Quais as qualidades do Bairro que o distinguem dos demais?
- 3 Quais os defeitos do Bairro?
- 4 Há quanto tempo mora no Bairro?
- | | |
|--------------|--------------------------|
| Até 1 ano | <input type="checkbox"/> |
| 1 a 5 anos | <input type="checkbox"/> |
| 6 a 10 anos | <input type="checkbox"/> |
| 11 a 20 anos | <input type="checkbox"/> |
| 20 e mais | <input type="checkbox"/> |
- 5 Pretende sair do Bairro? Por quê?
- | | |
|----------|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe | <input type="checkbox"/> |
| Porque: | |
- 6 Encontra na vizinhança tudo o que precisa?
- | | |
|--------|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |
| Falta: | |

Investiga as faixas etárias dos entrevistados, sua percepção das qualidades e defeitos do bairro, sendo computadas todas as manifestações; o tempo de residência do morador, sua intenção de permanecer ou sair do local e sua satisfação com aquilo que o bairro oferece em abastecimento e serviços.

PÁGINA 02

8 Elementos que contribuem para a consolidação da vizinhança no Bairro (Notas de 0 a 10)

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PONTOS DE ENCONTRO											
COMÉRCIO DE BAIRRO											
TRÂNSITO LEVE											
FEIRAS											
FESTIVIDADES											
PRAÇAS											
CAMINHADAS											
TRANSPORTE											
RELIGIÃO											
RUAS											
VIZINHOS											
ESTACIONAMENTO											
SEGURANÇA											
INSEGURANÇA											
LOCALIZAÇÃO											
ASSOCIAÇÃO											
TOMBAMENTO											
CARÁTER RESIDENCIAL											

9 A situação do Bairro, fora do trânsito de passagem, facilita as relações de vizinhança?

- Não facilita
 Facilita pouco
 Facilita fortemente
 Não sabe

10 Você se relaciona com os seus vizinhos?

- Não. Evita aproximação
 Somente os cumprimenta
 Com poucas pessoas
 Com muitas pessoas

Investiga, na ótica dos moradores, que elementos mais contribuiriam para a consolidação dos laços de vizinhança, com atribuição de notas de 0 a 10 a vários fatores apresentados, com opção do próprio morador acrescentar outros que julgasse relevantes. Do resultado foi extraída a **moda**.

Investiga o posicionamento fora do trânsito de passagem como fator de consolidação da vizinhança e o grau de aproximação entre vizinhos.

PÁGINA 03

11 Em que categoria profissional você se classifica?

Profissional liberal assalariado	<input type="checkbox"/>
Funcionário público	<input type="checkbox"/>
Comerciário	<input type="checkbox"/>
Bancário	<input type="checkbox"/>
Empregado de escritório	<input type="checkbox"/>
Vendedor	<input type="checkbox"/>
Professor	<input type="checkbox"/>
Comerciante	<input type="checkbox"/>
Aposentado	<input type="checkbox"/>
Pensionista	<input type="checkbox"/>
Estudante	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>

12 Onde você encontra os seus amigos?

Em casa	<input type="checkbox"/>
Na casa deles	<input type="checkbox"/>
No comércio	<input type="checkbox"/>
Nos bares	<input type="checkbox"/>
Na praia	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>

Investiga as categorias profissionais da amostra e os pontos de encontro preferenciais entre amigos.

10.3 TABULAÇÃO DE FORMULÁRIOS – BAIRRO PEIXOTO
TABELA 1

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DE COPACABANA POR FAIXAS ETÁRIAS – CENSO IBGE 2000		
FAIXAS ETÁRIAS	Nº PESSOAS	DISTRIB. PERCENTUAL
0 – 4 anos	5750	3,68
5 – 9 anos	5855	3,75
10 – 14 anos	6461	4,14
15 – 19 anos	9196	5,89
20 – 24 anos	11944	7,65
25 – 29 anos	11151	7,14
30 – 34 anos	10182	6,52
35 – 39 anos	11149	7,14
40 – 44 anos	10790	6,91
45 - 49 anos	10833	6,94
50 – 54 anos	11151	7,08
55 – 59 anos	8799	5,64
60 ou mais	42906	27,49
GRUPO ADULTO DOMINANTE = 82,77%		
TOTAL	156068	100,00

Fonte : CENSO IBGE 2000 e Elaborado pelo Autor

Verifica-se que o grupo adulto dominante (de 20 – 60 anos ou mais) constitui 82,77% da população total de Copacabana. Iremos extrair nossa amostra aleatória dentro desse grupo majoritário, por se inferir tratar-se de pessoas residentes no local por vontade

própria e já com possível experiência anterior em relação a outros locais de residência e, portanto, com maior visão crítica.

TABELA 2
RESIDENTES ADULTOS (18 – 80 anos ou mais)*, POR SETORES
CENSITÁRIOS DO BAIRRO PEIXOTO – COPACABANA – CENSO 2000

SETORES CENSITÁRIOS	RESIDENTES ADULTOS
10 0146	782
10 0147	220
10 0148	369
10 0149	347
10 0150	224
10 0151	420
10 0236	382
10 0349	365
10 0376	481
10 0377	445
10 0378	517
10 0379	504
10 0380	549
10 0381	556
10 0382	307
10 0383	463
10 0384	382
10 0385	467
10 0386	380
10 0388	337
10 0389	527
10 0390	553
10 0391	573
10 0392	357
10 0393	442
10 0394	269
10 0395	337
10 0396	326
10 0397	333
10 0398	667
10 0399	413
10 0400	478
10 0401	480
10 0402	364
10 0403	380
10 0404	466
10 0405	217
10 0406	450
10 0407	670
TOTAL	16799

Fonte : CENSO IBGE 2000 e Elaborado pelo Autor

* O IBGE apresenta faixas etárias diferentes em publicações impressas (20 – 60 anos e mais) e mídia digitalizada (18 - 80 anos e mais) o que torna nossa amostra tomada na faixa mais ampla, ainda mais significativa já que consideramos o Universo maior, de 18 – 80 anos e mais, para dimensionar nossa amostra.

A população estimada para 2008 considera as estimativas de 2007 do IBGE para a taxa geométrica de crescimento populacional do Rio de Janeiro nos últimos 7 anos, que seria de 0,56%. (Fonte : Instituto Pereira Passos)

ESTIMATIVA DE POPULAÇÃO DO PEIXOTO PARA 2008 :

$$P = P_0 (1 + \alpha)^n$$

Onde : **P** = População final.

P₀ = População inicial.

α = Taxa geométrica de crescimento.

n = N° de anos.

$$P = 16799 (1 + 0,56)^8 = 16799 . 1,0054 = 16890 \text{ habitantes}$$

$$\text{Amostra : } \sqrt[8]{16890} = 129,96 \text{ ou } \underline{\underline{130 \text{ formulários de campo}}} (0,77\%)$$

Não foi considerado o processo de fragmentação sofrido pelo bairro, sendo computados os moradores de toda a área original do Peixoto, mesmo aqueles da zona de uso misto determinada pela abertura da Rua Figueiredo de Magalhães. Isso ampliou bastante nossa amostra por incluir áreas de alta densidade entre Figueiredo de Magalhães e Ladeira dos Tabajaras.

QUADRO 1
FAIXAS ETÁRIAS

60 ANOS E MAIS	61,5%	80
40 – 60	23,1%	30
31 – 40	7,7%	10
20 - 30	7,7%	10
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 2
DISTRIB. DA AMOSTRA NA ÁREA, SEGUNDO RESIDÊNCIA

PRAÇA VEREADOR ROCHA LEÃO	15,4%	20
LADEIRA DOS TABAJARAS	7,7%	10
RUA SANTA CLARA	23,07%	30
RUA HENRIQUE OSWALD	7,7%	10
RUA MAESTRO FRANCISCO BRAGA	15,4%	20
RUA FIGUEIREDO MAGALHÃES	7,7%	10
RUA CAPELÃO ÁLVARES DA SILVA	7,7%	10
RUA DÉCIO VILARES	15,4%	20
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA



FIGURA 74 - Fonte: Google Maps e Pesquisa de Campo

A amostra distribuída segundo o quadro 7 está uniformemente dividida dentro da área, com certo predomínio da rua Santa Clara, inteiramente aleatório.

QUADRO 3
QUALIDADES DO BAIRRO SEGUNDO OS MORADORES

TRANQUILIDADE	69,2%	90
SILÊNCIO E POUCO TRÂNSITO INTERNO	23,1%	30
OUTROS: PRESENÇA DE PÁSSAROS		
ARBORIZAÇÃO DOS LOGRADOUROS		
PRÉDIOS DE BAIXA VOLUMETRIA		
BOA VIZINHANÇA		
EXISTÊNCIA DE PRAÇAS		
BOM ABASTECIMENTO DE ÁGUA	8,0%	10
BOA LOCALIZAÇÃO		
ESPÍRITO DO LOCAL		
SEGURANÇA		
POUCO COMÉRCIO NA ÁREA		
ATMOSFERA PROVINCIANA		
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 4
DEFEITOS DO BAIRRO SEGUNDO OS MORADORES

PRESENÇA DE HOSPITAL GERAL		
ALTA DENSIDADE POPULACIONAL	23,1%	30
DEJETOS NOS LOGRADOUROS		
POLICIAMENTO DEFICIENTE		
PRESENÇA DE MENDIGOS	30,8%	40
ESTACIONAMENTO EXCESSIVO	15,4%	20
OUTROS: VENDEDORES AMBULANTES		
NENHUM DEFEITO		
FAVELIZAÇÃO DO ENTORNO		
PRAÇA SEM CALÇAMENTO		
MUITO MOVIMENTO		
SEM SAÍDA PARA O TRÂNSITO	30,7%	10
PRESENÇA DE DROGADOS		
PRESENÇA DE BANDIDOS		
PRESENÇA DE JOGADORES DE BARALHO		
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES EM		
CONFLITO		
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 5
TEMPO DE RESIDÊNCIA

20 ANOS E MAIS	39,4%	50
11 - 20	23,1%	30
06 - 10	30,8%	40
01 - 05	7,7%	10
ATÉ 01 ANO	-	-
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 6
INTENÇÃO DE DEIXAR A ÁREA

NÃO	100%	130
SIM	-	-
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 7
ENCONTRA TUDO O QUE PRECISA?

NÃO	7,7%	10
SIM	92,3	120
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 8
ELEMENTOS DE CONSOLIDAÇÃO DA VIZINHANÇA
(NOTAS 0 A 10)
- MODA -

8 a	PONTOS DE ENCONTRO	8
8 b	COMÉRCIO DE BAIRRO	10
8 c	TRÂNSITO LEVE	10
8 d	FEIRAS	8
8 e	FESTIVIDADES	7
8 f	PRAÇAS	10
8 g	CAMINHADAS	8
8 h	TRANSPORTE PÚBLICO	9
8 i	RELIGIÃO	10
8 j	RUAS	8
8 k	VIZINHOS	10
8 l	ESTACIONAMENTO	5
8 m	SEGURANÇA	5
8 n	INSEGURANÇA	5
8 o	LOCALIZAÇÃO	10
8 p	ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	8
8 q	TOMBAMENTO	10
8 r	CARÁTER RESIDENCIAL	10
8 s	PROXIMIDADE DA PRAIA	9

QUADRO 9
TRÂNSITO TANGENCIAL E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA

FACILITA FORTEMENTE OS LAÇOS DE VIZINHANÇA	84,6%	110
NÃO FACILITA OS LAÇOS DE VIZINHANÇA	15,4%	20
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

CONTAGEM DE VEÍCULOS POR HORA - BAIRRO PEIXOTO / 9:00 hs

RUAS	VEÍCULOS p/hora
RUA SANTA CLARA (periférica)	744
RUA TONELERO (periférica)	2796
RUA FIGUEIREDO DE MAGALHÃES (periférica)	1740
RUA SIQUEIRA CAMPOS (periférica)	1128
RUA ANITA GARIBALDI (via interna)	216

A Rua Figueiredo de Magalhães foi considerada periférica por sua transformação em via arterial após a construção da galeria inferior do Túnel Velho, o que causou a redução da área de uso predominantemente residencial praticamente à metade.

QUADRO 10
RELACIONAMENTO ENTRE VIZINHOS

RELACIONAM-SE COM POUCAS PESSOAS	69,2%	90
RELACIONAM-SE COM MUITAS PESSOAS	30,8%	40
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 11
CATEGORIAS PROFISSIONAIS NA AMOSTRA ENTREVISTADA

APOSENTADOS	53,8%	70
<hr/>		
OUTROS: COMERCIÁRIO		
ESTUDANTES		
COMERCIANTE		
EMPREGADO DE ESCRITÓRIO	46,2%	60
PROFISSIONAL LIBERAL ASSALARIADO		
PINTOR		
OUTROS		
<hr/>		
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

QUADRO 12
LOCAIS DE ENCONTRO PREDOMINANTES

EM CASA	61,5%	80
<hr/>		
NA CASA DOS AMIGOS		
NA PRAIA	23,1%	30
<hr/>		
NO COMÉRCIO		
NOS BARES	15,4%	20
OUTROS LOCAIS		
<hr/>		
TOTAL DE MANIFESTAÇÕES	100%	130

10.4 ANÁLISE DA TABULAÇÃO

As entrevistas realizadas na amostra refletem a distribuição populacional verificada no Censo Demográfico de 2000, com grande dominância de idosos, como no restante do bairro de Copacabana, onde serviços de alimentação a quilo e apartamentos pequenos atraem aposentados de classe média que se sentem próximos de qualquer tipo de solicitação.

Apesar da abordagem aleatória, as entrevistas ficaram uniformemente distribuídas por sete logradouros do Peixoto (que apresenta oficialmente 13 ruas). O que pode ser explicado pela concentração de pessoas na parte da manhã na Praça Edmundo Bittencourt, um espaço aberto e bem insolado.

A tranqüilidade predominou amplamente como qualidade principal da área, seguida do baixo volume de trânsito interno que significa pouco ruído e segurança. Outras qualidades citadas ficaram pulverizadas como a atmosfera “provinciana” e o “espírito do local”, que interpreto como um perfil característico ou reputação que o Peixoto conseguiu manter apesar da dinâmica de vizinhança. Apesar do item segurança figurar entre as queixas, consta também entre as qualidades pulverizadas, talvez representado por uma parcela da população ainda não atingida pelo incremento da violência urbana.

Os alegados defeitos estão concentrados :

- na presença do Hospital Copa D’Or que utiliza a área como estacionamento de funcionários e clientes e inflaciona o preço dos imóveis ao adquirir apartamentos vizinhos a preços exorbitantes para ampliar suas instalações. No ruído do heliponto que recebe pacientes de emergências.

- na alta densidade populacional do bairro com conseqüente incremento do número de veículos em busca de estacionamento.
- na existência freqüente de dejetos caninos nas calçadas e praças, causada pelo grande número de pessoas idosas e sozinhas que utilizam cães como companhia e os conduzem a passear diariamente sem o devido cuidado. Um problema generalizado das grandes cidades.
- no policiamento deficiente que permite a presença de punquistas, mendigos e eventualmente consumidores de drogas nos logradouros e que torna o local perigoso à noite, pela ampla arborização que cria sombras onde podem se esconder assaltantes. Um problema também bastante generalizado na nossa sociedade atribulada por grandes desigualdades sociais.

destaca-se a queixa contra os mendigos que são expulsos da praia e vão abrigar-se na praça do bairro. Há tipos populares como “madame”, antiga garota de programa que fica se maquilando nas mesas da praça e reage violentamente se abordada. Especula-se que seja mantida por um certo zelador desconhecido em troca de favores sexuais.

“MADAME”



FIGURA 75 - Fonte: foto do autor

- O estacionamento excessivo causado pelo Metrô, pelo hospital geral e pela gratuidade conhecida por todos que ali ocorrem, apesar dos furtos frequentes de equipamentos dos veículos.
- defeitos pulverizados pela maioria incluem a favelização do entorno, a falta de saída para o trânsito, presença de jogadores de baralho e “bandidos”, os conflitos entre os membros da Associação de Moradores, e inclusive um depoimento de quem não encontra nenhum defeito no local. Não há unanimidade nessa questão, predominando as opiniões pulverizadas, juntamente com a queixa contra os mendigos. Denota um certo grau de satisfação com a vida na área, apesar das ressalvas.

TIROTEIO COM A POLÍCIA DEIXA MORTOS NA LADEIRA DOS TABAJARAS



FIGURA 76 - Fonte: Agência O Globo

A maioria reside há vinte anos ou mais no bairro. Não foi encontrado nenhum morador recente, o que parece confirmar a grande densidade e procura pelo local e um certo nível de satisfação. Nenhum dos entrevistados pretende deixar a área, apesar das restrições que possa apresentar e a maioria esmagadora declara encontrar na vizinhança tudo o que precisa para viver.

Os elementos que mais contribuem para a consolidação da vizinhança, segundo a percepção dos moradores são :

1. o comércio de bairro e o trânsito rarefeito, a presença de espaços livres de uso público, a boa vizinhança e a religião, a boa localização, o caráter residencial dominante e o status de área de proteção ambiental.
2. Vêm em seguida a existência de pontos de encontro, as feiras-livres semanais, a prática de caminhadas, o transporte público, as ruas do bairro, a proximidade da praia e a Associação de Moradores. Todos elementos de conagraçamento e reunião de pessoas.
3. Os últimos elementos cotados foram : as festividades e eventos, a facilidade de estacionamento e a segurança e insegurança públicas. As festividades e eventos sofreram restrições nos últimos tempos, pelo uso de bebidas alcoólicas e sujeira remanescentes. O estacionamento por ser atualmente muito disputado por elementos externos ao bairro e a segurança por proporcionar intercâmbios predominantemente para queixas e reivindicações coletivas e não como elemento de estreitamento de relacionamento.

DIA DA CRIANÇA NA PRAÇA



FIGURA 77 - Fonte : OASIS (Sociedade dos Amigos do Bairro Peixoto)

Existe forte inclinação em apontar o trânsito pesado tangencial ao bairro como importante fator de aproximação entre as pessoas, que podem circular em segurança por todas as ruas internas.

Como em todas as grandes cidades, prevalece o individualismo e a maioria das pessoas se relaciona com um número limitado de vizinhos.

A grande maioria dos entrevistados é aposentada ou pensionista, dividindo-se os restantes entre :

- Estudantes
- Comercíarios

- Comerciantes
- Empregados de escritório
- Profissionais liberais assalariados
- Pintores
- Outras categorias diversas

Os poucos amigos se encontram em casa, em visita aos amigos, na praia, no comércio, nos bares e em outros locais públicos.

Em resposta a muitas das colocações aqui constatadas, a Associação de Moradores e Amigos do Bairro Peixoto – OÁSIS - tem realizado, durante o ano, algumas festas de caráter eminentemente comunitário com o objetivo de favorecer a integração de moradores e amigos do bairro e procurar um relacionamento mais positivo com a cidade em que vivem :

• **CARNAVAL:**

Banda do Bairro Peixoto

Baile Infantil

• **DIA DAS MÃES**

• **DIA DA CRIANÇA**

• **NATAL**

A festa junina, tradicionalmente realizada em julho e talvez uma das mais badaladas da Zona Sul tem sido objeto de reclamação por um número cada vez maior de moradores do entorno da praça Edmundo Bittencourt, em virtude da maneira com que grandes massas

populacionais se comportam em eventos públicos. Prejuízos, quebradeiras e barulho excessivo, além da transformação das portarias em banheiros públicos, trouxeram preocupação e reclamações no lugar do clima de conagração e alegria que durante muitos anos reuniu moradores e amigos do Bairro na Praça Edmundo Bittencourt para comemorar as festas juninas. A AMA BAIRRO PEIXOTO - OÁSIS realizou duas grandes reuniões com os moradores, amplamente divulgadas, nas quais a maioria se posicionou contra a realização de grandes eventos na praça, razão pela qual a festa não tem sido realizada nos últimos anos. Ela organiza uma série de atividades comunitárias culturais e esportivas com o intuito de reanimar a vida associativa e cidadã dos moradores e amigos do Bairro. Entende que uma das formas de combate à violência e ao descaso com a ordem urbanos se daria ocupando as ruas e criando um ambiente de solidariedade, cultura cívica e fraternidade :

CAPOEIRA

Terças e quintas, a partir das 17:30. Turmas dos 5 aos 16 anos. Aulas de capoeira com o Graduado Bacuri do grupo Abadá Capoeira.

AULAS DE GINÁSTICA NA PRAÇA

As aulas acontecem às segundas, quartas e sextas, de 7:30 às 8:30. Coordenadas pelo Professor Carlos, os exercícios são leves mas bastante eficientes para quem está interessado em condicionamento físico.

TAI-CHI-CHUAN

Turmas a partir das 7hs. Adultos.

ESCOLINHA DE FUTEBOL

Turmas a partir dos 5 anos. Todas as segundas e quartas a partir da 8:30h.

ESCOLINHA DE VÔLEI

Aulas grátis para iniciantes adolescentes e adultos às terças e quintas a partir das 20:30hs.

CURSO DE CONDUÇÃO RESPONSÁVEL DE CÃES

Segundas a partir das 19:00 hs.

DIZER POESIA

Toda segunda e última terça-feira do mês no Café Vommaro. Rua Anita Garibaldi 83, a partir das 21 horas.

SOS VIDA ANIMAL

Adoção de animais. Todos as segundas e sábados.

FUTEBOL DE QUADRA

Todas as quartas-feiras a partir das 19 horas. Inscrição no local.

10.5 CONCLUSÃO

Os moradores do Bairro Peixoto vivem muito em função do que o bairro já foi um dia, tentando agarrar-se a uma imagem que não volta mais. Por isso as queixas e o sentimento nostálgico de perda.

Porém, reconhecem que a vida no entorno de seu “pedaço” pode ser muito pior e ninguém pretende arredar pé de seu lugar que ainda reconhecem como privilegiado. O futuro não parece ser nada promissor com o mercado avançando continuamente sobre o que resta de peculiar naquele antigo “oásis” de Copacabana.

O parcelamento interiorizado e tangencial às vias coletoras parece ter sido uma medida acertada para a formação desses núcleos de afabilidade e boa convivência. Entretanto, essa concepção inicial recebeu golpe mortal com a escolha do transporte individual pela sociedade e as administrações como principal modo de deslocamento. As antigas vias coletoras (Siqueira Campos e Santa Clara) cederam lugar à rua Figueiredo de Magalhães com a construção de uma galeria inferior destinada a aumentar a capacidade do Túnel Alaor Prata. O Bairro foi cortado ao meio e se descaracterizou, tornando-se local de passagem. Setenta anos parece ser um horizonte razoável de sobrevivência para uma comunidade encravada numa zona tão adensada e disputada comercialmente como Copacabana, mas permite entrever um alerta em relação a comunidades desse tipo, onde a hierarquia viária não deveria ser alterada sob pena de fragmentação irreparável.

Os interesses comerciais devem se cuidar para não destruir a reputação dessa área, aproveitando-se das brechas da legislação, para transformá-la num gueto cercado de torres e sufocado pelos veículos particulares em busca de estacionamento gratuito. As cidades que optam pelo transporte individual conspiram para a destruição de áreas

residenciais desse tipo. A sobrevivência parece estar no transporte de massa confiável e na prática intermodal, com estacionamentos na vizinhança das estações de Metrô e terminais de ônibus urbanos, encorajando os habitantes a deixar os seus veículos e a utilizar o transporte coletivo.

Só o futuro nos dirá se as decisões acertadas serão eleitas e o bem comum será o objetivo a alcançar nesse nosso cenário de desencontros.

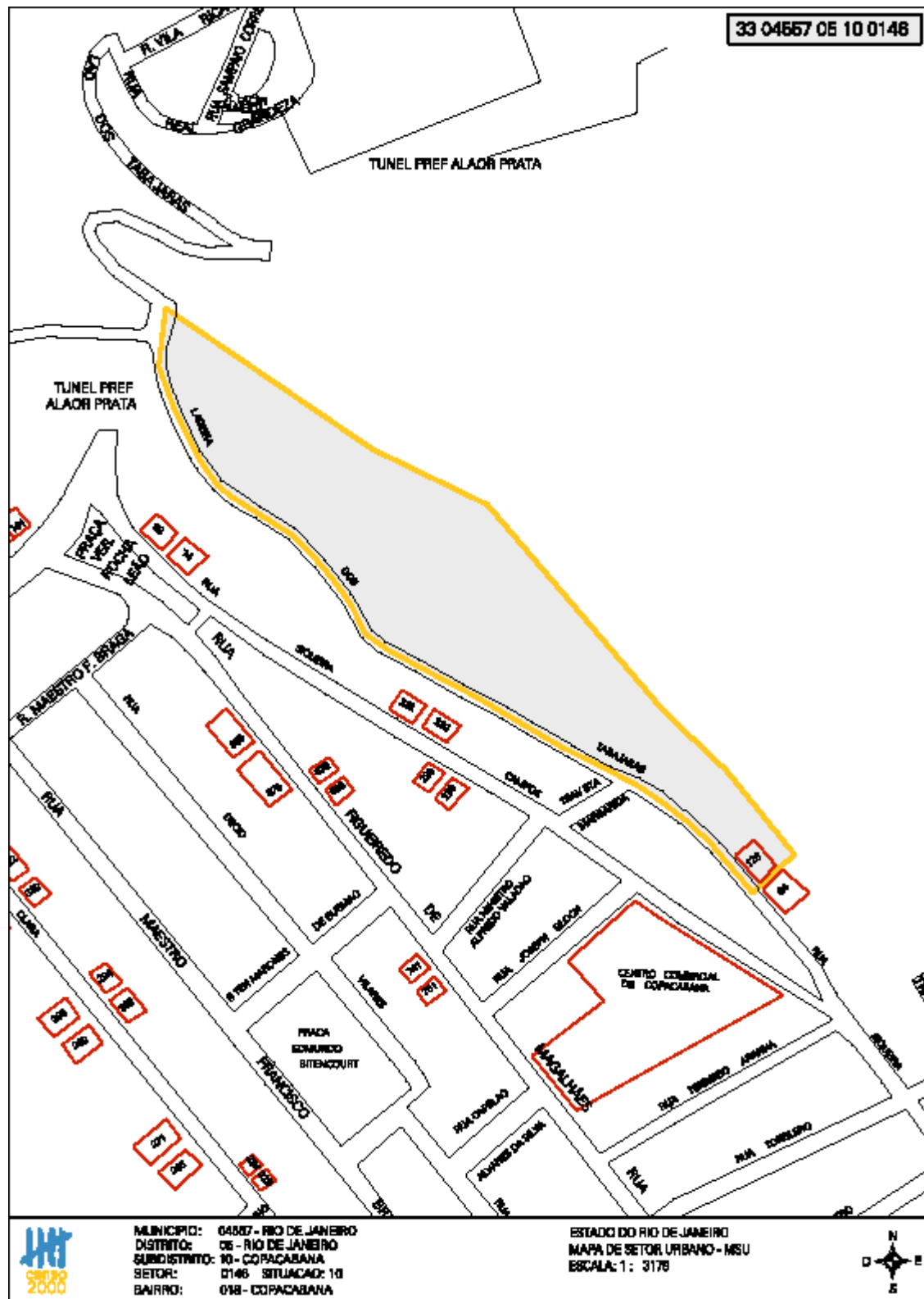
Os erros e acertos verificados nessa experiência de parcelamento permitem extrair algumas diretrizes para a prática profissional:

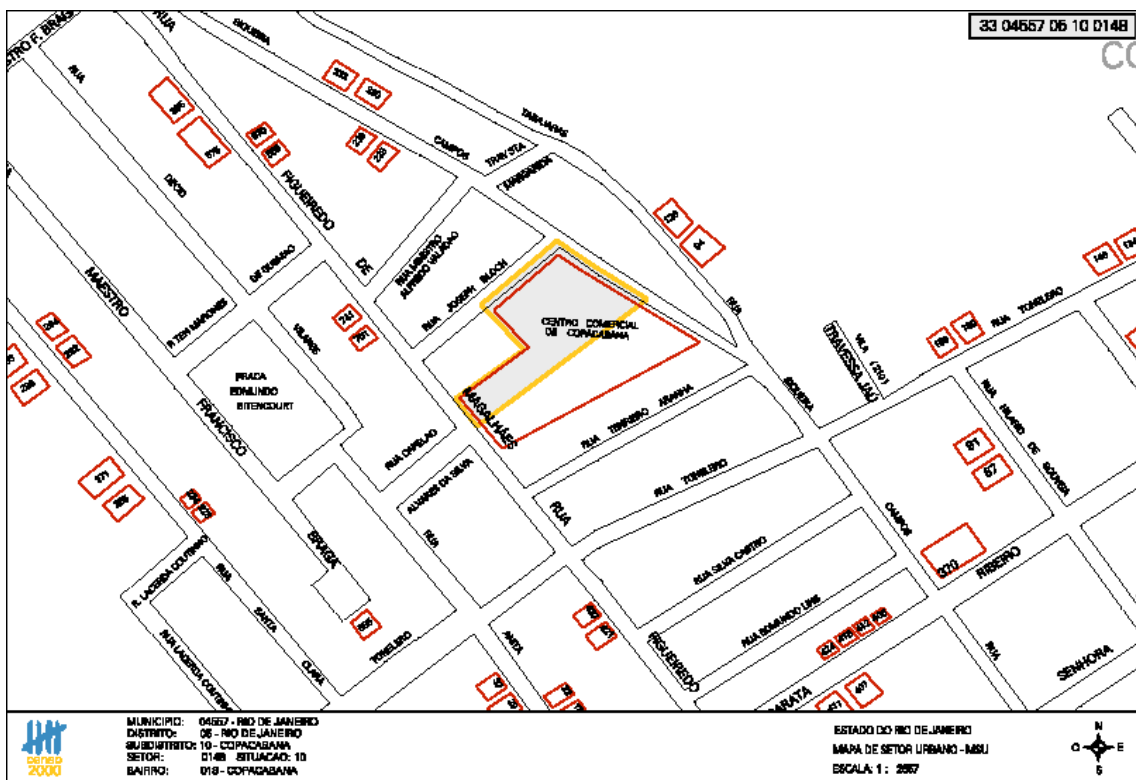
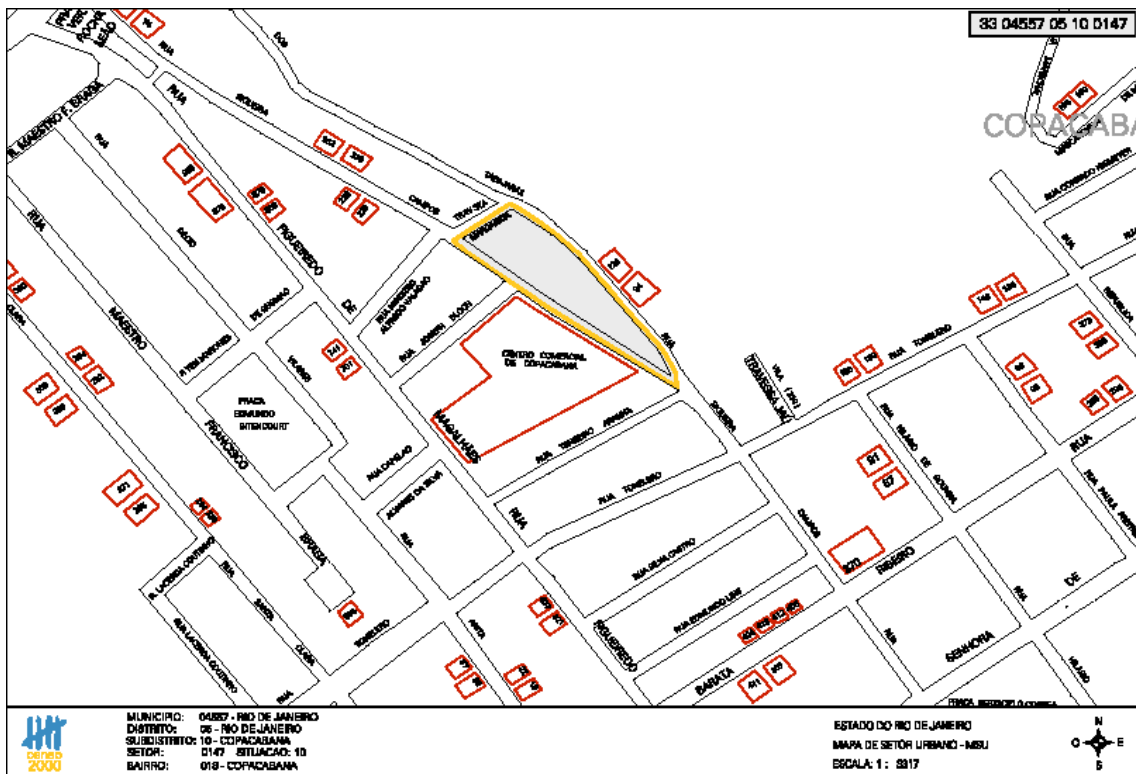
1. Enclaves naturais ou formados pela situação periférica de lotes ao longo das divisas da gleba são bons modelos de projeto para áreas residenciais. Essa situação limita a velocidade de circulação e permite parcelamentos não fortificados ou de acesso controlado.
2. O sistema viário deve ter clara hierarquia, separando as vias locais de acessibilidade aos lotes das vias coletoras de distribuição, de maior capacidade.
3. Nenhuma via deve chegar à divisa da gleba para evitar sua interligação com vias de outros parcelamentos vizinhos, o que poderia comprometer a hierarquização viária, transformando vias locais de baixa capacidade em coletoras.
4. O trânsito de passagem deve ser tangencial ao parcelamento, concentrando os usos comerciais e de serviços e garantindo sua visibilidade a partir do transporte coletivo.
5. Deve-se evitar lançar vias arteriais “secantes” ao parcelamento, dividindo-o em fragmentos que fatalmente apresentarão características independentes.

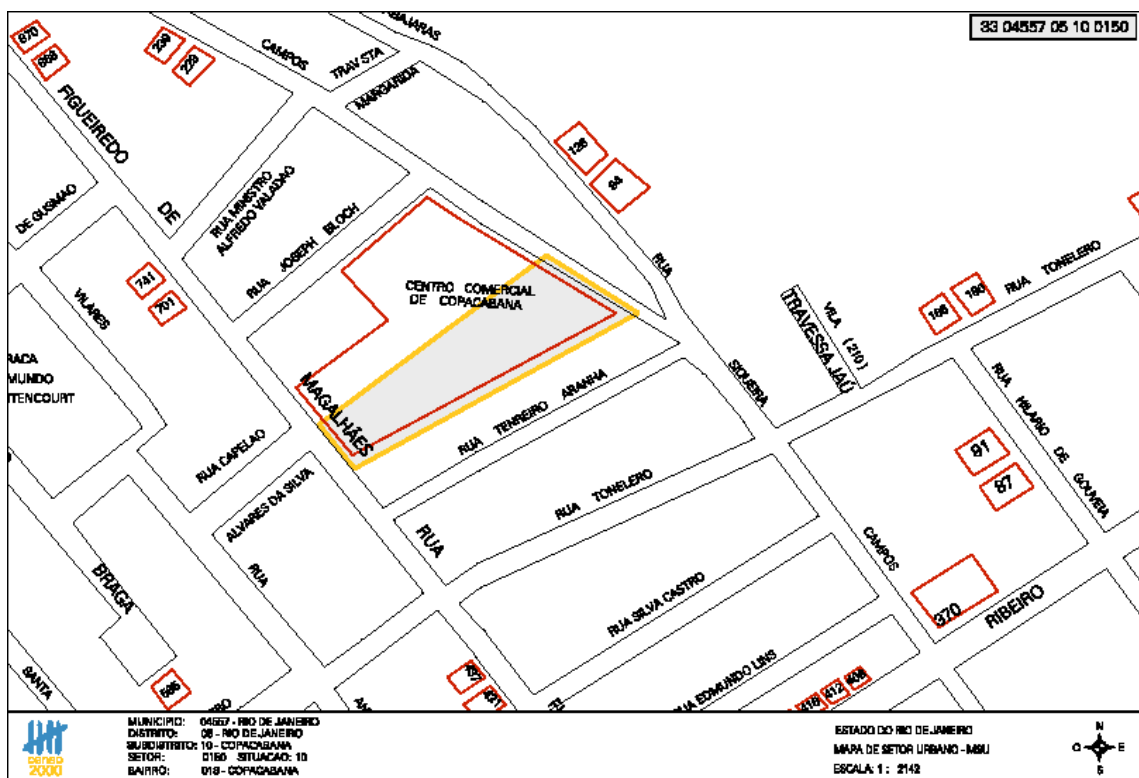
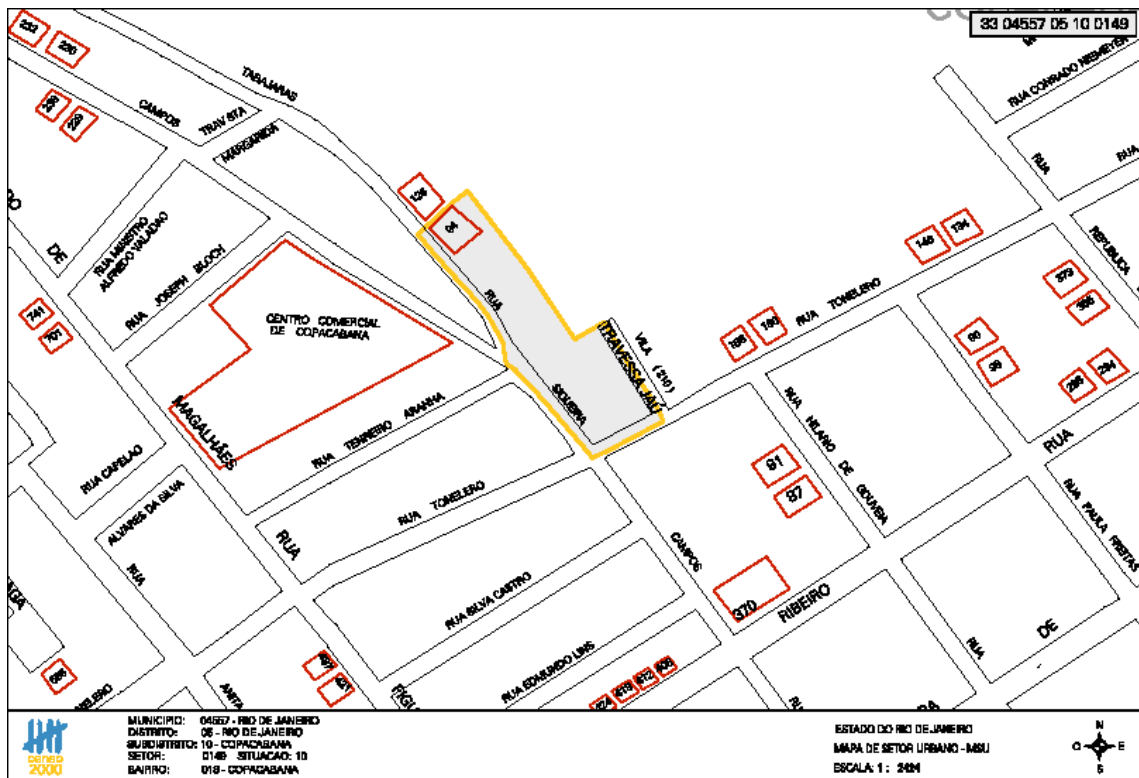
6. Cuidados com a densidade populacional e com o licenciamento de usos do entorno podem evitar a transformação desses enclaves em estacionamentos, assim como o investimento em transporte público de massa, em detrimento do incentivo ao transporte individual.

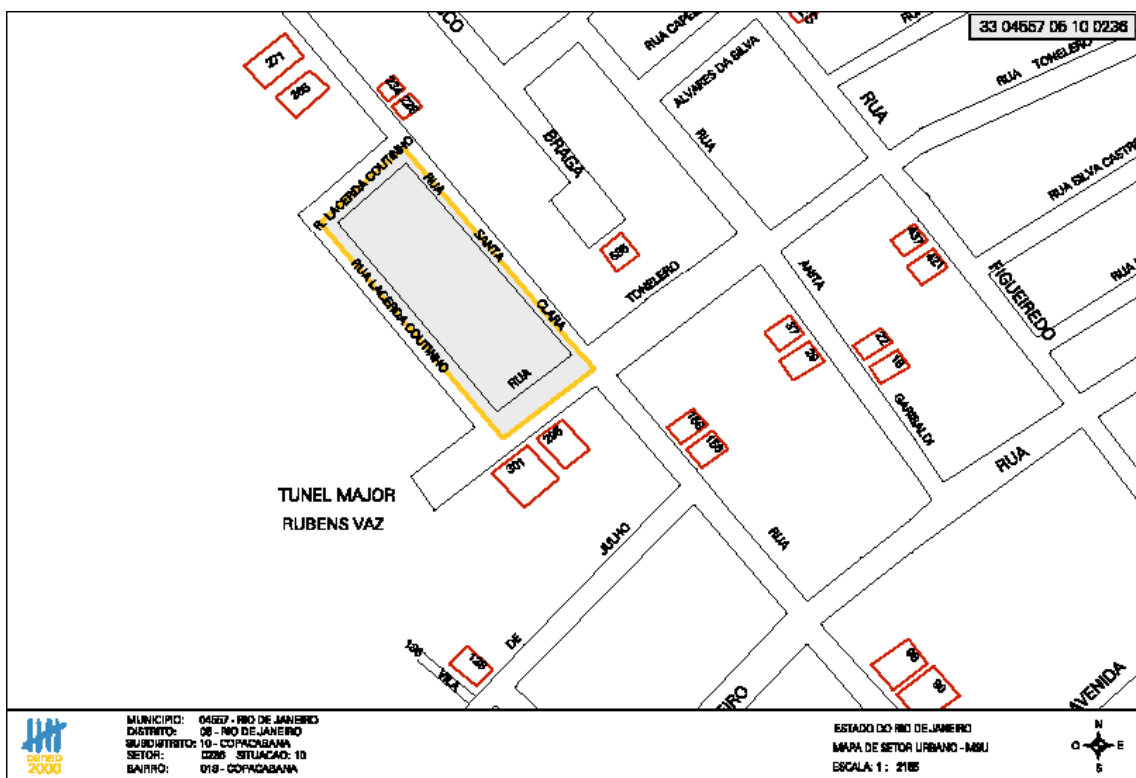
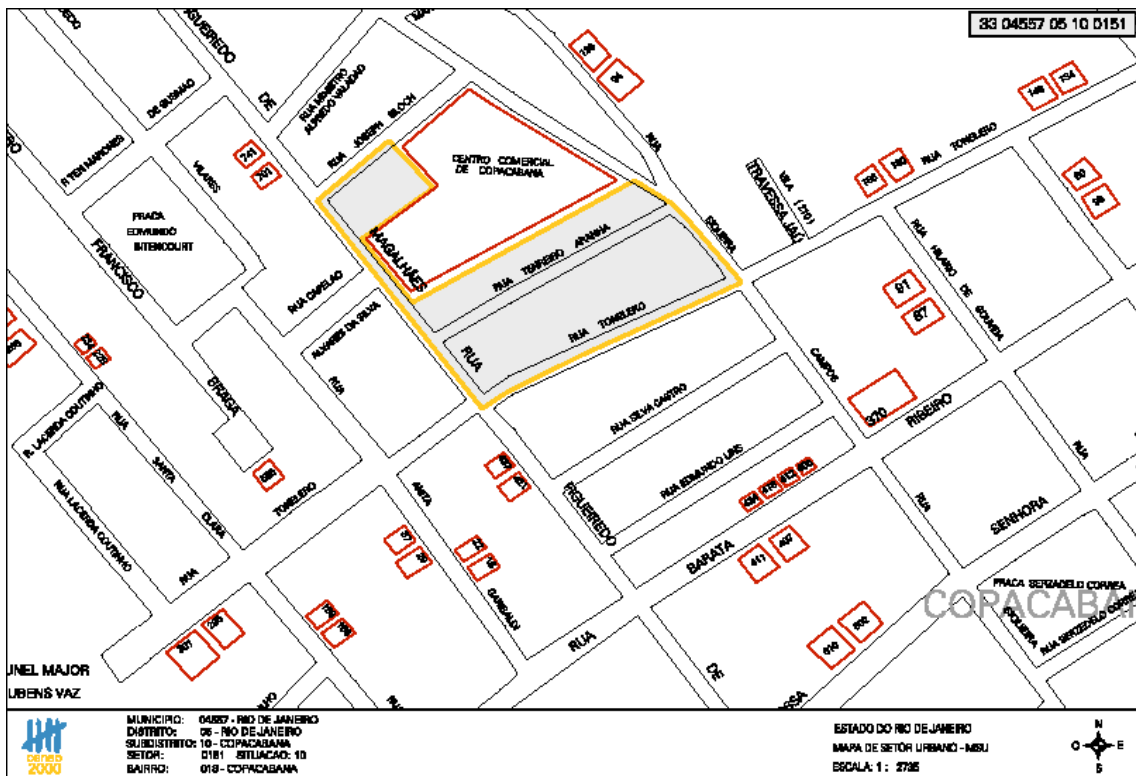
11 . ANEXO 1

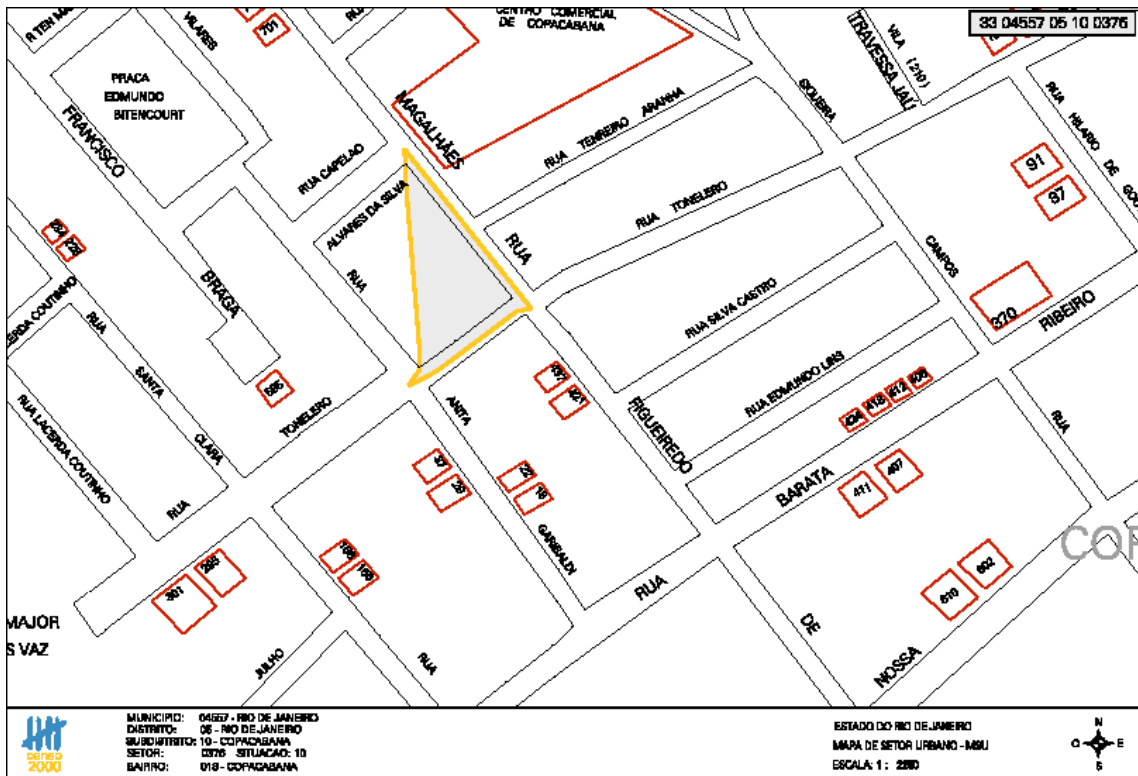
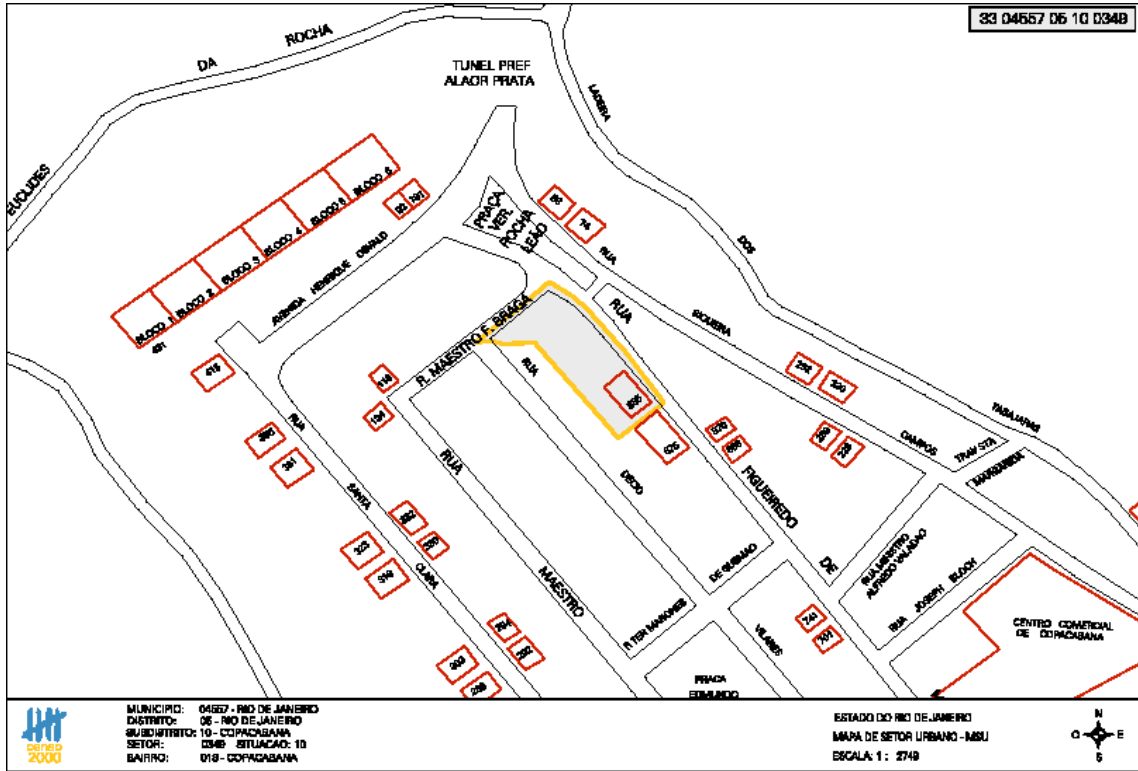
MAPAS DOS 39 SETORES CENSITÁRIOS DO BAIRRO PEIXOTO / 2000

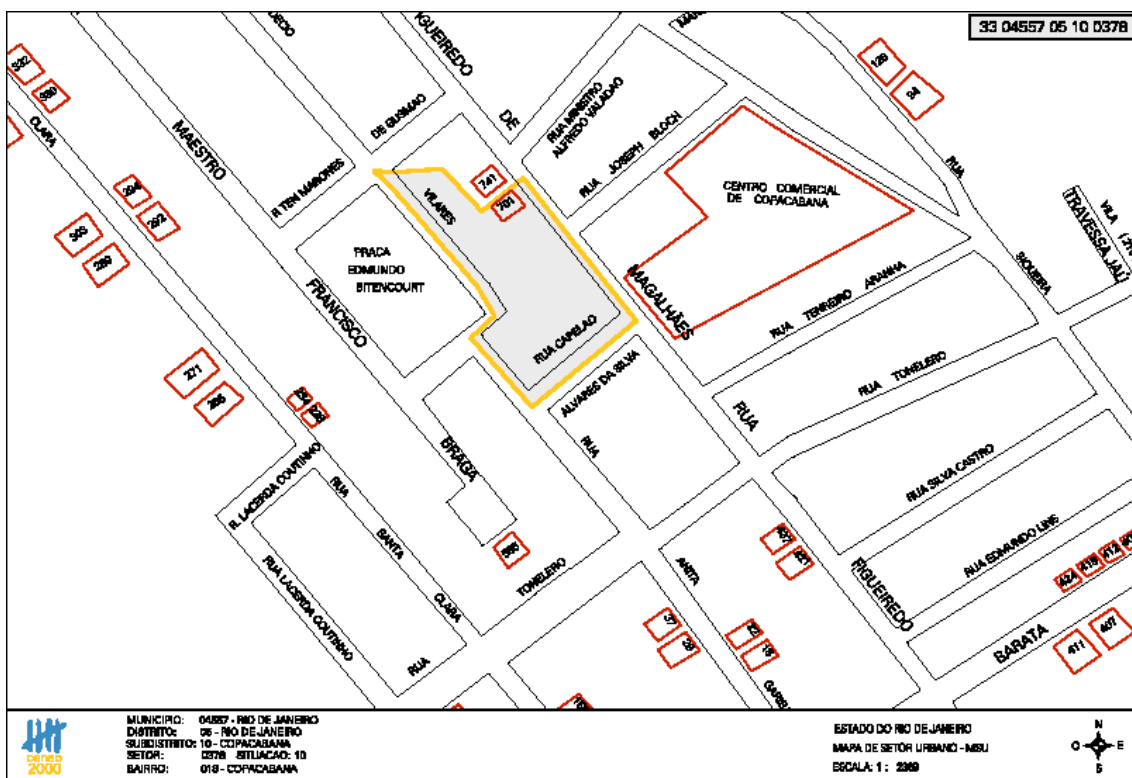
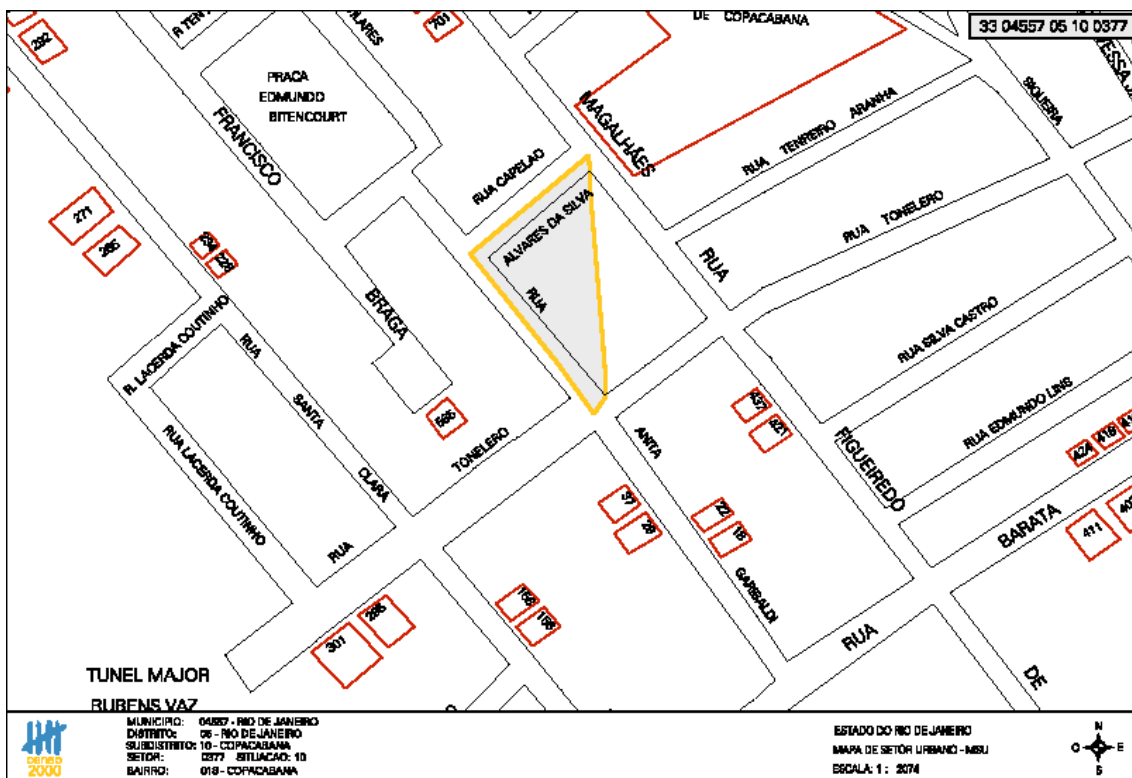


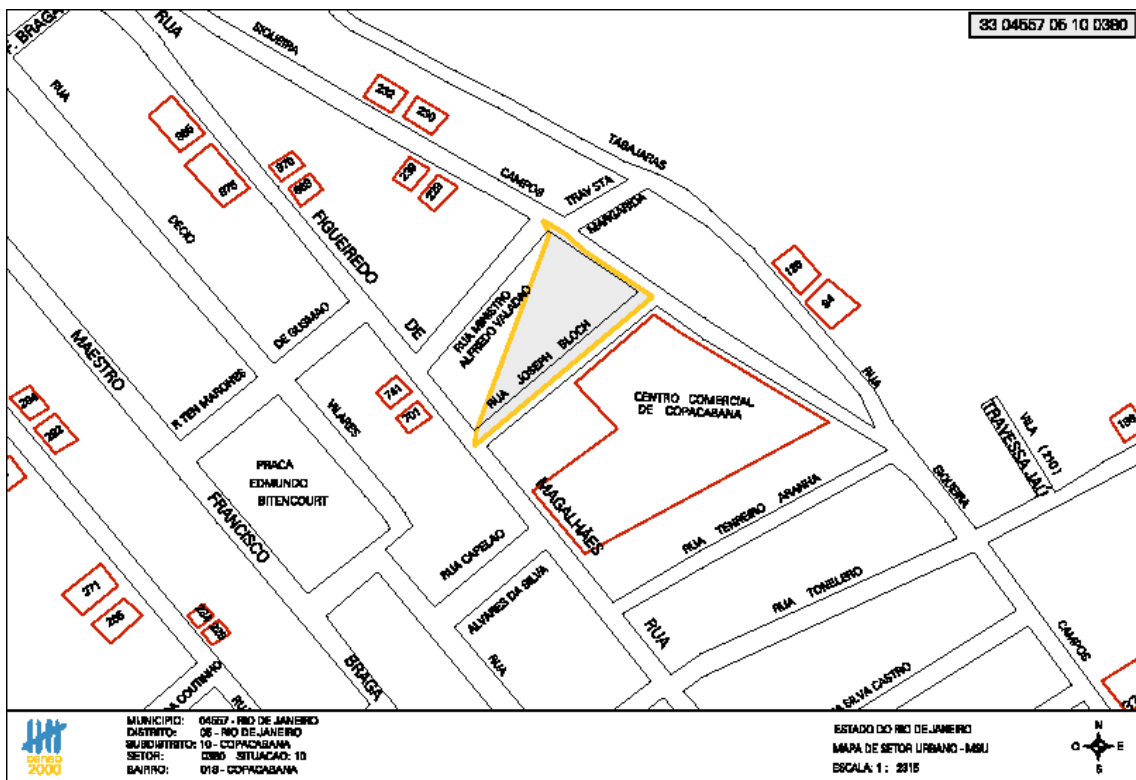
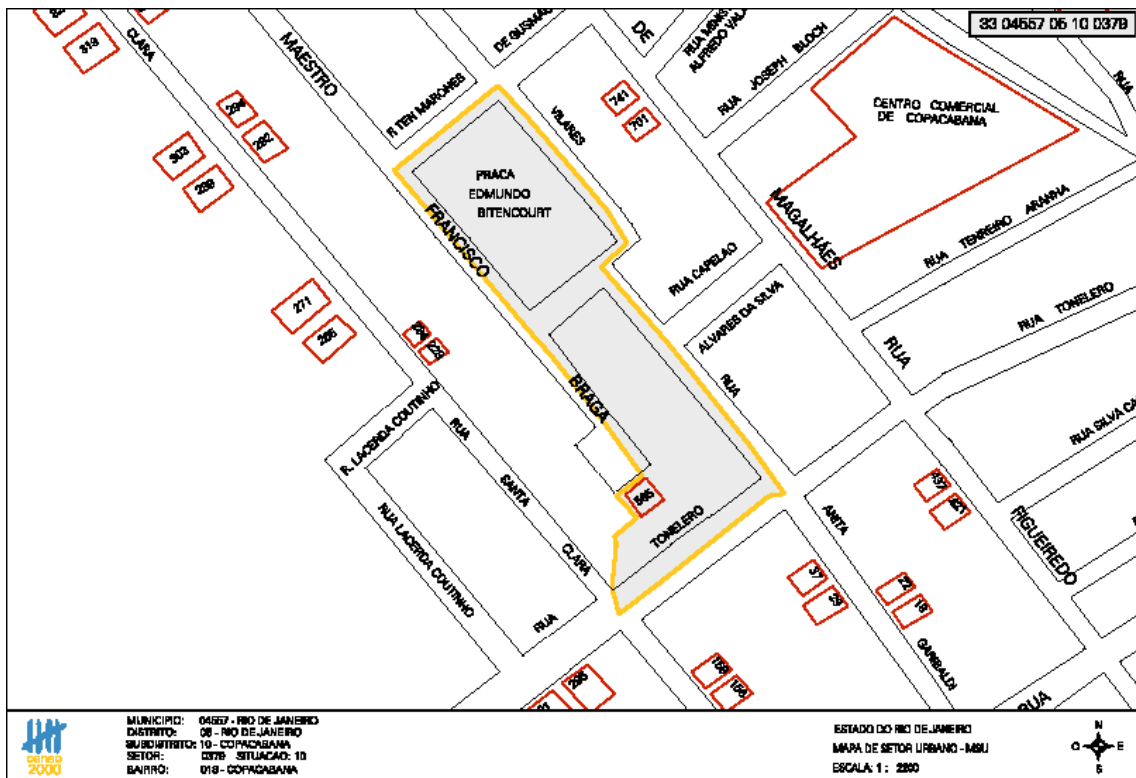


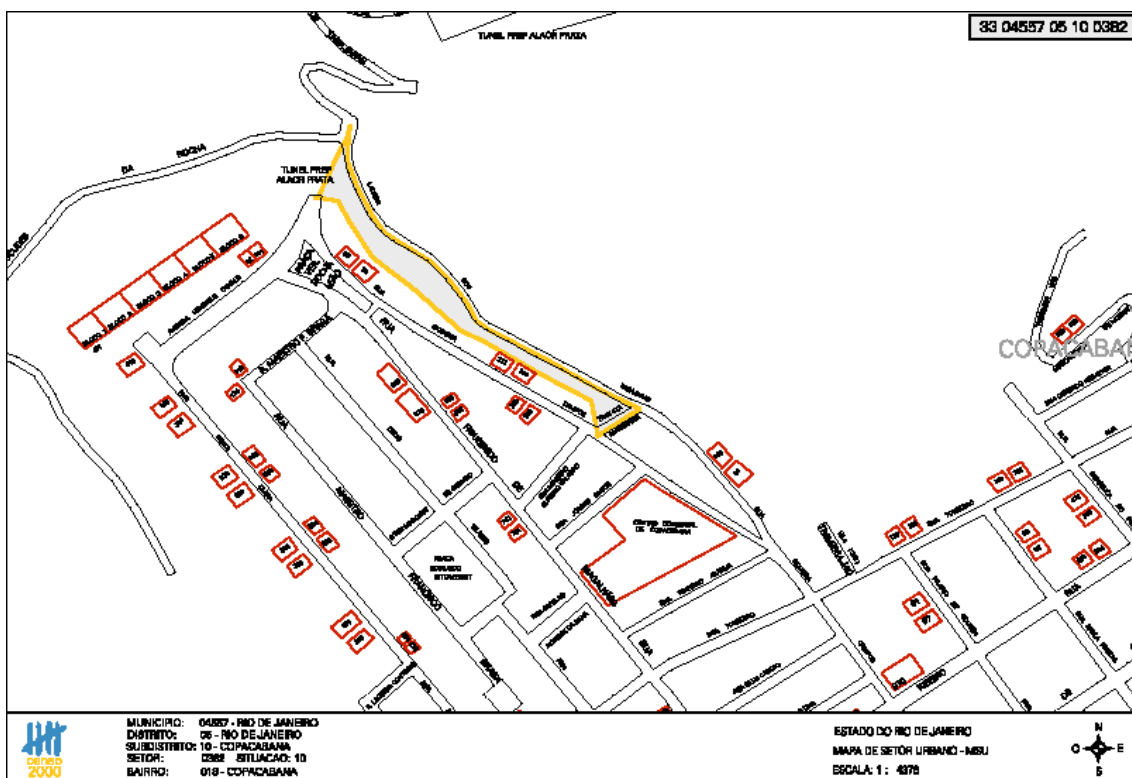
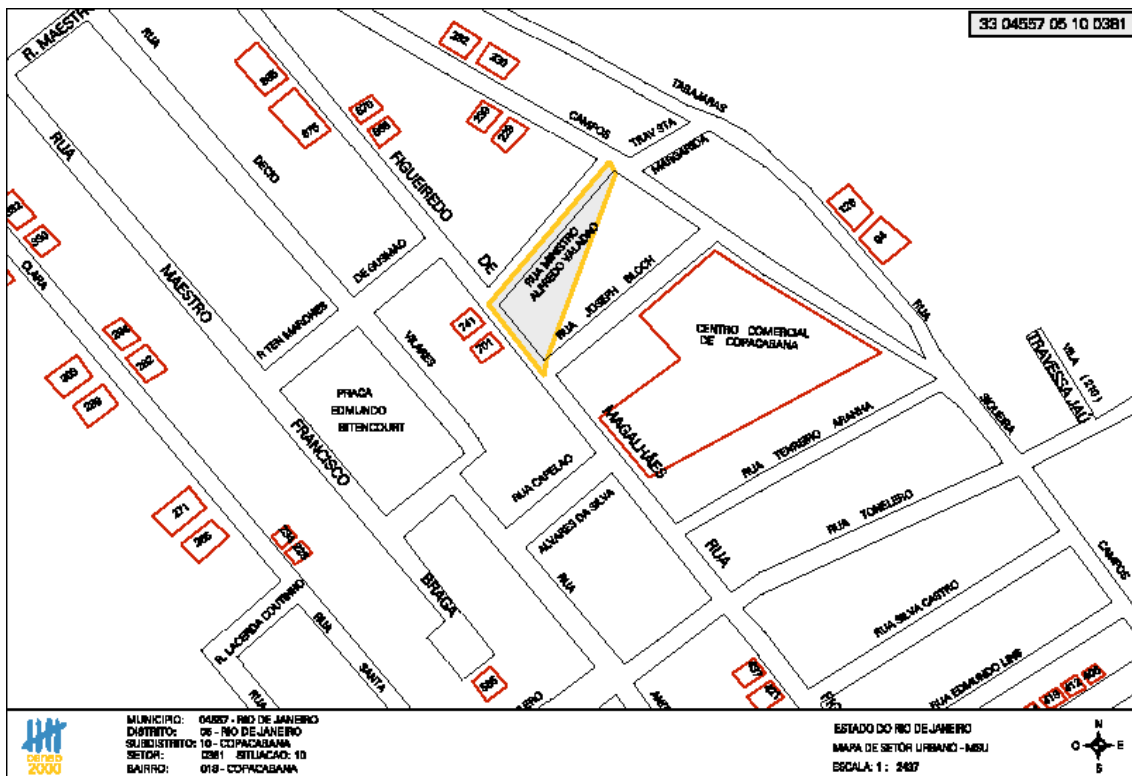


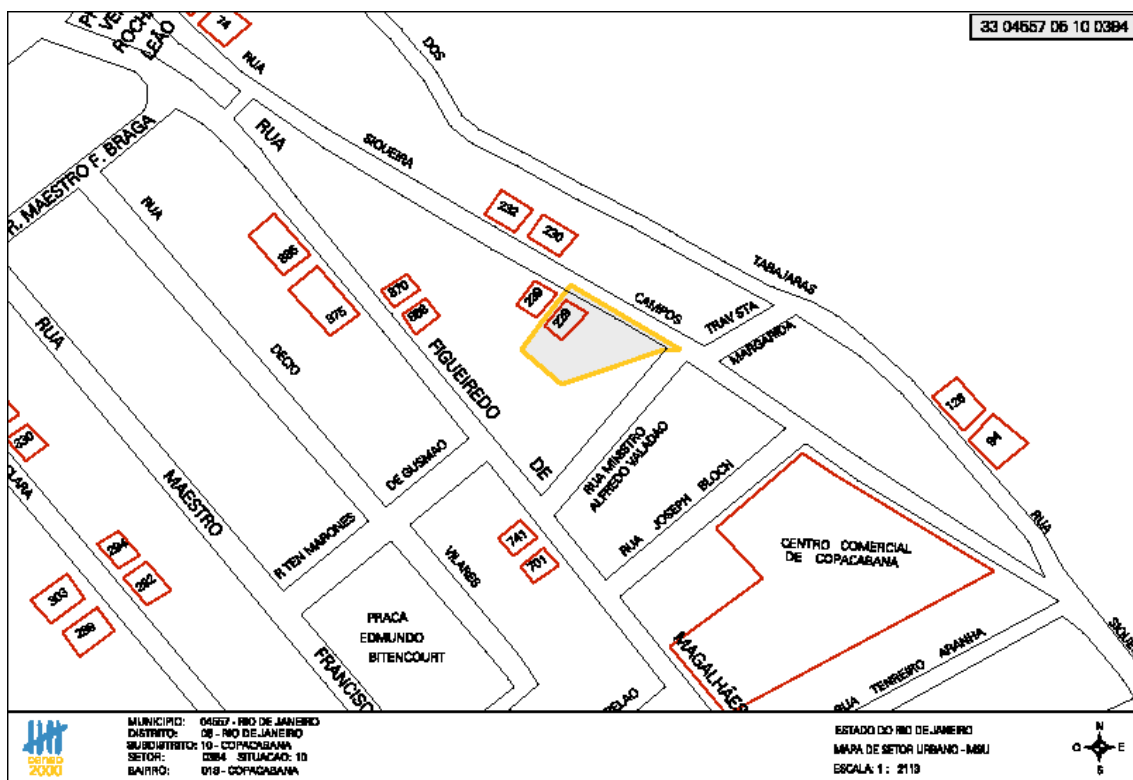
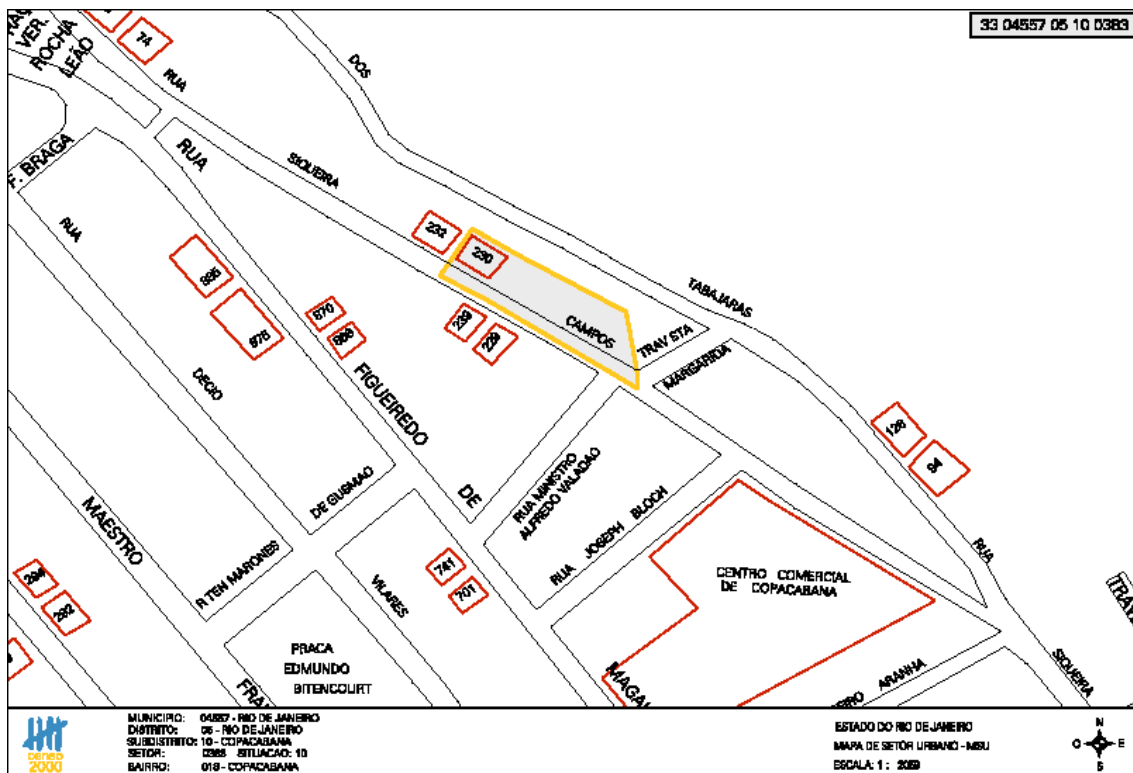


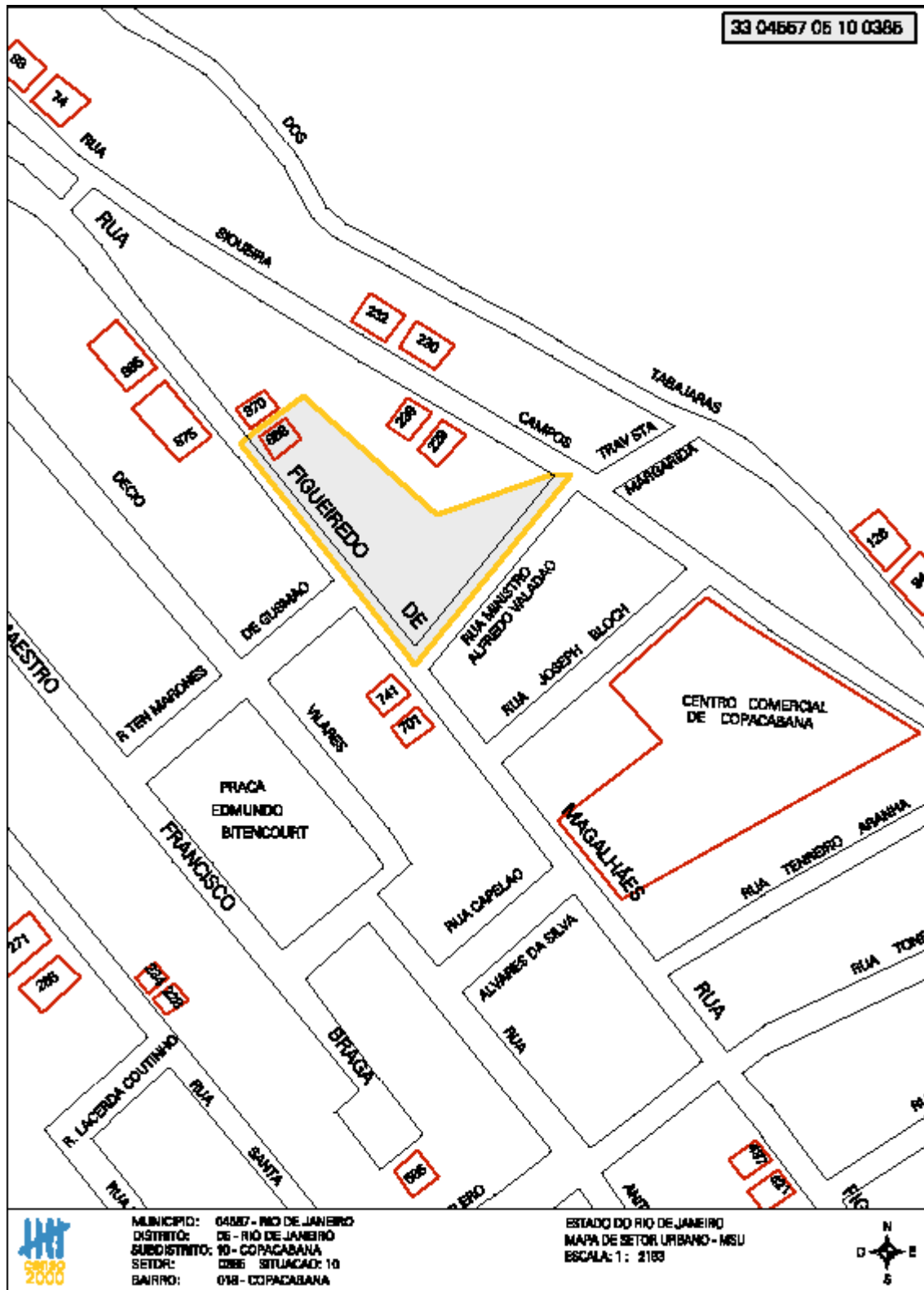


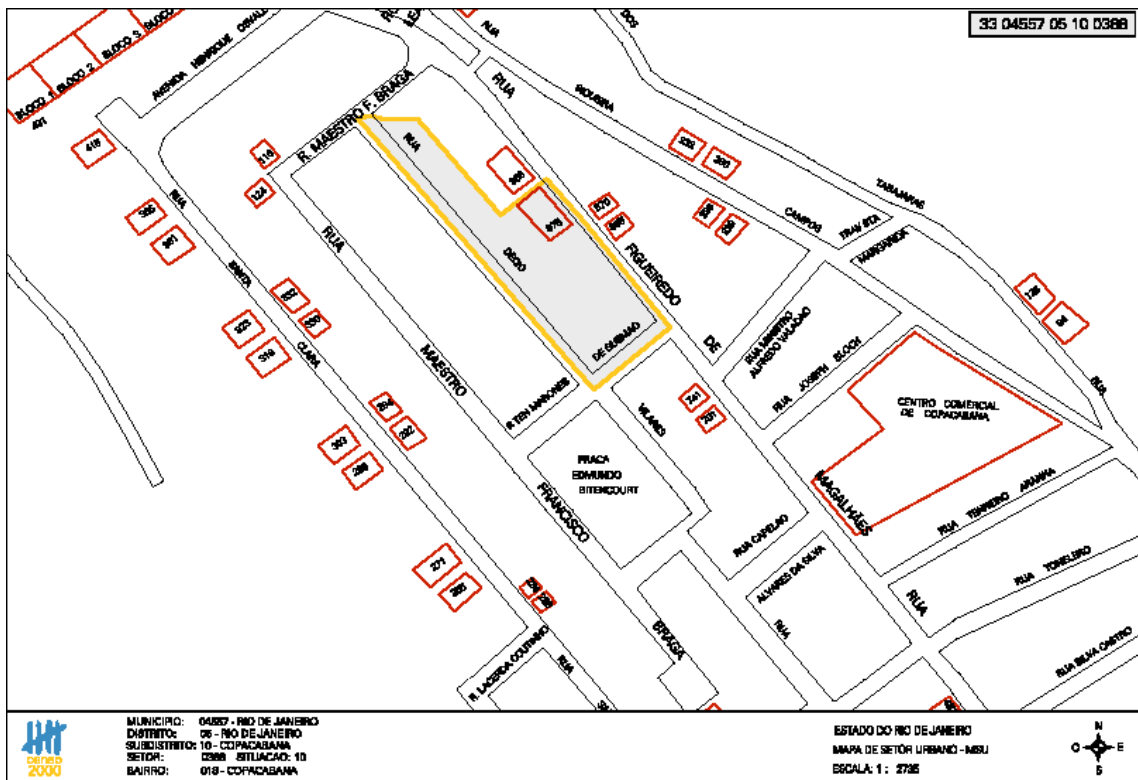
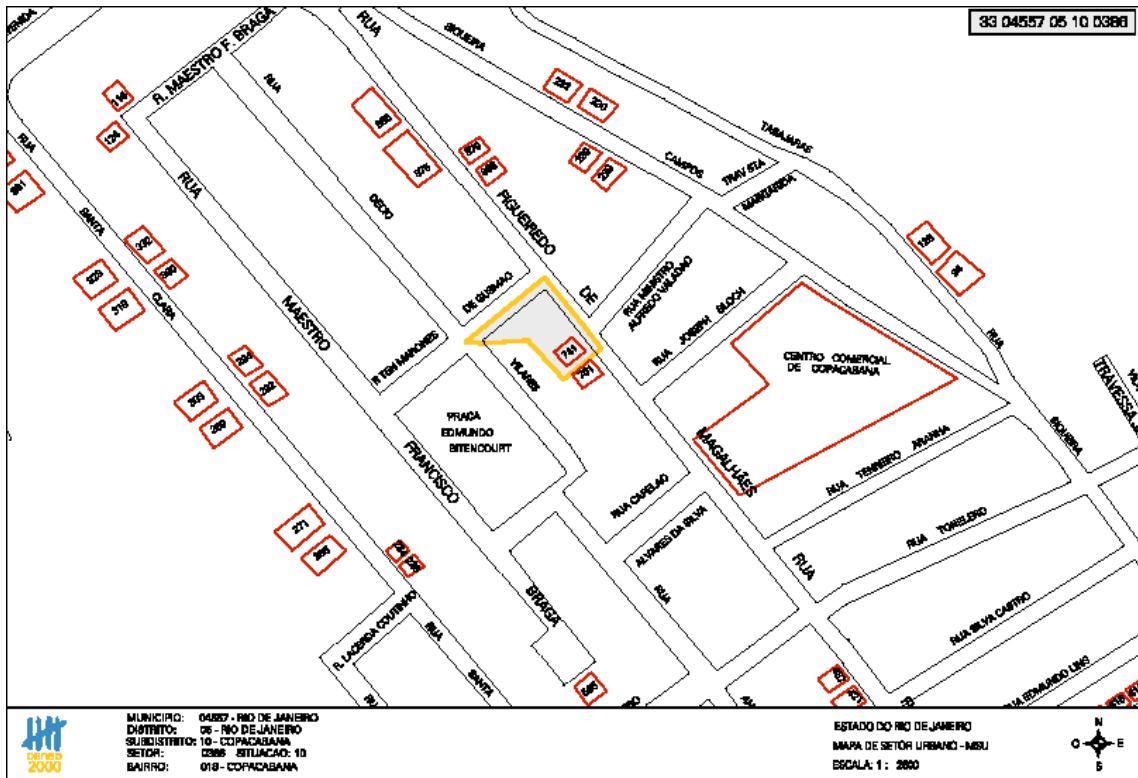


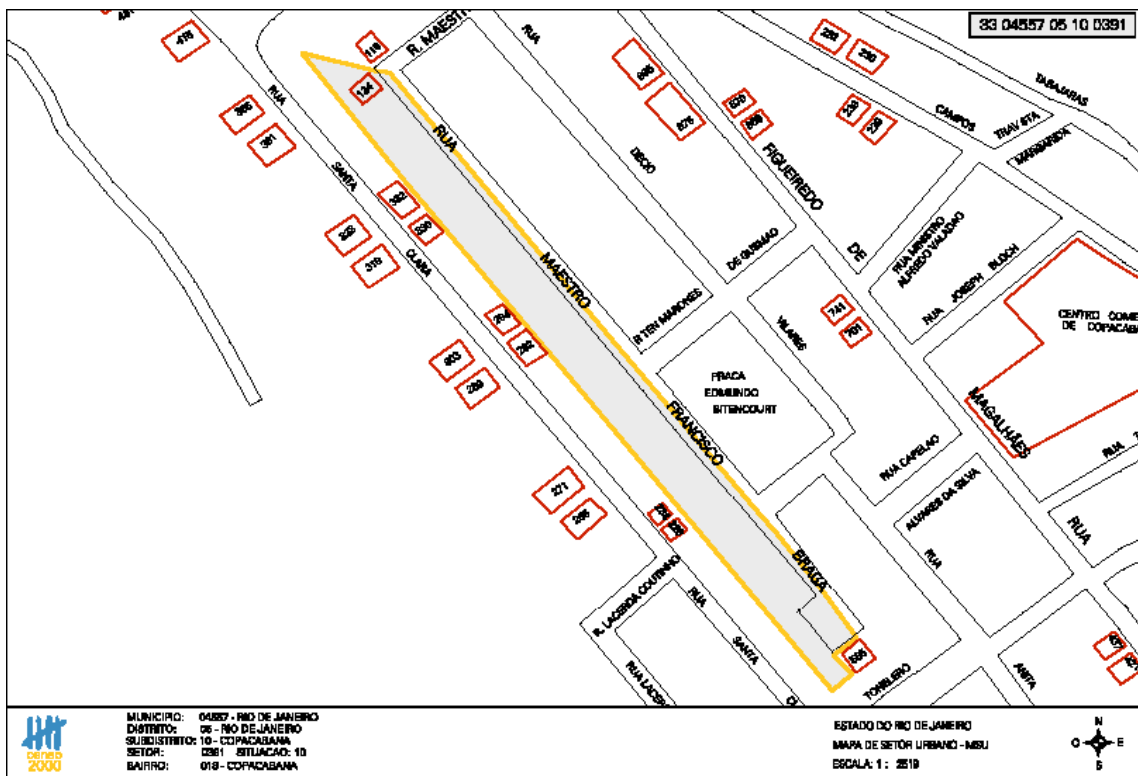
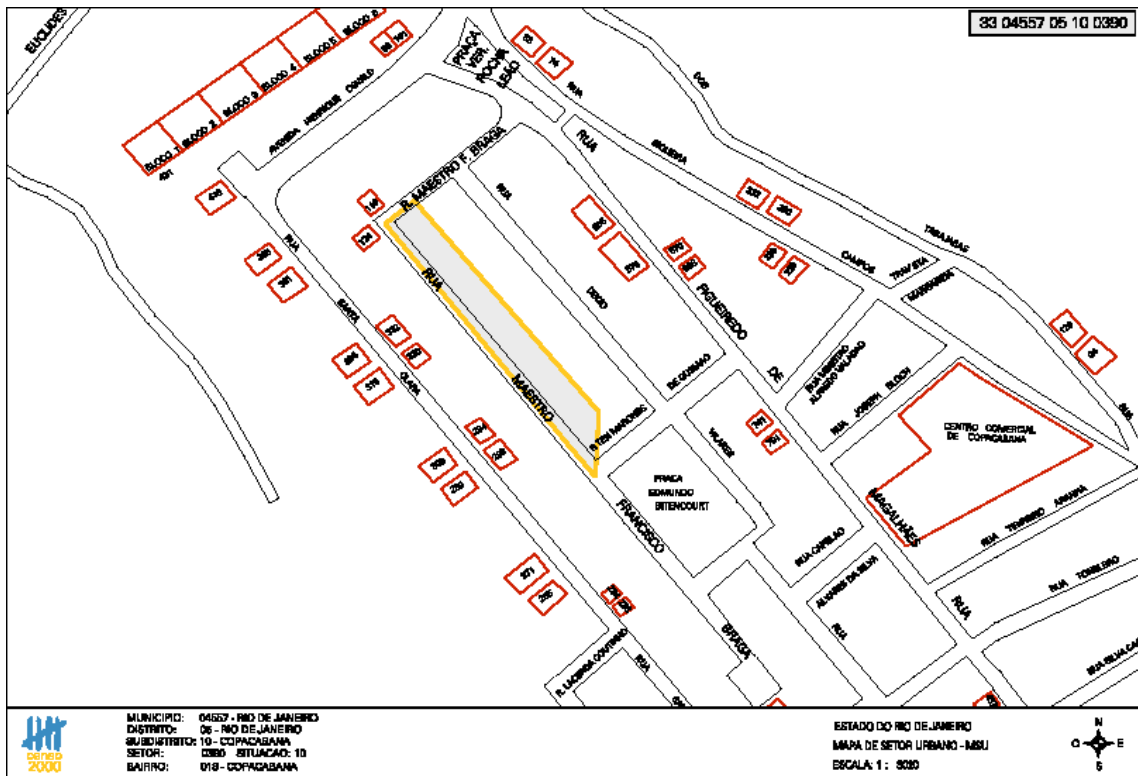


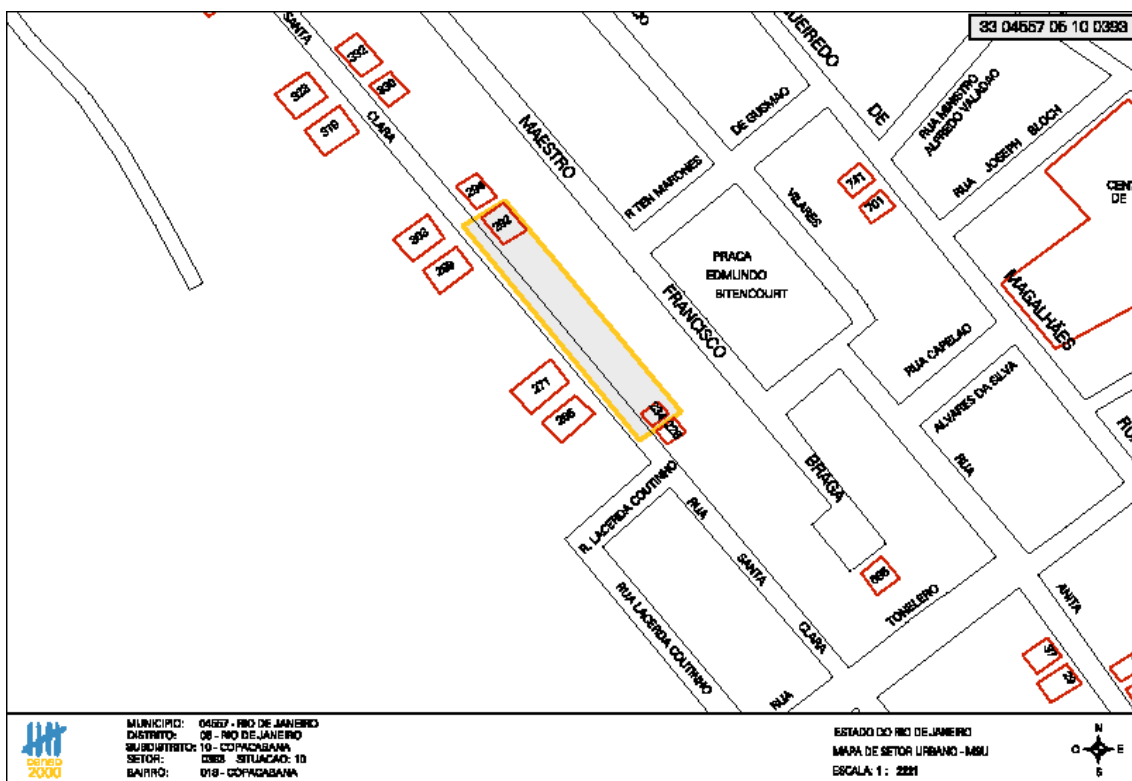
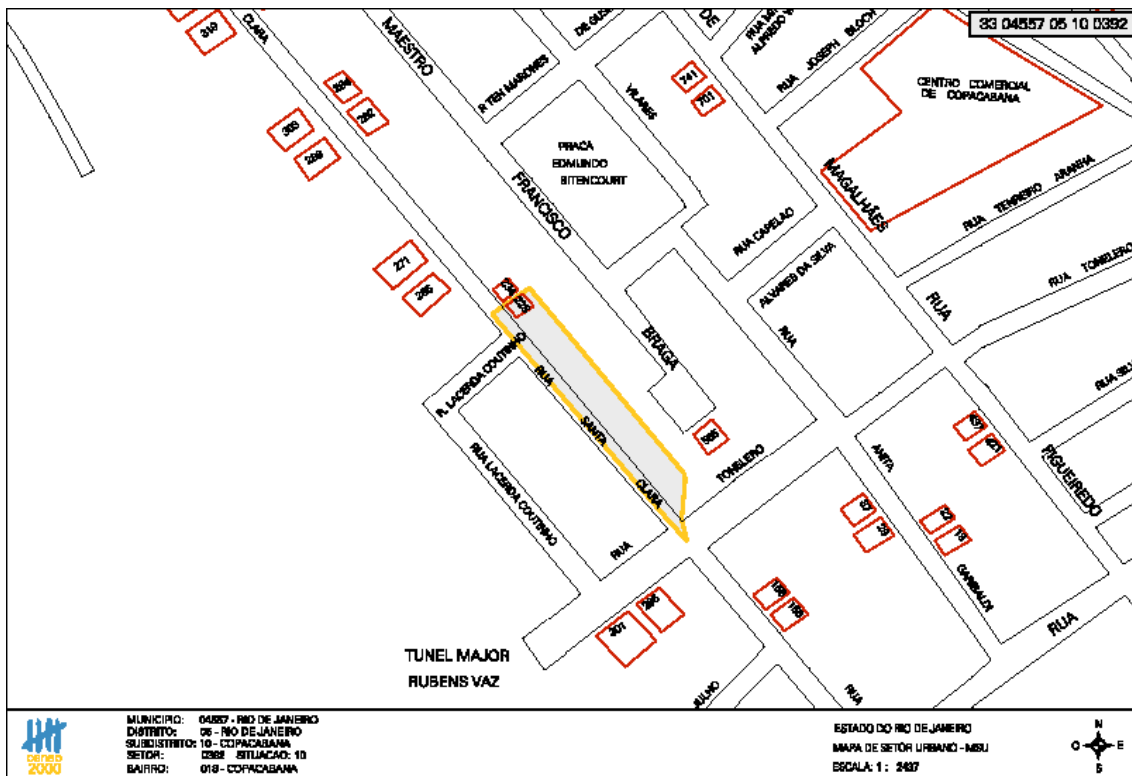


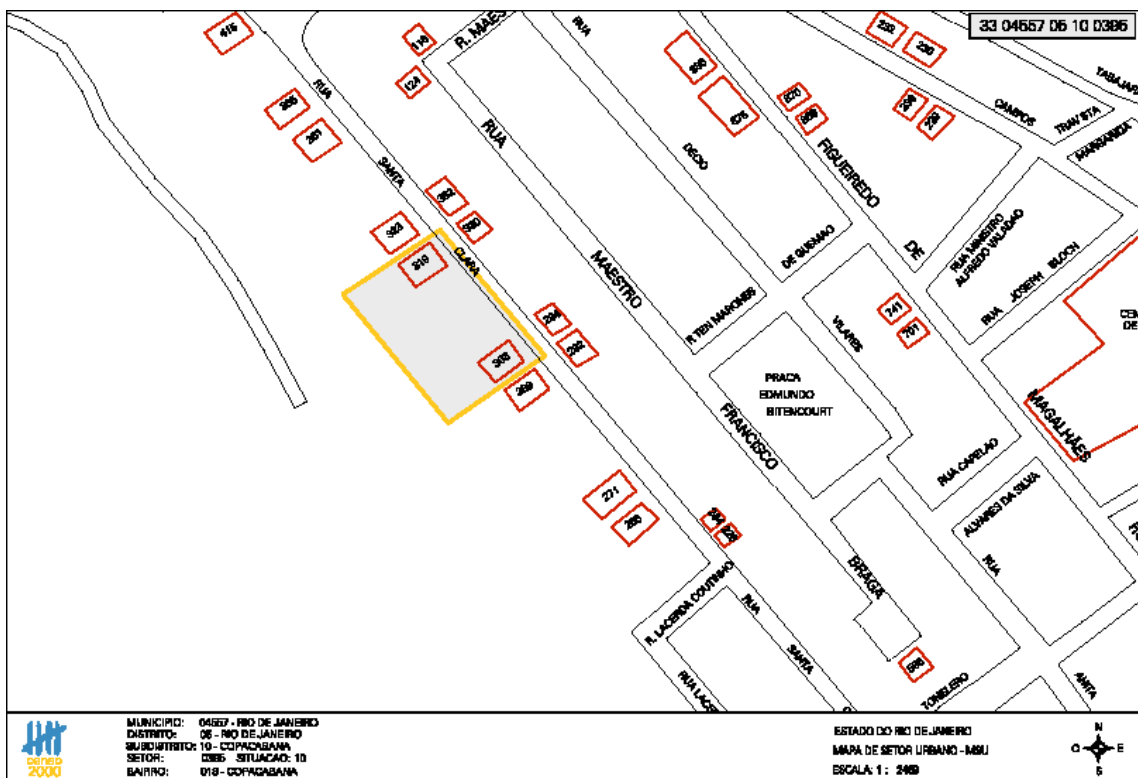
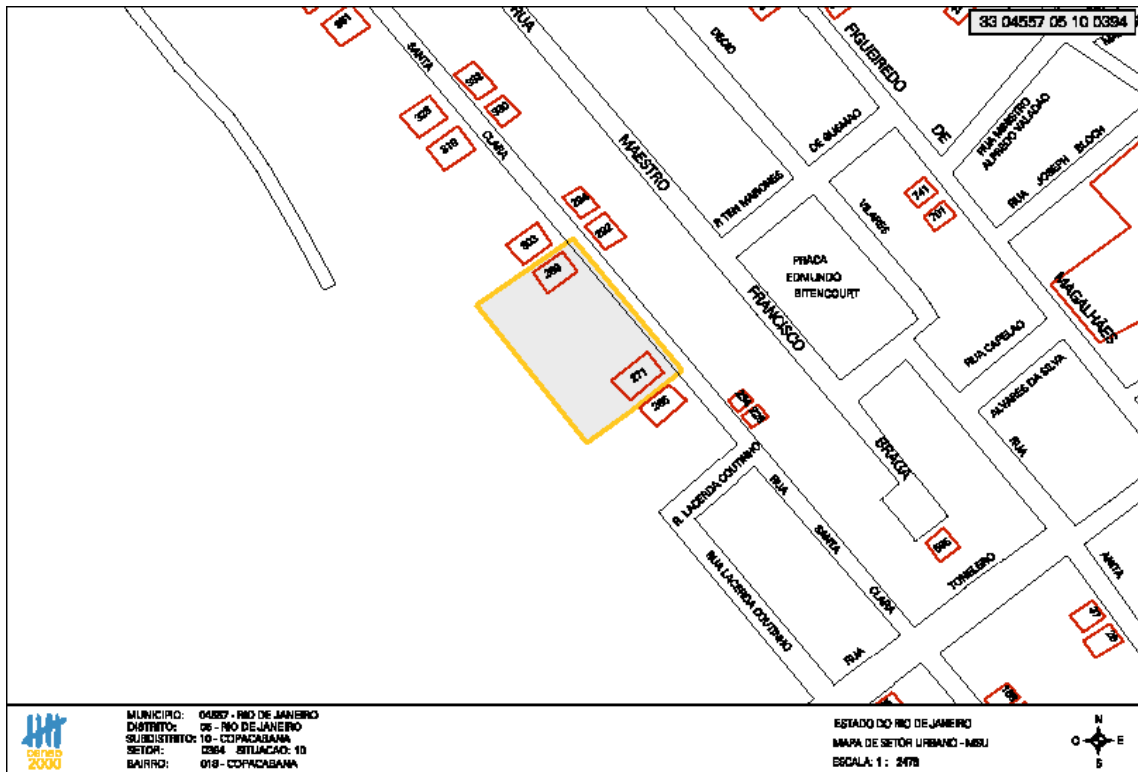


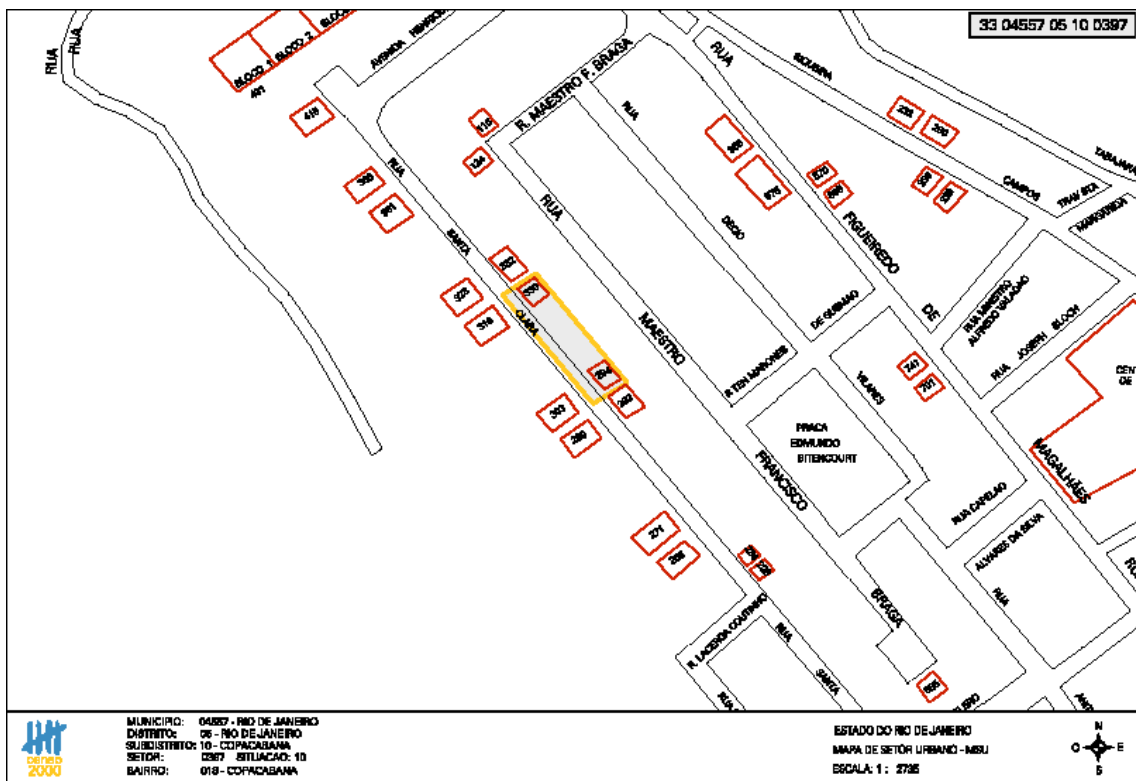
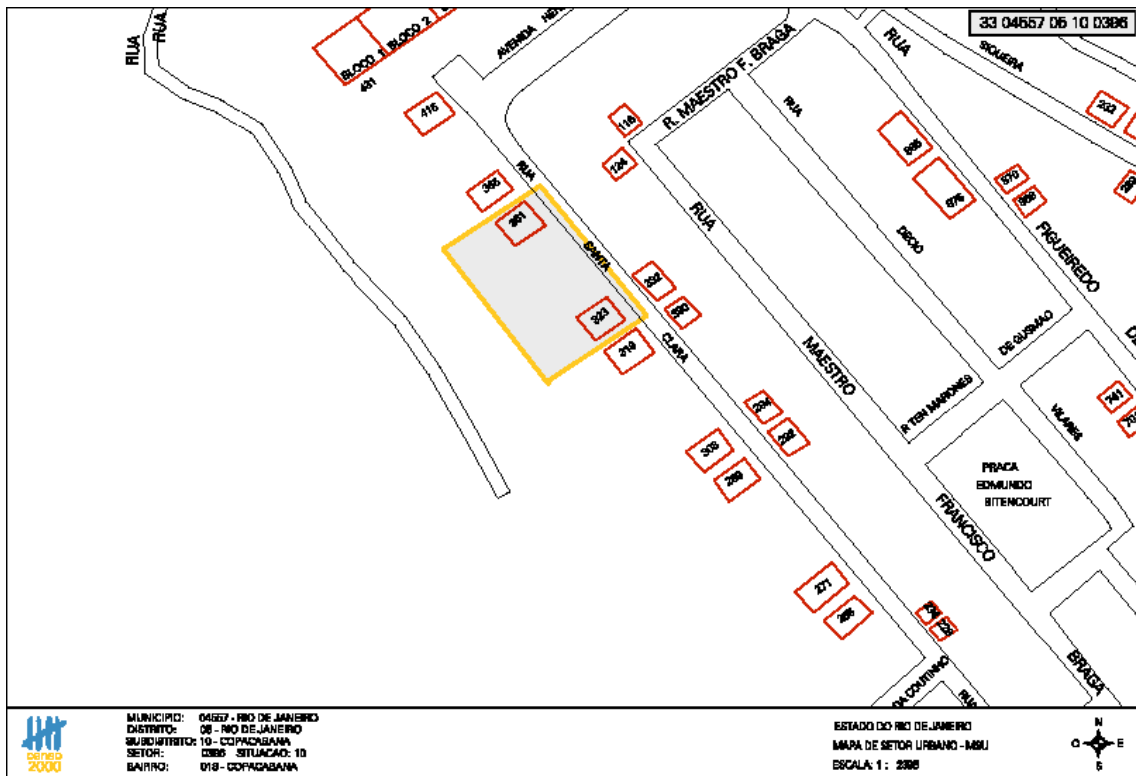


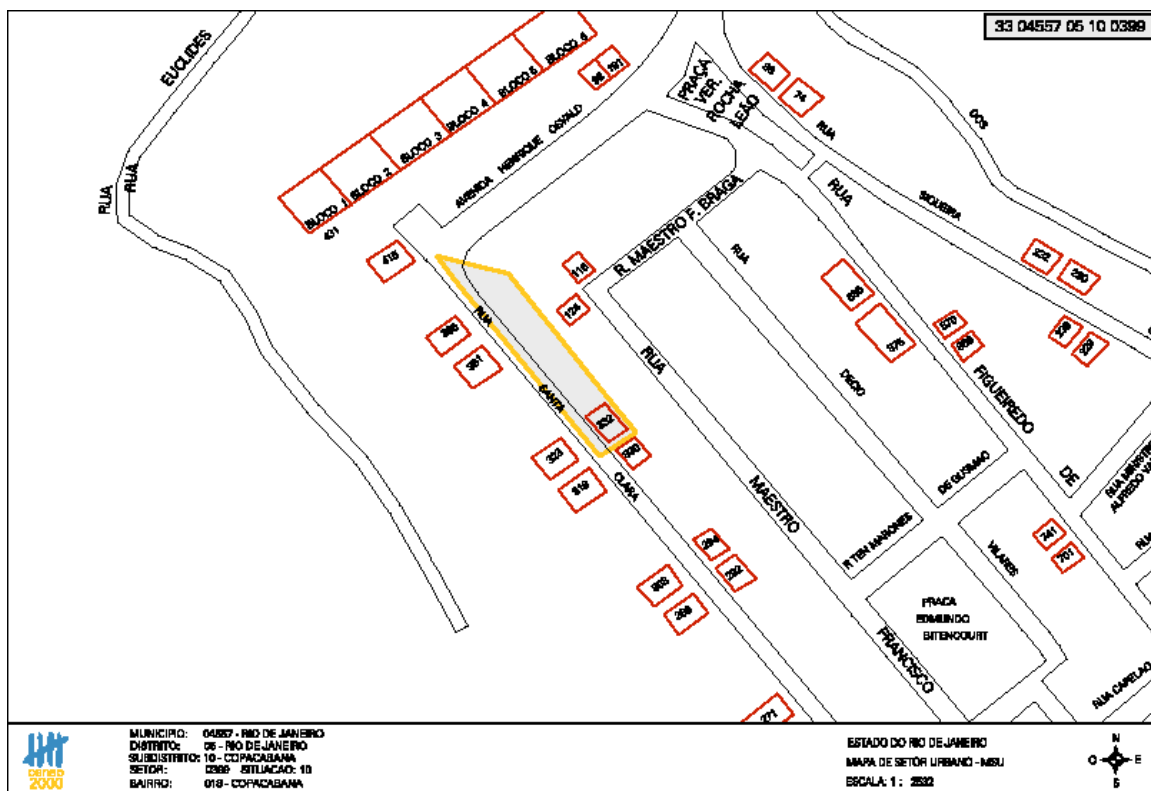
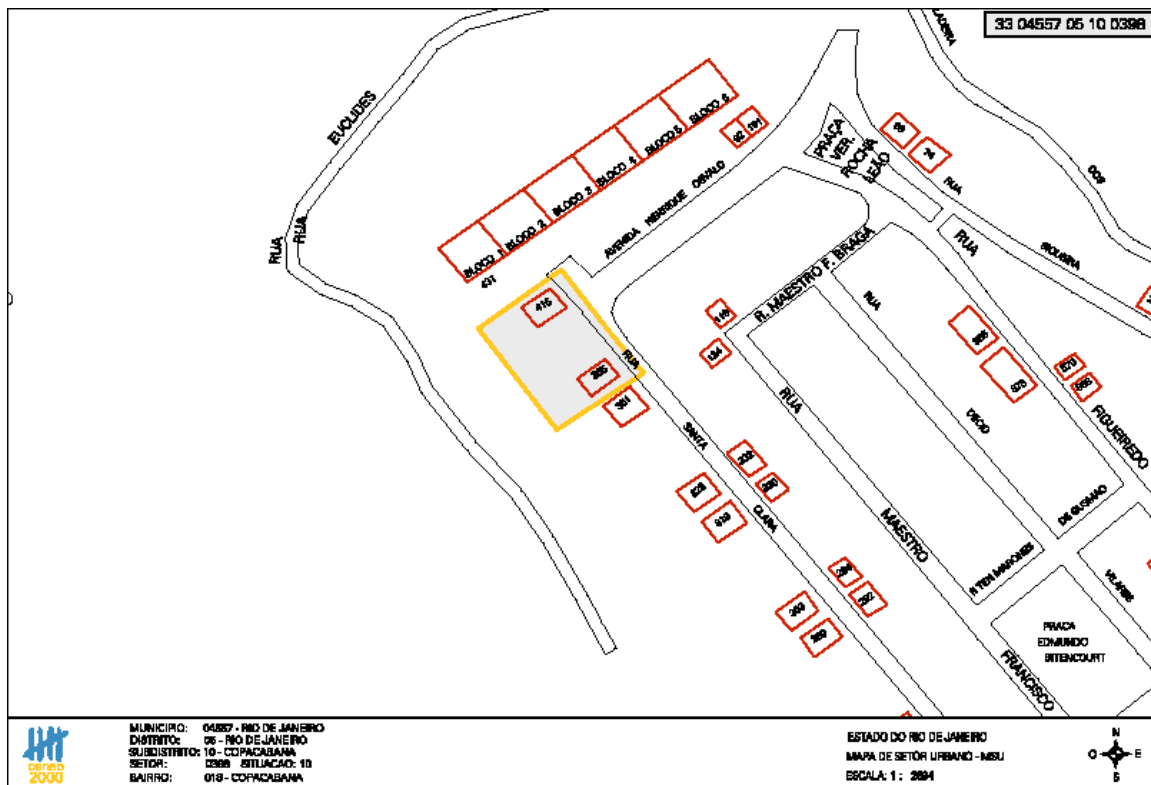


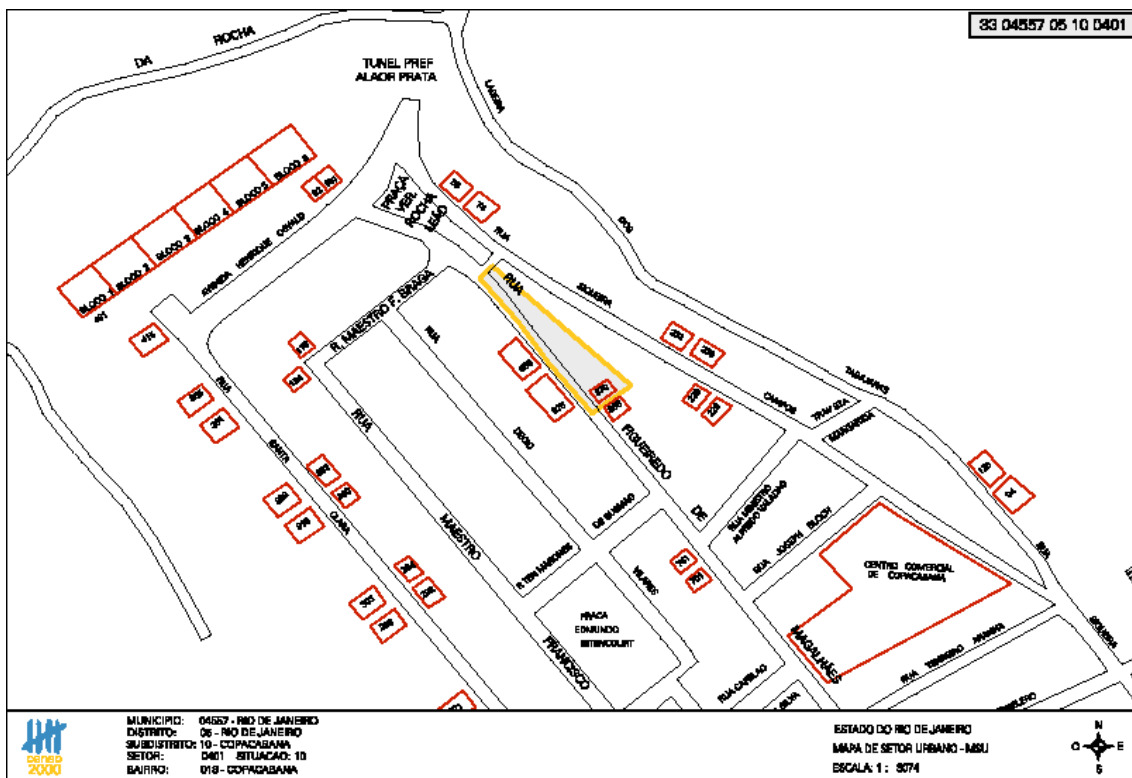
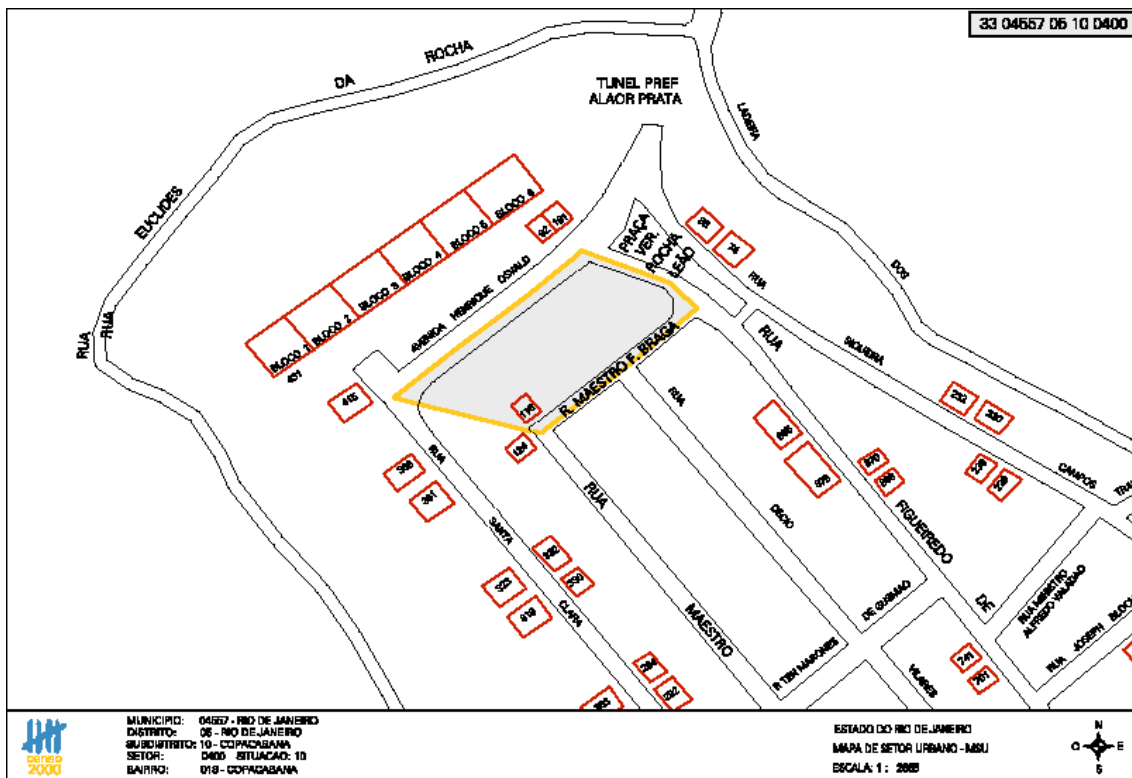


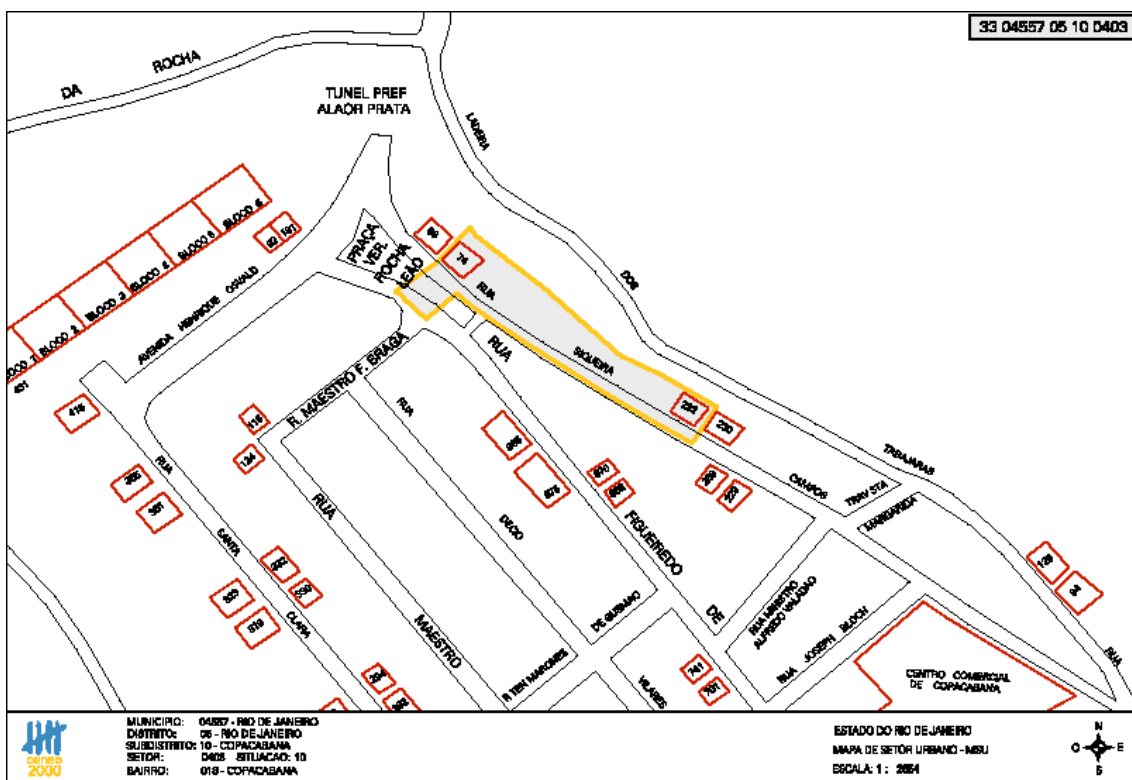
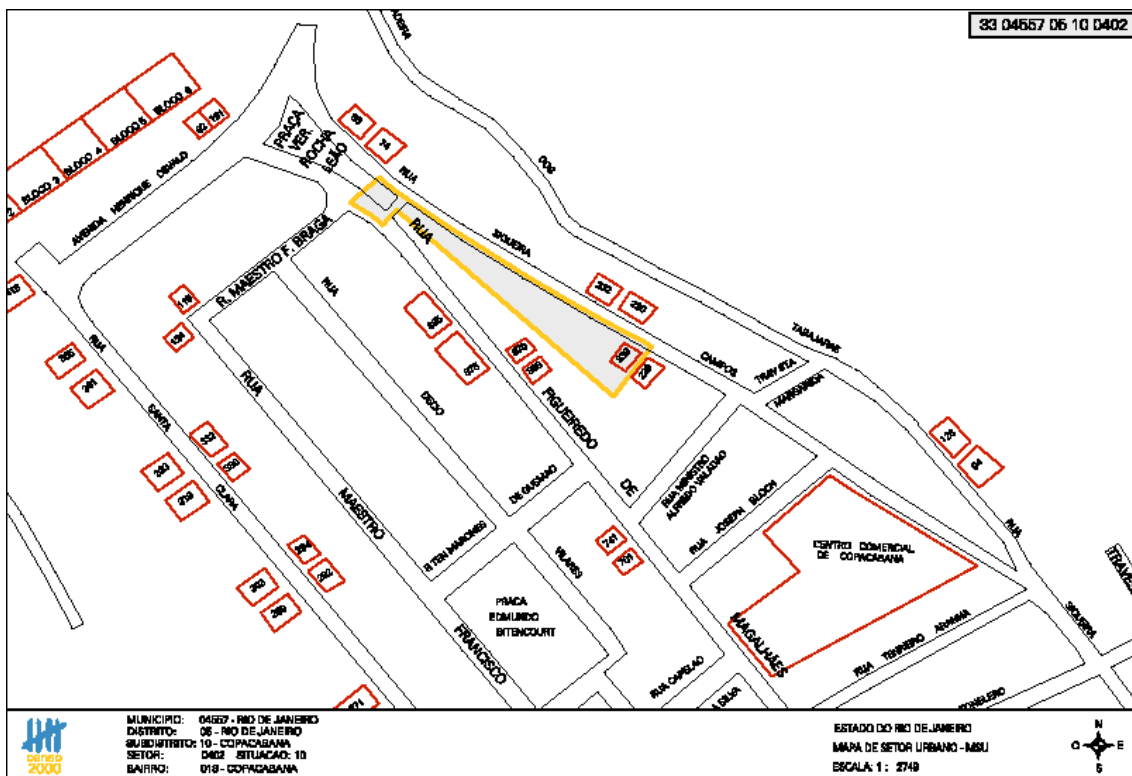


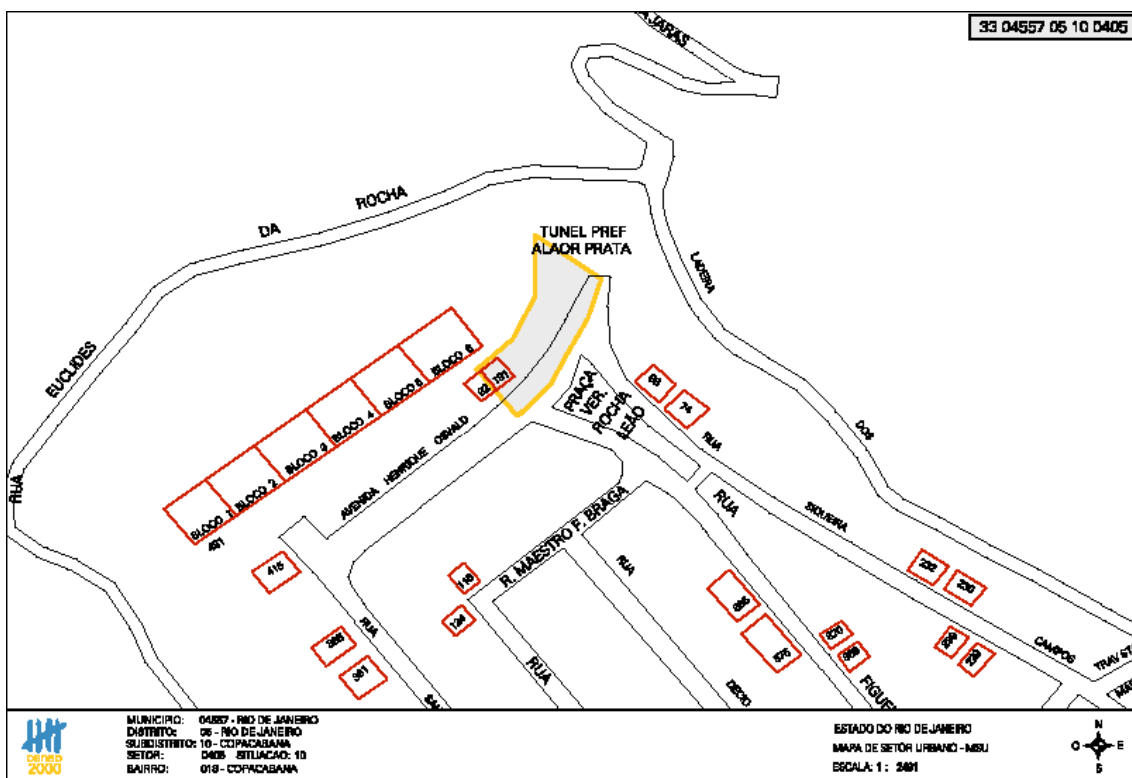
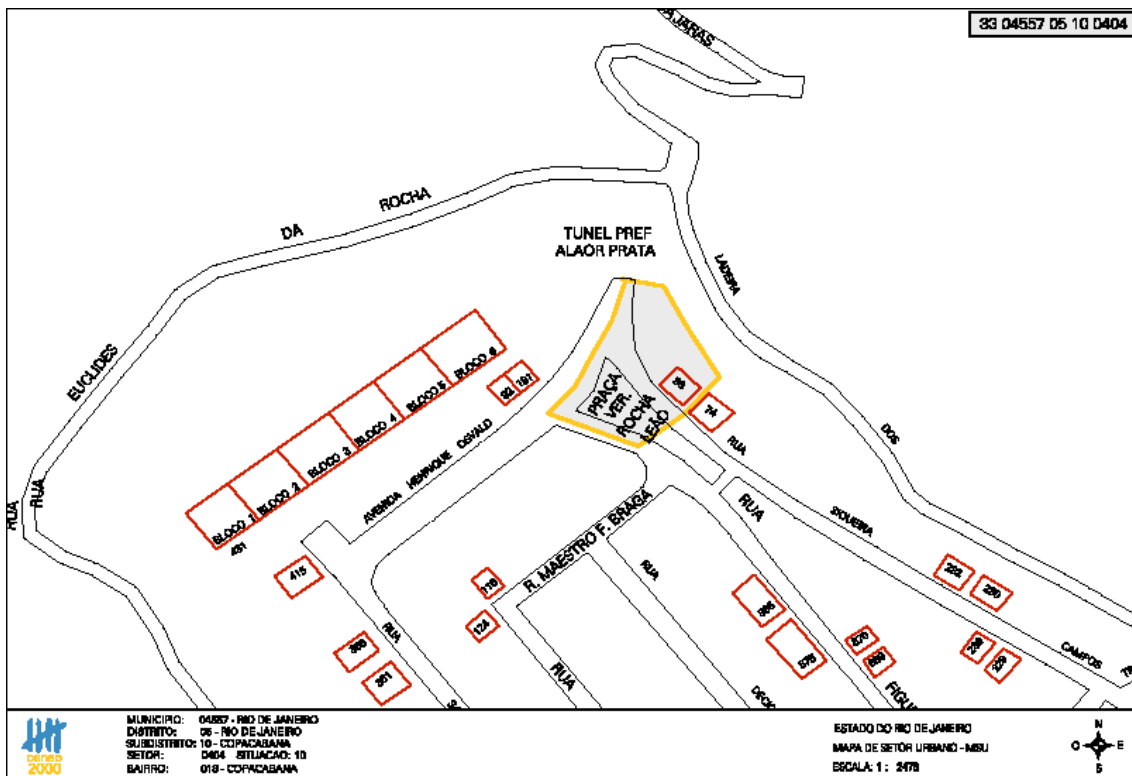


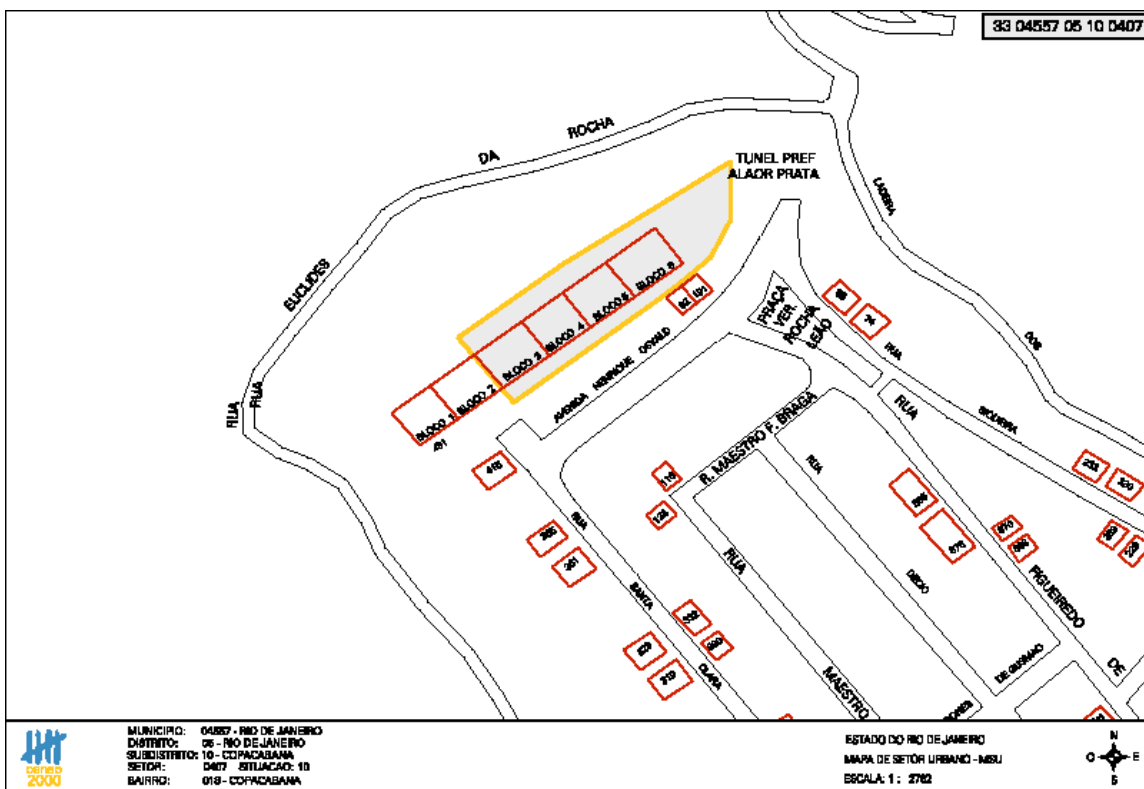
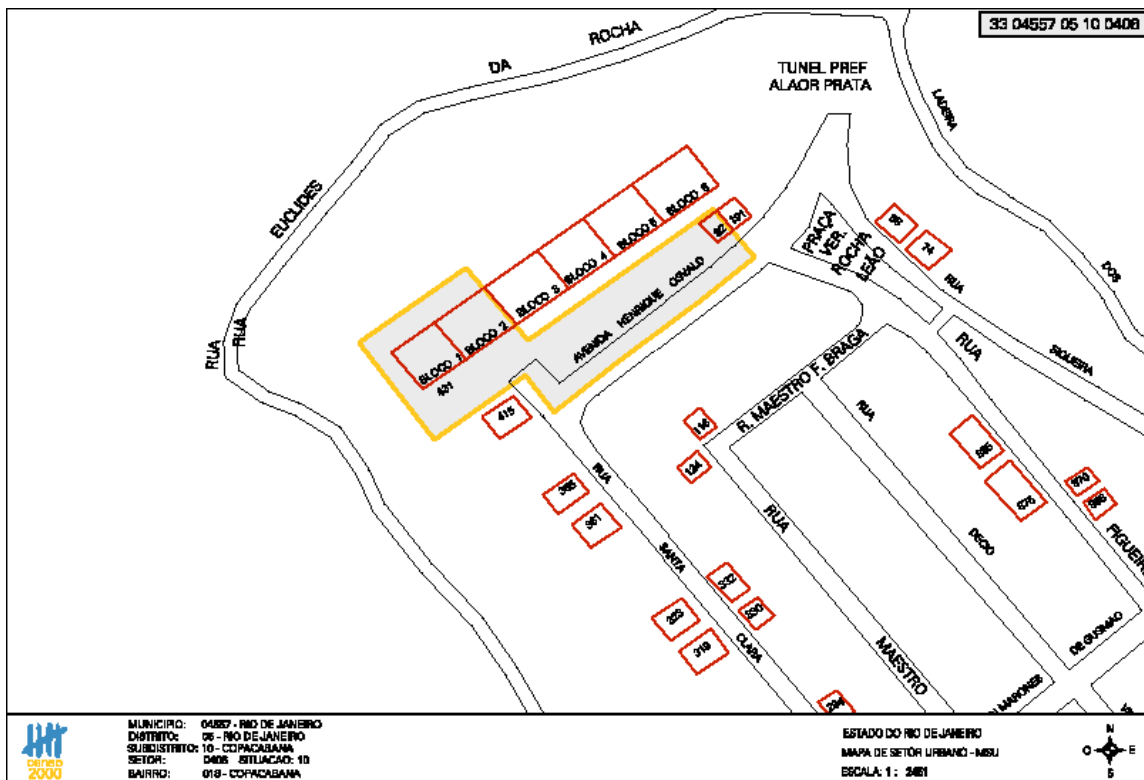












12 . ANEXO 2**LEI QUE CRIA A APA DO BAIRRO PEIXOTO E REGULAMENTAÇÃO****D.O. RIO****Ano III. n ° 46 – Rio de Janeiro – Quarta-feira, 24 de maio de 1989.**

LEI N ° 1390 DE 12 DE MAIO DE 1989

CRIA A ÁREA DE PROTEÇÃO DO AMBIENTAL DO BAIRRO PEIXOTO, EM COPACABANA , V REGIÃO ADMINISTRATIVA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Autor: Vereador MAURÍCIO AZEDO

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, faço saber que a Câmara do Município do Rio de Janeiro decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. – Fica criada a Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto, em Copacabana, V Região Administrativa, integrada pelos seguintes logradouros:

- I. Praça Edmundo Bittencourt;
- II. Rua Décio Vilares;
- III. Rua Maestro Francisco Braga;
- IV. Rua Anita Garibaldi, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e a Praça Edmundo Bittencourt;
- V. Rua Santa Clara, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e a Rua Henrique Oswald;
- VI. Rua Figueiredo Magalhães, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e o emboque da pista inferior do Túnel Alaor Prata;
- VII. Rua Siqueira Campos, no trecho compreendido entre a Rua Tonelero e o emboque da pista superior do Túnel Alaor Prata;
- VIII. Rua Tonelero, lado par, no trecho compreendido entre as ruas Siqueira Campos e Santa Clara;
- IX. Rua Henrique Oswald;
- X. Rua Tenente Marones de Gusmão;
- XI. Rua Capelão Alvares da Silva;
- XII. Rua Soseph Bloch
- XIII. Rua Lacerda Coutinho;
- XIV. Praça Vereador Rocha Leão;
- XV. Rua Tenreiro Aranha;
- XVI. Ladeira dos Tabajaras;
- XVII. Travessa Santa Margarida.

Art. 2º. – Na Área de Proteção Ambiental ora instituída, as novas edificações não poderão ultrapassar a altura de 15 (quinze) metros, considerados todos os elementos constitutivos

Art. 3º. – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Nas edificações deste grupo, qualquer obra de modificação ou acréscimo deverá ser previamente aprovada pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural. Ficam proibidas as demolições e obras que venham descaracterizar fachadas, coberturas e quaisquer outros elementos decorativos relevantes;

GRUPO II

As demolições, construções e quaisquer obras a serem efetuadas nas edificações deste grupo deverão ser previamente aprovadas pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes.

Art. 3 ° - Em caso de pintura e quaisquer outros reparos, para os quais normalmente não é exigida a apresentação de projeto, será obrigatória a apresentação de fotografia no tamanho mínimo de 9 cm X 12 cm, com o esquema de alteração pretendidas.

Art. 4 ° - Em caso de demolição não licenciada ou de sinistro, poderá o Departamento Geral de Patrimônio Cultural estabelecer a obrigatoriedade de reconstrução da edificação, mantidas as suas características originais. Em caso de obras ilegais, inclusive acréscimos, o órgão poderá também exigir a reconstituição do imóvel.

Art. 5º. – Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1990 – 426 ° ano da Fundação da Cidade

MARCELO ALENCAR
ARANALDO DE ASSIS MOURTHÉ
GERARDO MAJELLA MELLO MOURÃO

Anexo I

GRUPO I

Rua Anita Garibaldi,
105, 90

Rua Décio Vilares,

157, 169, 203, 217, 229, 241, 253, 289, 301, 323, 335,
52, 96, 110, 140, 154, 184, 194, 210, 228, 286, 316, 330, 346

Praça Edmundo Bittencourt,
16

Rua Henrique Oswald,

87, 131, 145, 173, 179

Rua Maestro Francisco Braga,

175, 181, 205, 223, 235, 247, 265, 283, 331, 353, 509, 533

76, 90, 116, 124, 140, 170, 184, 200, 216, 230, 246, 260, 276, 290, 336, 350,
396, 420, 442, 460, 486, 502, 516, 532, 546, 590,

Rua Santa Clara

413,

Rua Tenente Marones de Gusmão,
23, 85

GRUPO II

Rua Anita Garibaldi,
91, 101

Rua Décio Vilares,
191
6, 36, 60, 80, 300, 360

Rua Henrique Oswald,
115, 155,

Rua Maestro Francisco Braga
187, 295, 307, 319, 537, 585

64, 156, 366, 380, 410, 570.

D.O. RIO**Ano III. n.º 247 – Rio de Janeiro – Quarta-feira, 14 de março de 1990.**

Decreto n.º 9226 DE 13 DE Março de 1990.

REGULAMENTA a Lei n.º 1390, de 12 de maio de 1989 que criou a **ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DO BAIRRO PEIXOTO**, em Copacabana, V Região Administrativa, e dá outras providências.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais tendo em vista o que consta do processo n.º 12/27 49/87, e

CONSIDERANDO a necessidade de regulamentar a Lei n.º 1390, de 12 de maio de 1989, que criou a Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto;

CONSIDERANDO que o Bairro Peixoto constitui-se em um projeto de ocupação de espaço urbano peculiar no Bairro de Copacabana;

CONSIDERANDO a necessidade de estabelecer parâmetros para a proteção do patrimônio cultural da área em questão;

CONSIDERANDO os estudos desenvolvidos pelo Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes;

DECRETA:

Art. 1.º – Para efeito de proteção cultural da Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto, em Copacabana, V Região Administrativa, Lei n.º 1390, de 12 de maio de 1989, ficam sob a tutela do Departamento Geral de Patrimônio Cultural as edificações relacionadas no Anexo I deste Decreto, divididas em dois grupos.

Art. 2.º - As edificações que integram os grupos mencionados no artigo anterior deverão obedecer aos seguintes parâmetros:

GRUPO I

13 . REFERÊNCIAS .

AIZEN, Mário : BAIRRO PEIXOTO : O OÁSIS DE COPACABANA. Rio de Janeiro : Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1997.

ACP 803 : PESQUISA INTERDISCIPLINAR, Seminários de Dissertação – Notas de aulas . Profa. Eleonora Sad de Assis.

BARCELLOS, Vicente Quintella – IDÉIA DE UNIDADE DE VIZINHANÇA E SUAS ORIGENS, UnB, gbarcellos@tba.com.br

BARRETO, Paulo (João do Rio) - A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS . Fundação Biblioteca Nacional / Domínio Público, 1908.

BELLO, José Luiz - CRONOLOGIA DO RIO DE JANEIRO : Evolução histórica da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em relação à história do Brasil e à história do Mundo – Linha do Tempo. Rio de Janeiro, 2004

BH 105 ANOS – O ESTADO DE MINAS, Ilhas de Sossego, Suplemento.

BRASIL – IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2000. Setores Censitários / Descrição dos Setores / UF-33 Bairro Copacabana, IBGE, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri - O Espaço Urbano. Novos Escritos Sobre a Cidade.

CARDEMAN, David – O RIO DE JANEIRO NAS ALTURAS. Rio de Janeiro: Mauad.2004.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. – HISTÓRIA DOS BAIROS / memória urbana: Copacabana. Rio de Janeiro, PUR-UFRJ, 1986.

CARVALHO, Ronaldo Cerqueira – RIO DE JANEIRO : Uma cidade conectada por túneis, IPP, PMRJ, 2004.

CONFORTO E SEGURANÇA SÃO OS ATRATIVOS DAS VILAS RESIDENCIAIS – www.novomilenio.inf.br/santos/h0230c6.htm

CONZEN, M.R.G. – As paisagens urbanas históricas na Inglaterra – Um problema de Geografia Aplicada (1968)

DUARTE, Cristóvão Fernandes – Forma e Movimento, RJ, Viana & Mosley: Ed. PROURB,2006.

GOYA, Paula da Cruz Landim y. - Relações entre a percepção e preservação do patrimônio arquitetônico.

GOODE, W.J. & HART, P.K. – Métodos em Pesquisa Social, SP : Cia.Ed. Nacional, 1989.

HARVEY,David – PROCESSOS SOCIAIS E FORMA ESPACIAL, in A JUSTIÇA SOCIAL E A CIDADE, SP, Hucitec, 1980.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo : Martins Fontes, 1997.

MAYHEW, Susan & Penny, Anne - DICIONÁRIO DE GEOGRAFIA OXFORD. Ed.Oxford,1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor – OS PEDAÇOS DA CIDADE, in ESPAÇO & DEBATE, Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano 2, nº5, MAR/JUN 1982,SP.

_____, - A RUA E A EVOLUÇÃO DA SOCIABILIDADE, in OS URBANITAS, Revista Digital de Antropologia Urbana. ISSN :1806-0528, SP, 1993.

MOSER, Gabriel – PSICOLOGIA AMBIENTAL, palestra UFRN, 27/08/1997.

MOUDON, Anne Vernez – Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. Manuscript (1999)

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – O RIO DE JANEIRO E SEUS PREFEITOS, LOGRADOUROS E PAAs RESPECTIVOS. Eng. José de Oliveira Reis, 1977, RJ.

ROCHA, Maria Helena, PAIVA, José Eustáquio Machado de, PEREIRA, Maria de Lourdes Dolabela Luciano – MORFOLOGIA URBANA E VIZINHANÇA DESORGANIZADA COMO CONDIÇÃO FAVORÁVEL À EXACERBAÇÃO DO CRIME, in Rev. Méd. Minas Gerais, 2007;17 (1/2 Supl.4):S272-S280

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, A CIDADE COMO UM JOGO DE CARTAS. Niterói : EDUFF; S.Paulo: Projeto Editores,1988.)

SANTOS, Thais Helena dos. "Contextualização" (verbetes). *DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=55>, visitado em 9/5/2009.

SENNETT, R., CARNE E PEDRA: O CORPO E A CIDADE NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TEXTOS SOBRE SEGREGAÇÃO URBANA – in O QUE É CIDADE, Raquel Rolnik, Ed. Brasiliense, 1988.

VELHO, Gilberto – A UTOPIA URBANA, um estudo de antropologia social, RJ, Zahar,1978.

VISITA SENTIMENTAL AO BAIRRO GRATIDÃO – Rua Gen. Espírito Santo Cardoso, 350. Muda da Tijuca, RJ, 2000.

www.marcilio.com/rio - PÁGINAS DA HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO. PÁGINAS DE ENCANTOS DO RIO DE JANEIRO.

VON DER WEID, Elisabeth - O BONDE COMO ELEMENTO DE EXPANSÃO URBANA NO RIO DE JANEIRO, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 30p., s/d.

YIN,Robert K. – Case Study Research. Design and Methods, Sage Publications Inc.,USA,1989